UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

DOUTORADO EM ANTROPOLOGIA

Rolf Ribeiro de Souza

O lazer agonístico: Como se aprende o que significa ser homem num bar de um bairro suburbano

Niterói – RJ

2010

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

DOUTORADO EM ANTROPOLOGIA

Rolf Ribeiro de Souza

O lazer agonístico: Como se aprende o que significa ser homem num bar de um bairro suburbano

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Antropologia.

Orientadora: Profª Drª Simoni Lahud Guedes

Niterói – RJ

2010

Banca Examinadora

_____

Profª. Drª. Simoni Lahud Guedes (Orientadora)

Universidade Federal Fluminense

_____

Prof. Dr. Julio César de Souza Tavares

Universidade Federal Fluminense

_____

Prof. Dr. Edilson Márcio Almeida da Silva

Universidade Federal Fluminense

_____

Prof. Dr. Luiz Fernando Rojo Mattos

Universidade Federal Fluminense

_____

Profª Drª Sandra Carneiro

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

_____

Prof. Dr. Thaddeus Gregory Blanchette

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Dedicatória

Ao Deus Altíssimo por ter me sustentado em momento em que tudo parecia perdido;

A memória de meus pais e avós, em especial aminha avó Hilda que me deu condições e estímulos para eu entrar e manter-me em uma universidade;

Aos meus filhos Bartira e Jetro, principalmente para ele que ficou privado de 70% de seu pai durante o meu doutorado; e

A Jesus, meu Senhor e Salvador, que segura minha barra e me ajuda a segurar a barra querer ser antropólogo em um país como o que nasci.

Agradecimentos

Embora eu esperasse ansiosamente por este dia, quando ele chegou, eu vi que estava diante de um problema... Fazer os agradecimentos na minha tão sonhada tese não seria tarefa fácil, temo fazer alguma injustiça, mas vou correr este risco...

Antes de tudo agradeço a Javé, Deus Todo-Poderoso, que através de seu Espírito, me ajudou a segurar as várias barras-pesadas que enfrentei durante estes anos do meu doutorado: Uma apendicectomia em junho de 2006, quinze dias de UTI Neo-Natal do meu filho em agosto no mesmo, entre outras que não são convenientes falar aqui, senão este espaço corre o risco de se tornar um muro das lamentações e agora é hora de agradecer. Obrigado, Senhor!

Agradeço a paciente orientação da professora doutora Simoni Lahud Guedes. Seu grande conhecimento da Teoria Antropológica se confunde com seu gosto por ensinar. Eu lembro que nós nem nos conhecíamos direito e ela demonstrou interesse na minha idéia de pesquisa, espero não ter me afastado muito de suas expectativas.

Agradeço ao PPGA/UFF na pessoa de sua secretária Ilma Chagas Cockrane (que por uma coincidência é irajaense) e auxiliar administrativo Salvador por sua paciente assistência, sem eles as coisas certamente seriam mais complicadas para mim a cada semestre.

Ao professor doutor Marco Antonio da Silva Mello de quem fui aluno e com que eu passei agradáveis horas no LeMetro aprendendo mais sobre “O Maravilhosa Mundo Encantado (às vezes nem tanto) da Antropologia”.

A professora doutora Sylvia França Schiavo que, embora eu não tenha sido seu aluno, tive a oportunidade de bate longos papos na Praça do Gragoatá.

Ao professor doutor Julio Cesar Tavares de Souza que tive o prazer de ter sido seu aluno, ao mundo tempo em que foi muito bom ver que não sou o único antropólogo negro no Brasil.

Aos colegas do grupo de pesquisa: Michelle Lessa, Edilson Márcio, Pedro Pio, Martin Curi, Michele Markowitz, Izabella Pimenta, com estas duas últimas tivemos longas conversas sobre nossas pesquisas regadas à muitas cafeínas. A Izabella cabe ainda mais um agradecimento: ela fez a revisão final do texto para depositar no PPGA.

Aos meus colegas do PPGA que juntos enfrentamos as dores e as delícias de um curso de Pós-Graduação em Antropologia.

Aos meus alunos e alunas do período em que fui professor substituto no curso de Ciências Sociais da UFF, vocês confirmaram minha vocação para lecionar, não sei se fui bom professor, mas foi bom vocês como alunos/as.

A comunidade científica do PPGA/UFF, com vocês mais do que nunca, eu aprendi a ser antropólogo, com todos os riscos que isto significa.

A Odirce, Suzana e o Luiz da Editora Bruxedo que acreditaram em mim.

Ao meu camarada Daniel Tendler que cismou em se meter com um antropólogo. Nossas conversas me fizeram enxergar possibilidades na Antropologia que eu nem imaginava existir.

Ao Nei Lopes sua inteligência e criatividade são inspiradoras, mais uma vez quando eu crescer quero ser pelo menos parecido com você.

Ao senhor Ronaldo, erudito irajaense, que me fez conhecer mais sobre nosso amado bairro.

Ao Leo, uma pessoa muito importante na minha vida, muito do que sou como homem, aprendi com você.

Aos moradores de Irajá em especial da ***área*** onde fiz meu trabalho de campo, sem vocês seria impossível.

Ao meu queridíssimo Irajá, como eu continuo sem saber fazer samba, o que eu escrevo é a única coisa que posso te dar.

Aos meus amados irmãos e irmãs, Renato, Beto, Bianca, Beatriz e Rildo, vocês estão entre as pessoas que mais amo no mundo.

Aos meus sobrinhos e sobrinhas, vocês são muitos, mas amo a todos da mesma forma.

Aos meus compadres Eduardo e Márcio, vocês às vezes ligavam em momentos em que estava a ponto de jogar tudo para o alto e ir para o interior tentar criar galinha, seus telefonemas foram lenitivos para mim. Valeu!

A Maria Batista que me deu grande assistência logo após minha operação de apendicite, além de sua amizade sempre presente.

Aos meus sogros Ademir e Elinete, em especial a minha sogra que me ajudaram muito, mas principalmente com os cuidados com meu filho, sem este apoio seria mais caótico que foi escrever a minha tese, talvez fosse impossível.

Aos meus filhos Bartira e Jetro. Vocês são as melhores coisas que já fiz nesta minha curta existência. E com ele passei a ter uma imensa responsabilidade de criar um homem em tempos tão difíceis, além de me ensinar a digitar com uma das mãos e dar mamadeira com a outra. Agora que o doutorado terminou, não tenho mais desculpas para não me transformar em alienígena tantas vezes quanto você me pedir..

A memória de meus pais, Roberto e Zoraide, sinto muita falta de vocês. Vocês me deixaram muito cedo e eu gostaria que vocês estivessem comigo agora.

Aos meus avós, Claudionor, Argentina, Arlindo e Hilda, em especial a vovó Hilda, sem seu apoio teria sido impossível eu entrar em uma universidade pública, se entrasse, não ficaria. Seu apoio fui fundamental, descanse em paz!

Por fim, e o mais importante ao meu Senhor e Salvador, Jesus Cristo. Ele me inspirou, me motivou, mesmo quando eu já tinha desistido de tudo. Se não fosse pelo seu amor e compreensão eu teria derretido. Louvado seja o seu Santo Nome!

Epígrafe

Batuque na Cozinha

Batuque na cozinha
Sinhá não quer
Por causa do batuque
Eu queimei meu pé

Não moro em casa de cômodo
Não é por ter medo não
Na cozinha muita gente sempre dá em alteração

(...)

Então não bula na cumbuca
Não me espante o rato
Se o branco tem ciúme
Que dirá o mulato

Eu fui na cozinha
Pra ver uma cebola
E o branco com ciúme
De uma tal crioula

Deixei a cebola, peguei na batata
E o branco com ciúme de uma tal mulata
Peguei no balaio pra medir a farinha
E o branco com ciúme de uma tal branquinha

Então não bula na cumbuca
Não me espante o rato
Se o branco tem ciúme
Que dirá o mulato

(...)

Mas o batuque na cozinha
Sinhá não quer
Por causa do batuque
Eu queimei meu pé

Mas seu comissário
Eu estou com a razão
Eu não moro na casa de arrumação
Eu fui apanhar meu violão

Que estava empenhado com Salomão
Eu pago a fiança com satisfação
Mas não me bota no xadrez
Com esse malandrão
Que faltou com respeito a um cidadão
Que é Paraíba do Norte, Maranhão

João da Baiana. Escrito em 1917 e gravado em 1968

Você não sabe o quanto eu caminhei para chegar até aqui...

(Cidade Negra)

[Davi] pegou o seu bastão, escolheu cinco pedras lisas no ribeirão e pôs na sua sacola. Pegou também a sua funda e saiu para enfrentar Golias.

I Samuel 17:40

RESUMO

O bar e a rua são espaços privilegiados da sociabilidade masculina, onde os homens celebram, afirmam e legitimam suas masculinidades. Os valores compartilhados por eles mostram uma pluralidade de masculinidades transforma estes espaços no palco de performances masculinas que se pretendem hegemônicas. Este trabalho privilegiou um bar suburbano, por ser o *Subúrbio* um dos principais referenciais de uma identidade carioca e através de uma observação participante mostra como o lazer é um momento importante para a construção da masculinidade e a transmissão de valores como honra, lealdade e respeito.

PALAVRAS-CHAVE: Antropologia urbana, masculinidades, subúrbio carioca, representações sociais, hegemonia.

ABSTRACT

The bar and the street spaces are privileged sociabailidade male, these are spaces that men celebrate, affirm and legitimize their masculinity. These figures show that they share a plurality of masculinities, passing through that space, so the bar becomes the scene of male performances that are intended to be hegemonic. This work focused a suburban bar, being the *Subúrbio* of the main references of Carioca's identity and through participant observation shows how leisure is an important moment for the construction of masculinity and the transmission of values such as honor, loyalty and respect.

Key words: Urban anthropology, masculinities, manhood, suburbs, social representation, hegemony.

Sumário

Dedicatória..... 4

Agradecimentos..... 5

Epígrafe 9

Resumo 11

Abstract 12

1 – Introdução..... 14

2 - As pessoas 21

3 - Quando o masculino virou gênero: Os questionamentos sobre a masculinidade 23
3.1 - Antropologia e os estudos sobre gênero masculino 24
3.2 -Masculinidades hegemônicas e subalternas no Brasil..... 29

4 - Um panorama geral do Subúrbio Carioca..... 41
4.1 - Os Significados do Subúrbio Carioca 47
4.2 - As Representações Suburbanas 50
4.3 - A versão suburbana 55
4.4 - Irajá, Berço do Subúrbio Carioca 61

5 - O encontro com o campo 64
5.1 - A caminho do campo 64
5.2 - Flanando pelo campo 75
5.3 - Quando a rua vira campo 85

6 - Onde os homens se encontram 96
6.1 - Enfim, o campo: a ***área*** e o bar do Pery 96
6.2 - Na companhia dos homens: O bar do Pery..... 112
6.3 - Clube social 141
6.4 - A honra do lugar, a honra dos homens 151
6.5 - Espaço de Temperança 159

7 - Por que o espaço de lazer agonístico é importante para estes homens? 165

8 - Referências bibliográficas 170

1 - Introdução

Em quase todas as sociedades estudadas pelos antropólogos/as ser homem está além do simples fato de ter nascido com um pênis. Ser homem é algo que se constrói a partir dos corpos dos meninos através de provas e ritos que, caso contrário, *los muchachos nunca se convertirán en hombres y seguirán siendo débiles e infantiles*, (…) *los hombres no nacen, sino que se hacen* (Gilmore, 1994: 25). Esta masculinidade desejada, valorizada e aspirada por todos os meninos e homens é o que Raewyn Connell (1995) chama de *masculinidade hegemônica* – representações e práticas que constituem a referência socialmente legitimada desta masculinidade que é heterossexual e branca. Ela é o ponto de referência que um varão seja reconhecido como homem de verdade, porém, este modelo não é estático, ele varia em cada sociedade, podendo mesmo variar dentro de uma sociedade dada, entretanto, este modelo hegemônico pode ser subvertido ou mesmo desprezado quando verificamos as várias masculinidades que pululam nos vários setores de uma sociedade complexa como a brasileira, por exemplo. E, embora esta masculinidade seja aspirada por todos os homens, ela é inalcançável para a maioria deles e, paradoxalmente, os que fracassam na empreitada para alcançá-la são apontados desdenhosamente como exemplos negativos de masculinidade que, por outro lado, servem para reforçar ainda mais o glorioso ideal de masculinidade (Gilmore, 1995), em outras palavras, a masculinidade é conquistada vencendo-se pequenas batalhas cotidianas com honra e louvor (Nolascos, 2001: 97). Assim, cada sociedade cria seus ritos de passagem para a transição da fase infantil para a fase adulta, quando a criança passa e ser considerada um homem, até então, ele é apenas um aspirante e esta conquista é efêmera, pois a masculinidade é de posse temporária e durante praticamente toda a sua vida o sujeito terá que dar provas que honra *as calças que veste* que não é um *calça frouxa***,** *um babaca - o*

antípoda do ideal de autodeterminação de um homem de verdade (Souza, 2003). Isto significa que os homens têm que a todo o momento demonstrar que são merecedores de serem reconhecidos como tal, desta forma, os homens estão sempre sob observação de seus pares (e das mulheres, obviamente) que os avaliam aprovando ou não o seu desempenho. Para conseguir a aprovação de seu grupo, desde cedo os homens aprendem como devem se comportar, o modo de andar, vestir, sentar, o que falar, como falar, sobre o que falar, etc. Eles estão sob escrutínio constante, mas como disse anteriormente, todos os homens têm que dar provas de ser um *homem de verdade* e, embora esta obrigação fique menos dramática a medida que se envelhece, ela não termina nunca, assim, ser homem é algo que se aprende e se ensina durante toda a vida. Mas onde e como isto acontece? Quem são aqueles que podem ensinar? E, por fim, mas não menos importante, o que se ensina para que este sujeito seja reconhecido como portador de uma masculinidade hegemônica?

Para conhecer esta masculinidade tão desejada devemos observar suas *performances* e saber quais são os valores importantes para o grupo observado, caso contrário podemos cair em armadilhas reproduzindo estereótipos criados pelos grupos hegemônicos que apontam os homens pobres, negros e homossexuais como masculinidades falhas, incompletas, em outras palavras, uma masculinidade subalterna (Connell, 1995) que também apontam os homens das classes trabalhadoras como brutos, beberrões, que são excessivamente preocupados com sua masculinidade, maus pais, opressores de suas mulheres, em outras palavras, estes homens são machistas[1], fazendo

[1] Veremos o quanto esta categoria é problemática como categoria de análise em **Antropologia e nos estudos sobre gênero masculino.**

deles exemplos negativos da masculinidade que, por outro lado, valoriza a masculinidade de homens dos extratos altos e médios. Estes estereótipos são abundantes na mídia e no senso comum como um todo, e "contaminou" também os estudos sobre masculinidades no Brasil, *a representação social da masculinidade aparece nos estudos de gênero como aquela que retém em si as características do mundo tradicional que deve ser combatido* (Nolascos, 2001: 47) é o alvo preferencial, quase exclusivo, deste combate, são os homens portadores da masculinidade subalterna. Porém, a masculinidade deve ser compreendida no contexto que ela existe, pois

> *os homens não são uma massa homogênea, monolítica e invariável como descrito no modelo tradicional. Isto sugere que não existe um modo de ser masculino, mas uma variedade de modalidades e masculinidades que não são somente diferentes, mas freqüentemente contraditórias* (Mirandé, 1998:17, tradução minha)[2].

Deste modo, o principal objetivo deste trabalho é justamente compreender algumas destas masculinidades, quais são os critérios e valores importantes compartilhados, como e onde eles são transmitidos. Eu não quis fazê-lo em um bar, achei que poderia fazer uma investigação em outros espaços, queria fugir da idéia de que homens

[2] **Tradução livre:** *The men do not constitute a homogeneous, monolithic, unvarying mass, as was depicted in the traditional model. This suggests that there is not one masculine mode but a variety of modalities and masculinities that are not only different, but often contradictory.*

.

pobres só vivem em bar, mas como veremos, minhas tentativas de investigar em outro lugar foram infrutíferas, eu era levado por eles para a rua e dela para o bar e, como um antropólogo tem que estar onde o nativo está, foi lá que fiquei a maior parte dos 14 meses que eu permaneci em campo.

Estar entre homens sendo homem não garante uma inserção no grupo é preciso ser aceito. O fato de ser um homem negro e suburbano facilitou meu acesso, mas em momento nenhum isto por si só garantiria minha aceitação. Esta identificação com o grupo traz uma outra questão, pois por mais pesquisador que eu quisesse ser, por mais que eu quisesse manter uma posição objetiva, ela jamais poderia ser distante . Minha presença era solicitada a todo o momento, por vários motivos que veremos no decorrer do trabalho, mas principalmente por eu ser um homem e como tal, tinha muito que aprender com aqueles senhores, afinal eu era um dos mais novos, pois o grupo de senhores onde eu concentrei minha atenção era composto por homens com idades que giravam em torno de 50 a 70 anos. Por outro lado, por ser reconhecido por estes homens como aquele que conhece os códigos e valores do grupo eu não podia utilizar uma estratégia cara à Antropologia que é alegar certo desconhecimento, assim, para poder fazer qualquer tipo de pergunta sem temer ser inconveniente com isso, foi preciso criar outras estratégias, como por exemplo, quando eu queria saber como uma pessoa via sua própria cor eu procurava fazer com que ela se descrevesse. Se eu simplesmente perguntasse "qual é a sua cor?" eu poderia obter uma resposta que o meu interlocutor imaginasse que eu gostaria de ouvir. Ou quando eu queria saber qualquer coisa sobre um determinado assunto eu tinha que dar um jeito de introduzi-lo em uma conversa e torcer para que este assunto fosse digno de atenção do grupo. Assim, a minha posição não poderia ser de um mero expectador, eu não poderia ficar somente olhando e ouvindo, embora eu saiba que *há que se saber ouvir* (Oliveira, 1998:21), no meu

campo é de fundamental importância saber falar e conhecer certas categorias e conceitos caros àquele grupo e saber usá-los no momento oportuno (Souza, 2003).

Isto me colocava em uma posição metodologicamente complicada, pois eu não podia induzi-los a falar o que eu queria ouvir, mas sim apenas provocá-los para que eles falassem sobre um assunto que me interessava do jeito que eles achassem melhor, entretanto, muitas vezes eu tive que me contentar com o fato de que algumas questões que eu achava importante para mim não faziam o menor sentido para eles, coisas do campo... Para descrever estas conversas, não abri mão de reproduzir o que foi dito no campo, por isso, achei importante reproduzir no texto os palavrões que fazem parte do falar destas pessoas e que, embora possam ferir sensibilidades de alguns leitores/as mais sensíveis, não caberia a mim depurar a fala daqueles homens com eufemismos, reticências ou recursos gráficos como #$💣☠☹! ou *M...*, *PQP* em lugar dos inúmeros vernáculos chulos utilizados por eles, e repletos de sentidos e significados, que expressam os contextos e repertórios do grupo. Minha proposta não foi chocar, mas textos antropológicos em geral não são escritos para crianças, mas adultos.

Um outro recurso que utilizei que se mostrou muito útil, foi a fotografia. Ela foi um complemento ao caderno de campo, pois enriqueceu os dados coletados, algumas situações por melhor que as descrevesse, perderiam sua riqueza de detalhassem este recurso, assim as fotos não são meras ilustrações, *mas antes elas ampliam o campo de observação, trazem elementos que excedem o texto e devem ser consideradas parte integral do texto e como tal elas devem ser lidas como um texto* (Souza, 2003), eu acredito que o uso de uma filmadora fosse talvez mais enriquecedora, mas infelizmente naquele ambiente não era favorável a utilização deste recurso, pelo menos para alguém sozinho no

campo, a dinâmica do bar exigia no mínimo um auxiliar para captar sua movimentação. Outro recurso que utilizei foi descrever as pessoas com quem eu mantive mais contato logo no início do texto, em um capítulo que chamei de *As pessoas*, nele conheceremos as pessoas mais importante com quem convivi durante meu trabalho de campo, obviamente seus nomes foram trocados para preservar sua identidade/privacidade, pois embora não fosse segredo para estas pessoas o que eu fazia lá, o que se faz no campo, só se conta o milagre e não o nome do santo.

Eu tentei fazer algumas entrevistas, mas enfrentei dificuldades para fazê-las, embora eu tenha conseguido marcar algumas, elas eram sempre desmarcadas e as que eu consegui não foram satisfatórias, então, além da observação livre *colhendo impressões, descrições,situações e cenas da maneira mais minuciosa possível* (Perlongher, 1987: 35), optei também pela entrevista itinerante (Idem) onde eu procurava nas conversas obter informações que eu sabia que não conseguiria através de entrevistas estruturadas. Por fim, a experiência etnográfica é sempre uma tarefa árdua, pois *obriga seus participantes a experimentar, tanto em termos físicos quanto intelectuais, as dificuldades de transmitir em texto escrito as experiências de campo* (Clifford, 1998:20) pelo fato de ser um texto que tem muito de pessoal ao mesmo tempo em que se faz ciência e o resultado final de uma etnografia é um texto que não é nem a minha própria experiência, nem a experiência real dos membros do grupo, mas uma interpretação baseada em minha observação de campo (Almeida, 1995). Na convivência com estes homens eu aprendi o que significa o respeito, a consideração e honra, ou seja, o que significa ser um *homem de moral* para eles, o que não quer dizer que eu concordasse com tudo que via e ouvia, como por exemplo, comentários e piadas homofóbicas, sexistas e racistas, entretanto, não cabe ao antropólogo/a julgar o grupo que pesquisa, mas compreender o que isto significa para eles.

Assim o resultado do trabalho foi dividido em cinco capítulos. O primeiro *Quando o masculino virou gênero: Os Movimentos Sociais e os questionamentos sobre a masculinidade*, onde eu discuto como o gênero masculino, a partir da agenda dos movimentos sociais, tornou-se objeto tardio da Antropologia; no segundo capítulo *Uma brevíssima história do Subúrbio Carioca*, faço uma apresentação do lugar onde fica o meu campo, o Subúrbio Carioca e quais seus significados e representações para os moradores/as da cidade do Rio de Janeiro; no terceiro *A versão suburbana* que é de certa forma um continuação do capítulo anterior. Aqui apresento justamente o ponto de vista do nativo, ou seja, o que alguns suburbanos pensam do lugar onde moram e algumas produções culturais que são conhecidas apenas nesta parte da cidade; a partir do quarto capítulo, *Onde os homens se encontram*, apresento o campo onde desenvolvi meu trabalho de campo; no quinto *Enfim, o campo: a **área** e o bar do Pery¸* veremos e ouviremos os homens em ação, suas conversas, como eles ensinam e aprendem os significados de ter ou não *moral*, categoria importante para estes homens; e por fim, em *Considerações finais* faço uma avaliação do trabalho e quais suas possíveis contribuições no campo de estudos de gênero na Antropologia, em especial.

2 - As pessoas

Ao longo do trabalho conversei e tive contato com várias pessoas da Rua Claudionor Ribeiro e das circunvizinhas, alguns deles, como seguem as descrições abaixo, foram os meus informantes privilegiados, com quem mantive um convívio mais intenso. No texto usei nomes fictícios, para pessoas e lugares, procurando, assim, preservar a identidade delas, pois muitos relatos são pessoais e alguns íntimos. Utilizarei no texto a autoclassificação ou as descrições nativas quando se tratava de classificação étnico-racial.

Agnaldo: branco encardido, carioca, 54 anos, químico aposentado, que atualmente trabalha como vendedor autônomo, morador há 50 anos do lado de cima da rua, com ele eu mantive um contato maior do que com os outros moradores deste lado da rua. Ele tem nível superior incompleto.

Gil: negro, carioca, mais ou menos 73 anos, mora na Rua Claudionor desde que nasceu. Casado, três filhos, dois adultos e uma adolescente. Metalúrgico aposentado, embora trabalhe até hoje. Ensino fundamental incompleto.

Gilson: negro, carioca, 46 anos, mora na rua desde nasceu. Casado, um filho de 12 anos. Filho de Gil e Guiomar. Motorista de caminhão. Ensino médio incompleto.

Guiomar: negra, natural e Italva (Região Serrana do Rio), 70 anos, moradora de Irajá desde a adolescência, quando veio para a Capital em busca de melhores condições de vida, casada com Gil há 48 anos. Empregada doméstica aposentada, mas trabalha eventualmente como cozinheira em festa e bufês. Ensino fundamental incompleto.

Maria - Negra, carioca, 70 anos, viúva, aposentada, embora continue trabalhando, mora na rua há 50 anos. Ensino fundamental incompleto.

Mise-en-plis: negro, 65 anos, funcionário público aposentado, nascido na Rua Claudionor Ribeiro. Ensino médio completo.

Paulo: branco, nascido em Minas Gerais, veio para o Rio com os pais ainda criança, 42 anos, veio morar em Irajá na adolescência. Casado, 1 filho de 10 anos. Trabalha como aranha (escreve jogo do bicho). Ensino médio incompleto.

Pery: quase branco, baiano, 44 anos, morador de Irajá desde o início da década de ’80. Casado, dois filhos adolescentes. É proprietário de um bar. Fez curso normal completo.

Rosicleide: branca, também baiana, tem aproximadamente 38 anos. É casada com Pery, moradora de Irajá também desde o início dos anos ’80, quando veio para o Rio depois de casar. Ensino médio completo.

Selmo: negro, carioca, 68 anos, militar aposentado da Marinha, morador da rua há mais de 40 anos. Ensino médio completo.

3 - Quando o masculino virou gênero e os questionamentos sobre a masculinidade

Os movimentos identitários (Feministas, Gay e Negro) questionaram e problematizaram o poder masculino heterossexual e branco nas suas discussões sobre sexo, gênero e *raça* nos anos ’60 e ‘70. Ao lutar para conquistar reconhecimento e visibilidade, estes movimentos fizeram com que surgissem novas reflexões sobre identidades sexuais, étnicas e sobre as relações de poder. Estes movimentos sociais queriam reconhecimento e igualdade na política, na economia e em outras questões relativas à suas demandas, assim, negros, mulheres e homossexuais organizaram-se para contestar a discriminação que sofriam propondo outras mentalidades, outros comportamentos e outras palavras para as relações sociais. Estes grupos foram responsáveis por mudanças epistemológicas que fizeram com que não reconhecer a variável gênero na análise social fosse tão grave quanto menosprezar a classe social (Almeida, 1995). Fizeram, também, com que pela primeira vez no Ocidente os homens se descobrissem possuidores de um gênero socialmente construído, como já era sabido desde pelo menos o século XIX sobre as mulheres (Giddens, 1994), neste contexto surgem às primeiras indagações sobre a masculinidade, porém, apenas nos anos ’80 que estas indagações ganham *status* de campo teórico nos EUA, Inglaterra e Austrália (Arilha, 1998); no Brasil os primeiros trabalhos sobre a masculinidade foram publicados nos anos ’90. Embora hoje haja um número crescente de trabalhos que tratam do tema, a produção brasileira, se comparada com o que há produzido sobre gênero feminino, apresenta um número bastante modesto e a maior parte foi produzida nas áreas da Psicologia e da Saúde Coletiva. Os textos publicados em terras tupiniquins focam quase que exclusivamente temas como saúde, sexualidade e violência (em especial contra as mulheres). As interações entre homens ainda não despertaram maiores interesses, pelo menos a partir de uma perspectiva de gênero. Sobre estas interações, há textos que falam

sobre a *classe trabalhadora* que poderiam ser incluídos nos estudos de gênero masculino, embora estes trabalhos não tenham como palavra-chave "gênero" ou "masculinidade", por exemplo. A Antropologia "descobriu" que os homens têm gênero socialmente construído há muito pouco tempo.

3.1 - Antropologia e os estudos sobre gênero masculino

Durante a maior parte da sua existência, a Antropologia falava para os homens as versões que colhia de outros homens e os pontos de vista destes homens adultos eram tomados como as "versões oficiais" nas pesquisas antropológicas (Guedes, 2008). Há muito pouco tempo a Antropologia passou ver os homens como sujeitos portadores de um gênero específico socialmente construído. Os novos trabalhos produzidos por antropólogos/as que analisaram os homens como seres com gênero socialmente construído constituem o que Matthew Gutmann chama de Antropologia da Masculinidade (Gutmann, 1998). Estes estudos têm como foco entender como os homens constroem e desempenham sua masculinidade em diferentes contextos culturais, pois cada sociedade constrói tanto seus gêneros quanto as relações que estes gêneros estabelecem[3], mostrando que para se

[3] É bom lembrar que o reconhecimento de apenas dois gêneros não é universal, há sociedades onde há três gêneros, como Hijras na Índia, Fa'afafine na Polinésia ou as Virgens Juramentadas na Albânia. Para uma discussão maior sobre os gêneros em diversas culturas e na história ver *Third Sex, Third Gender: Beyond Sexual Dimorphism in Culture and History* de Gilbert Herdt. Judith Burtler (2003) faz uma crítica a categoria *sexo*, mostrando que ela também é fruto de uma construção social, tal qual *gênero*, logo, não haveria uma "base natural", biológica, onde se instalaria uma construção "social", esta crítica dilui tanto a idéia de sexo quanto de gênero.

compreender a masculinidade devemos analisá-la como um processo social construído por homens e mulheres que, embora com papéis diferentes, são igualmente importantes nesta construção.

Os trabalhos sobre gênero masculino considerados clássicos foram produzidos, na sua maior parte, em sociedades Mediterrâneas e na América Latina, com exceção do Brasil. Estes trabalhos procuraram estudar as formas de sociabilidades masculinas em espaços públicos, tais como bares, cafés, praças públicas e esquinas e todos têm em comum a masculinidade subalterna (Connell, 1995) como objeto. Alguns autores de origem hispânica propõem uma revisão crítica destes trabalhos González (1996), Mirandé (1997) e Ramírez (1999)). Segundo estes autores, os pesquisadores/as ao estudarem estas sociedades, se utilizaram de conceitos e categorias que estariam impregnados de etnocentrismo, além disso, estes pesquisadores/as em geral não dominavam a língua falada pelos grupos pesquisados não conseguindo, assim, compreender algumas sutilezas das culturas pesquisadas gerando interpretações equivocadas, um exemplo disto é o da categoria *machismo*, quase que onipresente nestes trabalhos. Para Rafael L. Ramírez,

> (…) *los hombres, especialmente a los latinos, se nos describe comúnmente como machistas, y nuestro comportamiento se catalogan bajo la categoría denominada "machista". Esta categoría nos presenta, en gran medida, como seres agresivos, opresores, narcisistas, inseguros, fanfarrones, mujeriegos, grandes bebedores, poseedores de una sexualidad incontrolable* (Idem, 1999:17).

Segundo Ramírez, a categoria *machismo* se popularizou na literatura social nos anos cinqüenta e sessenta, apresentando-o como um fenômeno latino-americano que poderia ser encontrado na sua forma mais evidente no campesinato e nas classes trabalhadoras. Além de ter uma ênfase etnocêntrica, por sua ênfase nos latinos americanos, esta categoria também é elitista por entender como uma característica que se encontra exclusivamente em uma determinada classe social (idem). O sociólogo Alfredo Mirandé é mais contundente na sua crítica: *Eu percebo que estas imagens são usadas para perpetuar uma concepção negativa dos mexicanos e legitimar nossa subordinação econômica e política*[4] (Mirandé, 1998:5). Matthews Gutmann também crítica alguns destes trabalhos produzidos sobre gênero masculino na América Latina, dizendo que ao se ignorar as diferenças significativas de classe, geração, região e grupo étnico, estes trabalhos criam e perpetuam tipos ideais destorcidos e estereótipos racistas (Gutmann, 1997:105). Estas reificações tão criticadas por estes intelectuais, em grande medida, podem servir para analisar os estereótipos criados sobre os homens suburbanos ou das classes populares no Brasil em geral.

Os trabalhos sobre a opressão que mulheres, *gays* e minorias étnicas apresentam uma linha de raciocínio semelhante, pois em geral, quando apontam ***o*** homem heterossexual como o seu principal adversário e alvo de suas reivindicações (Nolasco, 2001), não levando em consideração as diferenças que existem entres os próprios homens reificam a masculinidade. Entre os homens há hierarquias de acordo com sua classe, origem regional, grupo étnico, religião, orientação sexual. Embora em todas as sociedades

[4] *I felt that these images were used to perpetuate negative conceptions of Mexicans and to legitemate our economic and political subordination.* Tradução livre.

estudada as mulheres estão em posição de subordinação e opressão nos seus grupos e nos termos (ORTNER, 1979), existem múltiplas possibilidades de masculinidades, ao mesmo tempo em que os homens não possuem e/ou compartilham uniformemente do poder. Não compreender estas diversidades reifica os homens em um monobloco empobrecendo as relações de poder entre homens e mulheres e entre os próprios homens.

Para se analisar e reconhecer as múltiplas masculinidades deve-se levar em consideração as relações entre gênero, raça e classe, pois classe e raça passam necessariamente pelo gênero, entretanto, reconhecer que há várias masculinidades é o primeiro passo, porém temos que examinar as interações entre os homens para podermos compreendê-las em seu contexto (Connell, 76). Isto é fundamental para que compreendamos as interações e disputas pelo prestígio conferido à masculinidade hegemônica em Irajá. Lá como veremos, os critérios que fazem com que um homem tenha ou não prestígio pode não fazer nenhum sentido em outro lugar, entretanto, mais uma vez, somente analisando as interações estabelecidas entre os homens irajaenses é que estes critérios de avaliação fazem sentido. Ao analisar o que estes homens consideram o modelo ideal de masculinidade, chamarei este modelo de *masculinidade hegemônica local*, o que eles disputam na realidade entre si é o privilégio de ter e manter o respeito e a *consideração* que se acham merecedores, muitas vezes negando e/ou subvertendo critérios consagrados por outros grupos masculinos. Esta luta pelo reconhecimento de ser um *homem de verdade* é o que eu chamo de *falomaquia* que é a disputa (*maquia*) pelo poder (*phallus*) e prestígio conferidos pela masculinidade hegemônica local. É justamente a falomaquia que analisarei nas ruas e em um bar de Irajá.

Um marco nas discussões sobre gênero masculino e poder são os trabalhos produzidos por Raewyn Connell, cujo livro *Masculinities* (1995) é considerado um divisor de águas na tentativa de se interpretar a masculinidade. Para a autora a masculinidade é um conceito que deve ser compreendido historicamente, portanto, sempre provisório ao mesmo tempo que relacional, pois está sempre em uma relação de contraste com a feminilidade, e eu acrescentaria que também com outras masculinidades, dessa maneira, a masculinidade só existe num sistema de relações de gênero. É igualmente importante a distinção entre as diversas formas de masculinidades existentes em um dado contexto social. Assim, a compreensão das relações de poder entre homens e entre homens e mulheres necessitam de uma investigação em uma dada sociedade.

Cada sociedade possui seu próprio padrão hegemônico de masculinidade que conduz as relações de aliança, dominação e subordinação entre as diversas masculinidade (Connell, 1995). Portanto, a masculinidade hegemônica não possui uma característica fixa que permanece sempre igual em todo lugar, ela está inserida em um processo histórico e cultural de relações de gênero. Embora a maioria dos homens almeje fazer parte do grupo hegemônico, poucos têm condições de fazê-lo, assim, uma forma de se aproximar deste modelo é a cumplicidade, fazendo com que alguns homens, mesmo em situações de desvantagem, formem alianças com outros homens para se aproximar deste ideal hegemônico. A subordinação é a condição de grupos de homens frente à hegemonia do grupo que exerce a dominação cultural e econômica de uma sociedade. A homossexualidade masculina, por exemplo, carrega tudo aquilo que está simbolicamente excluído da masculinidade hegemônica, sendo, assim, assemelhada à feminilidade na sua posição subalternizada, entretanto, a masculinidade gay não é a única masculinidade subordinada, alguns homens heterossexuais também são excluídos do *circulo de poder* por

um processo marcado por atos e um rico vocabulário de ofensas para emasculá-los, procurando mantê-los em uma posição marginalizada.

Os homens que fazem parte das minorias sexuais e étnicas são os principais grupos marginalizados pela masculinidade hegemônica[5], pois estão simbolicamente mais distantes dos padrões criados e mantidos pelo grupo dominante, pois a marginalização é sempre relativa ao poder do grupo dominante e *"as relações raciais também podem se tornar uma parte integrante da dinâmica entre masculinidade*s (Connell, 1995:80)[6]. Desta forma, os homens negros e judeus tiveram sua masculinidade avaliada a partir das crenças criadas sobre seus grupos étnicos (Friedman, 2001 e Gilman 1994). No início do período colonial o pênis negro foi medido, pesado e dissecado, sendo guardado em recipiente com formol por cientistas ávidos e exibido na Europa causando *frisson* em uma platéia que ao mesmo tempo se espantava e desejava o que via (Friedman, 2001). Ao mesmo tempo que para o Ocidente os homens negros se tornaram motivo de desconfiança e temor, o pênis negro tornou-se o ponto de referência das interações estabelecidas entre homens negros e brancos (Idem: 98). A masculinidade negra passou a representar uma ameaça ao homem branco, pois ela é *o profundo medo cultural do negro figurado no temor psíquico da sexualidade ocidental* (Bhabha, 2003:71). Além de ter seu pênis *racializado*, a inteligência dos homens negros foi avaliada na proporção inversa do tamanho imaginado do seu pênis. O temor pelo pênis negro foi um dos motivos, por exemplo, para a criação da *Ku Klux Klan*, sendo uma de suas principais atividades era fazer rondas noturnas para descobrir

[5] Obviamente a classe é importante, porém os homens brancos heterossexuais pobres podem formar alianças com os grupos hegemônicos mais facilmente.

[6] Race relations may also become an integral part of dynamic between masculinities (Connell, 1995: 80).

relacionamentos de homens negros com mulheres brancas que, uma vez descobertos, o homem era inevitavelmente linchado e/ou enforcado (Friedman: 2001).

3.2 - Masculinidades hegemônicas e subalternas no Brasil

Para estabelecer seu poder, a masculinidade hegemônica necessitar emascular os outros homens e esta emasculação é ratificada *cientificamente* na Europa desde pelo menos o século XVIII, pois a Ciência a partir deste século associa atributos intelectuais e morais à biologia. As diferenças biológicas passam a determinar as diferenças subjetivas e a construir as bases da desigualdade entre os gêneros e as *raças* (Laqueur, 2001). As hierarquias de gênero e raça colocam os homens brancos no topo, seguidos pelos homens negros e mulheres brancas que ficam em patamares semelhantes, ambos acima da mulher negra. Esta é a mesma lógica presente em vários textos, como o de Gilberto Freyre que nos anos '30 diz que,

> *Existem entre os sexos diferenças mentais de capacidade criadora e de predisposição para certo tipo de atividade ou sensibilidade parece tão fora de dúvida quanto existirem diferenças semelhantes entre as raças* (Freyre, 1996: 106).

Ao longo de suas principais obras, *Casa Grande & Senzala* e *Sobrados e Mucambos*, Gilberto Freyre descreve homens negros e mulheres brancas com atributos semelhantes. O homem negro para Freyre seriam, entre outros atributos, *alegre, fácil, colaborador do branco, passivo, coletivista*. A mulher negra igualmente *passiva, fácil, coletivista, colaboradora do branco* (Bocayuva, 2001: 123-124), enquanto a mulher branca

é *mole, sexo frágil, coletivista, virgenzinha* (Idem) e o homem branco é representado como *extremamente viril, predicado que não compartilha nem com índios, nem com negros – esta virilidade seria atributo do português, repassada ao brasileiro* (Idem: 101-103).

Nos debates sobre a construção do Brasil como nação moderna no final do século XIX e início do XX, a miscigenação foi vista como a solução para a superação do *atraso que o sangue negro* causou à nação (Skidmore, 1989**,** Schwarcz, 1993). Assim, o Estado brasileiro promoveu políticas públicas para estimular a imigração de europeus para "injetar" sangue europeu na população através da miscigenação com as mulheres brasileiras. Desta forma, através do branqueamento, o sangue negro seria lavado e deixaria de atrapalhar o desenvolvimento da nação, portanto,

> (...) *a mistura racial no país é orgulhosamente apresentada para o mundo, esta miscigenação, aceita de forma exaltada, foi construída sob uma exclusão ideológica: a do homem negro. A estratégia atrás da imagem* (...) *foi precisamente tornar inconcebível que o mulato brasileiro tivesse mãe branca e pai negro* (Carvalho, 1996:4)[7].

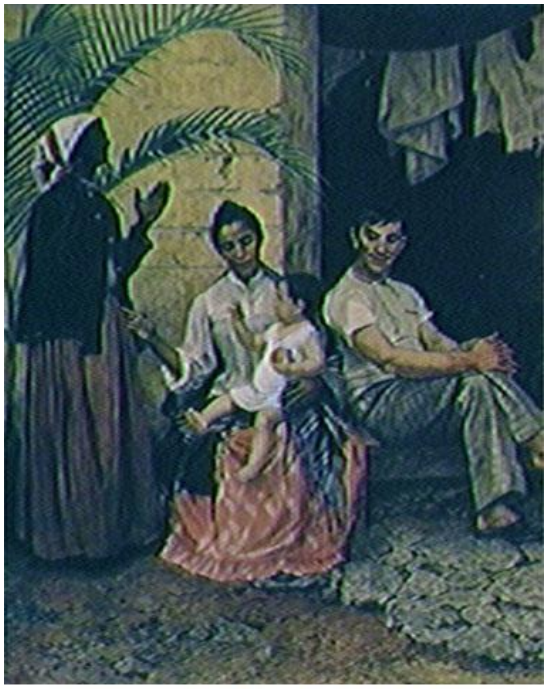
Este ideal da miscigenação do novo Estado brasileiro, que excluiu simbolicamente o homem negro, é muito bem representado no quadro *A Redenção de*

[7] *The racial mixture the country proudly presented to the world – i.e., the accepted and praised form miscegenation – was built under on ideological exclusion: that of black man. The strategy behind the images* (…) *was precisely to make it inconceivable that Brazilian mulato would have mother white and black father*. Tradução livre.

Cam[8], pintado em 1895 por Modesto Brocos. Neste quadro vemos uma família que representa o passado, o presente e o futuro da nação. O passado é representado por uma senhora negra que está olhando para o céu, parecendo comptemplar o Criador. O presente é o casal composto por uma mulher negra, de pela mais clara que a senhora, talvez fruto de uma primeira miscigenação, e um homem branco. O futuro é a criança tão branca quanto o pai, este que a tudo observa, sentado com um leve sorriso no rosto, talvez por ver cumprida sua tarefa de *máquina civilizadora* (Moutinho, 2004) redimindo os filhos de Cam de sua maldição. Este quadro sintetiza o sonho da política de miscigenação como uma política de Estado: o homem branco como agente purificador da nova raça brasileira. Por outro lado, o homem negro, após a Abolição, deixa de ser escravo, apenas máquina de trabalho e passa a representar um perigo para a masculinidade hegemônica. Neste mesmo período este homem torna-se motivo de preocupações e alvo das atenções de juristas, psiquiatras, higienistas e chefes de polícia. O homem negro, parafraseando Pereira Passos**,** passa ser caso de polícia ou da Psiquiatria[9].

[8] A maldição de Cam é uma tentativa de explicar a escravidão dos africanos e seus descendentes através de uma interpretação racista da história do filho de Noé. Cam por ter visto a nudez de seu pai Noé, foi amaldiçoado tornando-se escravo de seus irmãos (Gênesis 9: 18-27). Esta história é confundida com a história da *maldição* de Caim, que após matar seu irmão Abel, foi marcado para todos soubessem que ninguém poderia tocá-lo pelo crime cometido. Para uma interpretação racista, esta marca é a cor da pele, embora não haja nenhum lugar do texto bíblico, a menção de como seria ou onde estaria esta marca, ver Gênesis 4, ou seja, tanto a cor da pele quanto a condição de escravo seria uma *maldição de Deus* sobre os africanos e seus descendentes.

[9] Em 1924 foi fundada em Jacarepaguá a Colônia Psiquiátrica Juliano Moreira. Chega ser irônico saber que o doutor Juliano Moreira era um homem negro. Ver <http://www.memorialjulianomoreira.ba.gov.br/>



A Redenção de Cam de Modesto Brocos

O antropólogo José Jorge de Carvalho faz uma análise das representações da masculinidade na cultura popular brasileira. Entre elas temos um homem submisso, sem vontade própria, totalmente devoto aos desejos dos brancos, inclusive, e mais importante, aos desejos sexuais, um tipo de escravo, dependente mental e psicologicamente das decisões dos brancos (Carvalho, 1996:5) que, além da fala infantilizada e a predileção pela bebida alcoólica, sua relação com a mulher branca é totalmente assexuada, esta figura emasculada se assemelha ao mulato de Gilbeto Freyre que tem

> *certa ternura de moça, certo modos, gestos quase de mulher agradando homem, em torno do branco dominante* (Freyre, 1996: 647).

Na literatura, Monteiro Lobato criou o Tio Barnabé, sentado à porta da sua cabana com cachimbo na boca, descalço, afetuoso, infantilizado, dedicado a seus patrões,

representando o atraso, a superstição e a desqualificação cultural e social. Na TV estas representações ganharam popularidade através de programas humorísticos que imortalizaram alguns comediantes por encanarem personagens que inculcavam este estereótipos.

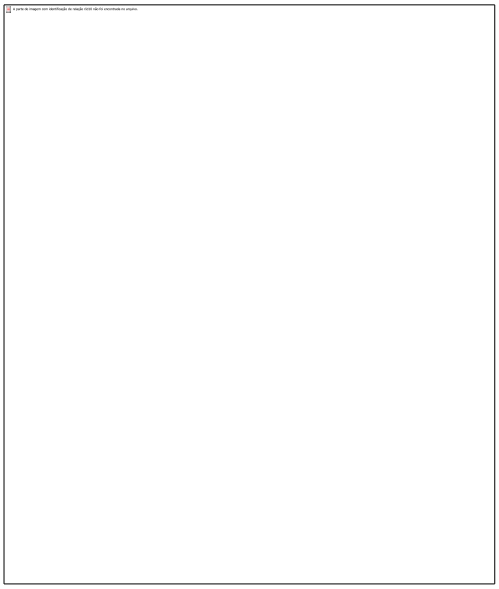
Outra representação é o homem hipersexualizado, fisicamente forte e dotado com uma excepcional vigor e apetite sexuais insaciáveis. Sua diabólica sensualidade irresistível para a mulher branca (Carvalho, 1996)[10], fazendo dele uma ameaça, *par excellence*, do homem branco. Este homem negro hipersexualizado também é veiculado, um bom exemplo é a propaganda de uma cachaça chamada *Sagatiba*, cujo mote é *"Não tem explicação"*[11]. Nesta peça de propaganda temos nas duas últimas seqüências referências a monstros clássicos do cinema, *King Kong* e *Godzilla*, após estes monstros aparecerem aterrorizando as pessoas, surge uma mulher branca seminua deitada em um sofá lançando um olhar, misto de espanto e satisfação, em direção à genitália de um sorridente jovem homem negro, nu, com cabelo Black Power, exclamando: *Que Sagatiba, hein?* O nome do membro do homem negro é trocado pelo nome da bebida, como acontece com os nomes dos monstros que aparecem nas seqüências anteriores, criando uma associação entre eles e o negro macrofálico. Coincidência ou ato falho?

[10] A música "Lá vem o Negão" sintetiza bem esta representação de predador sexual: Loirinha com a fungada do negão/ É um problema/ Loirinha com a fungada do negão/ É um problema (...)/ Mas se é compromissada/ É melhor não vacilar/ Basta um sorriso no olhar/ Para o negão te catar (...) Se ninguém soube lhe amar/ Pode se preparar chegou a salvação/ Só alegria, pode se arrumar/ Que chegou o negão/ Mas se é compromissada/ É melhor não vacilar/ Basta um sorriso no olhar / Para o negão te catar.

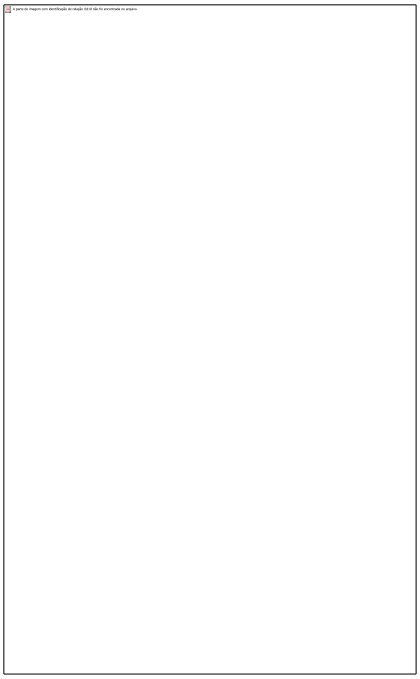
[11] Para ver esta propaganda, digitar Sagatiba! no *Youtube* ou < www.youtube.com/watch?v=XteIER532XQ>

Nas telenovelas há inúmeros personagens negros, cujas interações com as mulheres brancas têm como centro sua potencia sexual e o seu desempenho na alcova, esta representação tem um aparente paradoxo. A procura ostensiva de manter as raças hierarquizadas, separadas e desqualificando as consideradas inferiores, mas acaba se transformando o que repulsa e interditado, em formas clandestinas e furtivas que caracterizaria um *desejo colonial* (Young, 2005): uma obsessão inconfessa e insistente de sexo transgressivo e inter-racial, entretanto, este desejo quer dominar, manter sob controle e os que fogem deste controle tornam-se ameaça que deve ser exemplarmente punida, pois sua subversão pode comprometer todo o sistema de dominação, assim, o homem hipersexualizado quando está sob controle, colocando seu vigor físico a serviço de seu patrões, torna-se o fiel escudeiro, tão assexuado quanto um Tio Barnabé, protegendo-os e estando disposto inclusive a sacrificar sua própria vida pelos seus chefes e senhores.

O suplemento sobre concursos públicos *Fique Ligado* do Jornal *O Dia*, publicado no dia 20 de dezembro de 2004 trouxe uma reportagem sobre um concurso para agente urbano da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro. Nesta reportagem há uma ilustração que eu considero exemplar. Nela há um desenho que representa dois agentes urbanos: um branco, loiro, magro, tendo nas mãos uma prancheta e uma caneta. O outro é negro, muito forte, parado atrás de seu colega, protegendo-o. Há um terceiro personagem, também negro, que foge deixando cair disquetes e algumas bugigangas, sob um olhar ameaçador do homem negro e de um sorriso do homem branco.



O desejo colonial pretende dominar, manter sob controle, porém, assim quando seu objeto não se submete a seus caprichos, torna-se uma ameaça, sendo satanizado e provavelmente será exterminado fisicamente. Outra reportagem do jornal *O Dia*, publicada em 30 de outubro de 1994, intitulada *Entre o céu e o inferno* sobre a intervenção das Forças Armadas na cidade do no Rio de Janeiro para combater a criminalidade crescente traz uma ilustração instigante. Nela há uma silhueta de um corpo masculino vestindo uma sunga, este corpo tem cada lado de uma cor: o lado esquerdo preto; o direito, branco. A mão preta segura um machado semelhante ao símbolo de uma divindade do panteão do candomblé; a mão branca, uma, uma cruz. As cores e os símbolos e os lados onde eles se encontram não são mero acaso, sabemos que o lado direito está associado ao sagrado, à pureza, à alvura; enquanto a esquerda, por sua vez, está associada ao profano, ao impuro, às trevas (Hertz, 1980), esta ilustração coloca simbolicamente homens negros e brancos nos seus lugares sociais suas masculinidades. O homem negro, o perigo, portador de um símbolo que para muitos é diabólico e o homem branco como aquele que vai salvar a sociedade, portador do símbolo do poder de redenção e purificação social.



Os homens negros normalmente são representados como pais ausentes, bêbados e/ou submissos que se colocam em posição de total servilismo, entranto, quando há confronto entre homens negros e brancos, invariavelmente os homens negros perdem e, não raro, são eliminados fisicamente. Há inúmeros exemplos entre os clássicos da literatura brasileira, como o livro *O Cortiço*, de Aluisio Azevedo, publicado pela primeira vez em 1890. Neste romance há dois triângulos amorosos em torno dos quais gira toda a história do livro. O primeiro formado por João Romão, branco português. Bertoleza, negra brasileira e Zulmira, branca brasileira. O segundo formado por Firmo, negro brasileiro, Rita Baiana, mulata brasileira e Jerônimo, branco português[12]. A certa altura da trama Firmo e Jerônimo entram em conflito pela disputa de Rita Baiana, nesta disputa Firmo é morto em uma emboscada feita por Jerônimo e seus amigos. Firmo morreu nas mesmas circunstâncias e motivações em que foi assassinado Raimundo, personagem principal do

[12] Para este trabalho vou me deter sobre este último. Para uma análise do romance O Cortiço a partir da perspectiva de Bertoleza, ver Carvalho & Rodrigues (2007) e Moutinho (2004).

livro *O Mulato* (1881), do mesmo autor. No fim da história, Rita Baiana, se casa com Jerônimo, após este abandonar sua esposa. A riqueza das descrições dos personagens, característica da *escola* Naturalista, inscreve em seus corpos os lugares sociais de cada um. Rita Baiana é descrita de forma que antecipava a escrita *gilbertofreyreana*, pois, para Azevedo ela *respirava o asseio das brasileiras e um odor sensual de trevos e plantas aromáticas. Irrequieta, saracoteando o atrevido e rijo quadril baiano* (Azevedo, 2004: 61). Jerônimo é descrito magnanimamente como

> (...) *um português de seus trinta e cinco, quarenta anos, algo espadaúdo, barbas ásperas, cabelos pretos e maltratados caindo-lhe sobre a testa, por debaixo de um chapéu de feltro ordinário; pescoço e cara de Hércules, na qual os olhos, todavia, humildes como os olhos de um boi de canga, exprimiam tranqüila bondade* (Idem, 46).

Já Firmo, por sua vez, é

> (...) *um mulato pachola*[13]*, delgado de corpo e ágil como um cabrito; capadócio*[14] *de marca, pernóstico, só de maçadas e todo ele se quebrando nos seus movimentos de capoeira, teria uns trinta e poucos anos, mas não parecia ter mais de vinte e poucos, parecia menino. Pernas e braços finos, pescoço estreito, porém forte; não tinha*

[13] Indivíduo pedante, cheio de si. Indivíduo de elegância duvidosa, pretensiosamente apurado no trajar. Aurélio século XXI, versão 3.0.

[14] Impostor, trapaceiro (Idem).

> *músculos, tinha nervos. A respeito de barba, nada mais que um bigodinho crespo, petulante*[15] (Ibidem 66).

Mais de cem anos após seu lançamento, os personagens de *O Cortiço* se fazem presente no imaginário brasileiro e as telenovelas os reproduzem com certa freqüência. Em *Senhora do Destino* de Aguinaldo Silva e *Da Cor do Pecado* de João Emanuel Carneiro, ambas produzidas e exibidas em 2004, pela TV Globo, há estruturas similares às que vemos no romance naturalista.

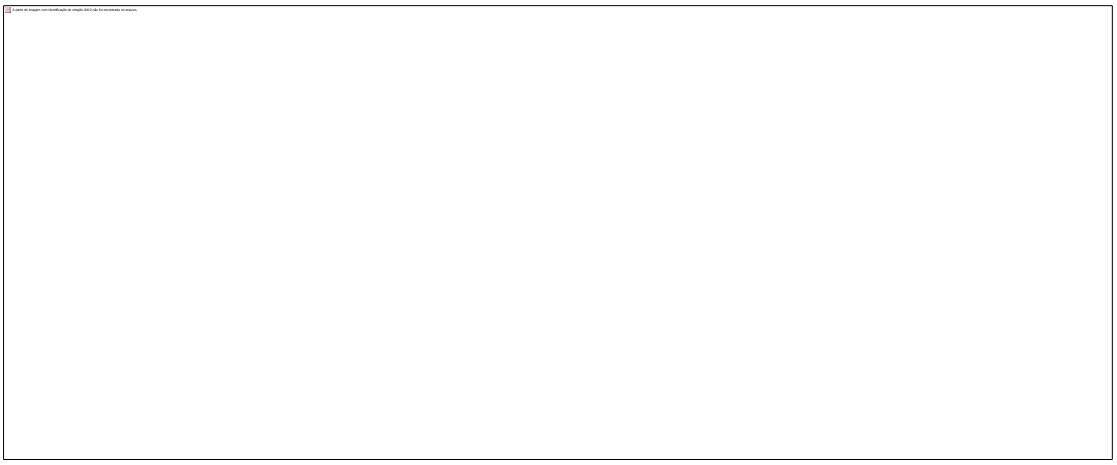
Em *Senhora do Destino*[16] há um triângulo amoroso composto por Rita, Cigano e Constantino. Rita, também mulata e baiana, é descrita como "*Mulata e bonitona, é muito maltratada pela vida e tem dois problemas: o marido, atualmente preso, que exige dela 'qualquer sacrifício' para tirá-lo da prisão e o alcoolismo*. Ela é casada com Cigano, um homem negro descrito como sendo um *marginal de péssimo caráter,* (...) *casado com Rita a quem tiraniza, exigindo sustento. Covarde e medroso, ele só cresce diante da família, que mantém aterrorizada*. Por fim, Constantino, um branco português, *"O último português a imigrar para o Brasil,* [que] *resolveu permanecer no país, trabalhar muito e só voltar para Portugal depois que 'se desse bem'"*. Na trama, Cigano depois de uma série de maldades enfatizando o quanto era mau pai e marido, ao cair em uma emboscada feita por uma mulher branca, é morto, deixando o caminho livre para que Constantino se case com Rita e assumindo e valorizando sua família.

[15] É importante notar que barba era, talvez ainda o seja, um sinal de respeito e senioridade.

[16] Todas as informações sobre estas novelas e seus personagens têm como fonte a página da Rede Globo <http://redeglobo.globo.com/Senhoradodestino/0,23167,3545,00.html>

Na novela *A Cor do Pecado*[17] há mais uma vez um triângulo amoroso um pouco mais complexo, quase um quadrado, composto por Preta (negra), jovem mulher maranhense *de bom caráter, bem humorada e romântica, criada pela mãe, dona Lita e nunca conheceu o pai*; seu namorado Dodô (negro) *é vocalista de uma banda de reggae em São Luís, mulherengo, de caráter duvidoso*. No decorrer da trama ele se transforma em um dos principais vilões; Paco, branco, é uma *pessoa idealista capaz de abrir mão de sua fortuna para viver uma vida honesta* e política e ambientalmente correta; por fim, a "quarta ponta do triângulo", Felipe, negro, *bom moço, advogado e trabalhador, melhor amigo de Paco* que após a suposta morte do amigo se apaixona por preta. A trama se inicia com Preta namorando Dodô, depois namora Paco e, quando este é dado como morto, inicia um romance com Felipe. Depois de algumas idas e vindas, Paco volta à cena e Felipe sai da disputa pelo amor de Preta, continuando a ser seu fiel amigo, sendo assim, "poupado". Dodô, entretanto, continua querendo Preta de volta, desafiando Paco, ficando, assim, entre o homem branco e seu objeto de desejo, o que resulta na sua morte. Embora as tramas variem, os lugares sociais dos personagens são os mesmos. Veremos como estas representações ecoam nas interações entre homens negros e brancos em Irajá. Vejamos estes triângulos de forma mais esquemática, onde as hierarquias são representadas.

[17] Idem < http://redeglobo.globo.com/Dacordopecado/0,18529,3255,00.html>



4 - Um panorama geral do Subúrbio Carioca

Eles não podem representar a si mesmos; devem ser representados.
Karl Marx, O 18 de Brumário de Luís Bonaparte,
(Epígrafe do livro "O Orientalismo" de Edward Said)

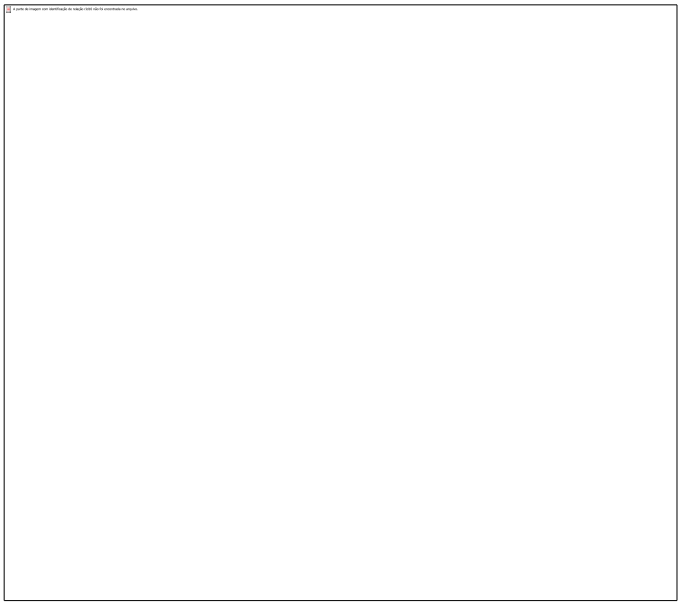
Após a Proclamação da República, dá-se início um processo de modernização conservadora na Cidade do Rio de Janeiro, então capital do país, que implicaria em uma série de mudanças radicais na estrutura física e social da cidade que ainda mantinha características coloniais, mas é bom lembra que estas mudanças se concentraram no Centra da Cidade, se estendendo até Botafogo. Os republicanos, inspirados por teorias científicas européias que estavam tão em voga na época, queriam civilizar a capital da jovem república, o que na prática significava dar ares europeus à cidade. Para isso era necessário retirar tudo o que pudesse lembrar seu passado colonial, de modo que, durante a primeira década republicana a cidade do Rio de Janeiro, portão de entrada do país, passou por uma das fases mais turbulentas de sua existência, quando foram promovidas grandes transformações de naturezas econômica, social, política e cultural.

Em 15 de Novembro de 1902, ao tomar posse o presidente Rodrigues Alves deu início às obras de saneamento e de reforma da cidade, estas obras ficaram conhecidas como *Bota Abaixo* pelo número de demolições que promoveram e as moradias coletivas, conhecidas como cortiços, que eram vistos como principais vetores de doenças foram um dos principais alvos da sanha modenizadora de médicos, engenheiros e políticos. Para que nada detivesse o progresso, Rodrigues Alves conseguiu poderes quase ditatoriais do Congresso e um dos seus primeiros atos foi nomear o engenheiro Pereira Passos prefeito e

o médico Oswaldo Cruz diretor do Serviço de Saúde Pública (Carvalho, 1991) para implantar esta modernização.

O Oswaldo Cruz enfrentou, em primeiro lugar, a febre amarela que assolava a cidade nas áreas mais pobres e de maior densidade demográfica, que se concentrava na região central da cidade. Para se prevenir contra a resistência dos moradores pobres que viam com grande antipatia as medidas governamentais. O sanitarista convenceu o Congresso a aprovar a *Lei da Vacina Obrigatória* (31 de Outubro de 1904), que permitia que brigadas sanitárias, acompanhadas por policiais, entrassem nas casas para aplicar a vacina à força. Jornais da oposição criticavam a ação do governo e falavam de supostos perigos causados pela vacina, surgiram boatos de que a vacina teria de ser aplicada nas "partes íntimas" do corpo (as mulheres teriam que se despir diante dos vacinadores) e instigados pela oposição que, através de jornais e revistas, insuflavam a população dizendo que os "*'cafajestes de esmeralda' (médicos) invadiriam os lares para 'inocular o veneno sacrílego nas nádegas das esposas e das filhas*" (Idem: 179) o que agravou a ira da população, que se rebelou.

No dia nove de novembro de 1904 teve início a Revolta da Vacina que durou aproximadamente dez dias. Esta revolta sitiou o Centro da Cidade e se estendeu por vários bairros da cidade e várias militares descontentes com o governo civil aproveitaram a ocasião para tentar dar um golpe tentando tomar a Escola Militar. No bairro da Saúde foi onde houve os combates mais violentos que formaram barricadas com mais de 2 mil pessoas comandada por Horácio José da Silva, ou Prata Preta que após ter sido preso foi deportado para o Acre. O saldo foi de 30 mortos, 110 feridos, 945 presos, destes 461 foram deportados para o Acre.



O engenheiro Pereira Passos estudou na França de 1857 ao final de 1860, onde assistiu de perto a reforma urbana de Paris promovida por Haussmann[18], a *Reforma Haussmann*, como ficou conhecida, inspirou Pereira Passos que nos quatros de sua administração transformou a aparência da cidade: no lugar dos cortiços, que não eram benquistos na "cidade higienizada", e das ruas estreitas e escuras, foram construídas grandes avenidas e bulevares com imponentes edifícios, dignos de representar a capital federal. Para se ter uma idéia, a vontade de transformar a cidade do Rio de Janeiro em uma cidade européia era tamanha que o prefeito Pereira Passos chegou a importar pombos e pardais, pássaros espantaram os pássaros da fauna nativa como sábias e cambaxirras, mas

[18] Referência a Georges-Eugène Haussmann (Paris, 1809 a 1891), mais conhecido apenas como Barão Haussmann, o "artista demolidor", foi prefeito de Paris, entre 1853 e 1870. Barão Haussmann foi responsável pela reforma urbana de Paris, determinada por Napoleão III, e tornou-se muito conhecido na história do urbanismo e das cidades.

era necessário mais do que importar parte da flora e da fauna para transformar a velha capital em uma capital com ares europeus. Mas esta reforma também interferiram no cotidiano dos cariocas, particularmente no dos ambulantes e mendigos, ou seja, os moradores negros e mais pobres (Idem; Carvalho, 1991) que se viram desprovidos de suas moradias e formas conseguir seu sustento, entretanto, esta *sanha* de demolições começou bem antes da gestão de Pereira Passos. Em 1893 o prefeito Barata Ribeiro mandou demolir o famoso cortiço Cabeça de Porco[19] que ficava próximo de onde hoje está o túnel João Ricardo, que liga a Central do Brasil ao bairro do Santo Cristo. Nele moravam cerca de 2.000 pessoas e, para sua remoção, foi mobilizado um grande de contingente de soldados em uma operação de guerra. O prefeito Barata Ribeiro utilizou os mesmos argumentos higienistas que seriam utilizados por Pereira Passos alguns anos depois. Após a destruição de suas casas, estes moradores se transferiram para o morro da Favela, na Providência, enquanto outros se deslocaram para as áreas suburbanas, deslocamento facilitado pela expansão da ferrovia que ligava o Centro da Cidade à sua periferia (Lopes, 1992).

Ao mesmo tempo em que o Estado *promovia* este êxodo compulsório do Centro para a periferia norte da cidade, havia também um contínuo movimento migratório da Zona da Mata (MG), Vale do Paraíba e Região Serrana fluminense para a capital da República. Esta migração era motivada pelo declínio das lavouras cafeeiras nestas regiões e, mais uma vez, a maior parte deste contingente era constituído por negros e brancos pobres que ao chegarem à Capital da República se estabeleciam nas áreas suburbanas da cidade. Porém, o *êxodo* não terminou aí já que o espírito que inspirou estas remoções das

[19] Que nunca se soube ao certo quem foi seu proprietário, embora um dos nomes mais citados como seu verdadeiro proprietário teria sido ninguém menos o Conde D'Eu, marido da princesa Isabel.

populações negras e pobres do Centro da Cidade continuou o motivar seus dirigentes, independentemente de suas correntes ideológicas.

Nos anos 20, sob a administração do prefeito Carlos Sampaio, o Morro do Castelo foi arrasado por ser considerado um empecilho para a saúde, uma vez que ele não permitia a circulação do ar pela cidade, além de impedir a modernização da cidade, pois o Morro do Castelo estava repleto de velhos casarões e cortiços que abrigavam uma grande população pobre, seu desmanche foi também considerado necessário para a montagem da "Exposição Comemorativa do Centenário da Independência do Brasil" em 1922. Partes dos entulhos do morro foram usadas para aterrar partes da Urca, da Lagoa Rodrigo de Freitas, Jardim Botânico e outras áreas baixas ao redor da Baía da Guanabara. Este desmanche acabou provocando novos deslocamentos das pessoas que moravam no Morro do Castelo. Durante o Estado Novo (1937-1945), na gestão do prefeito Henrique Dodsworth, centenas de casas são demolidas a fim de dar origem à Avenida Presidente Vargas, inaugurada em 1944 (Fernandes, 1995), continuando, assim, o método *Haussmann* com a destruição de sítios históricos e populares, aumentando o número de sem-teto que tinham como única alternativa subir os morros do Centro ou seguir em direção ao subúrbio. Durante o Regime Militar (1964-1985) a ideologia das remoções continuou, foram promovidas inúmeras remoções do Centro da Cidade e da Zona Sul para as Zonas Norte e Oeste, onde foram construídos vários conjuntos habitacionais, alguns deles tenham sido ocupados por casas e apartamentos ainda inacabados[20].

[20] Para uma discussão mais detalhada das políticas de remoções dos anos '70, ver Valladares (1978).

Durante este processo, as regiões para onde os negros e pobres foram removidos passaram a ser vistas com desprezo pela elite, como uma reminiscência de um passado que insiste em existir. A *burguesia letrada*, que sonhava viver em Paris, foi insuperável em promover propagandas antipopulares e anti-suburbanas (Carvalho, 1991:39), o grande poeta Olavo Bilac escreveu no final de 1916 uma crônica sobre a *invasão* de romeiros da "Festa da Penha" à recém inaugurada Avenida Central:

> *Os carros e carroções enfeitados com colchas de chita, puxados por muares ajaezados de festões* (...) *todo esse espetáculo de desvairada e bruta desordem ainda se pode compreender no velho Rio de Janeiro de ruas tortas, de betesgas escuras, de becos sórdidos. Mas no Rio de Janeiro de hoje, o espetáculo choca e revolta como um disparate* (...).

e continua o grande poeta,

> *Num dois* (sic) *últimos domingos vi passar pela Avenida Central em carroção atulhado de romeiros da Penha e naquele amplo* Boulevard *esplêndido, sobre o asfalto polido, contra a fachada rica dos prédios altos, contra as carruagens e carros que desfilavam, o encontro do velho veiculo, em que os devotos bêbedos urravam, me deu a impressão de um monstruoso anacronismo: era a ressurreição da barbaria – era uma idade selvagem que voltava, como uma alma do outro mundo, vindo para perturbar e envergonhar a idade da vida civilizada. Ainda se a orgia desbragada se confinasse ao arraial da Penha! Mas não!*

> *Acabada a festa, a multidão transborda como uma enchurrada* (sic) *vitoriosa para o centro da urbs* (Soihte, 1995: 22).

Outro ilustre escritor também deixou escrito sua impressão sobre o Subúrbio Carioca em uma carta endereçado ao seu amigo Godofredo Rangel:

> (...) *Estive uns dia no Rio. Que contra-Grécia é o Rio! O mulatismo dizem que traz dessoramento do caráter. Dizem que a mestiçagem liquefaz essa cristalização racial que é o caráter e dá uns produtos instáveis. Isso no moral – e no físico, que feiúra! Num desfile, à tarde, pela horrível Rua Marechal Floriano, da gente que volta para os subúrbios, que perpassam todas as degenerescências, todas as formas e má-formas humanas – todas, menos a normal. Os negros da África, caçados à tiro e trazidos à força para a escravidão, vingaram-se do português de maneira mais terrível – amulatando-o e liquefazendo-o, dando aquela coisa residual que vem dos subúrbios pela manhã e reflue para os subúrbios à tarde. E vão apinhados como sardinhas e há um desastre por dia, metade não tem braço ou não tem perna, ou falta-lhes um dedo, ou mostram uma terrível cicatriz n acara. "Que foi?" "Desastre na Central."*
>
> *Como consertar essa gente? Como sermos gente, no concerto dos povos? Que problema terríveis o pobre negro da África nos criou aqui, na sua inconsciente vingança!...* (Lobato, 1944:133).

Não seria exagero, portanto, dizer que o Subúrbio Carioca traz em sua história um estigma criado pelas autoridades públicas e a elite intelectual cariocas, uma vez que ambos são oriundos da mesma *burguesia letrada*. Este estigma se mantém vivo no imaginário da atual elite intelectual, as representações do Subúrbio Carioca em jornais, em especial nos suplementos de "*cultura"* e entretenimento, na Literatura e na teledramaturgia com seus núcleos suburbanos de novelas, os estigmas estão presentes. O Subúrbio Carioca é o atraso, ou de forma mais simpática o *kitsch*, o *subúrbio tem uma visualidade* (sic) *menos globalizada, mas livre. O uso da cor é mais forte, por exemplo. Já a Zona Sul tem um gosto que a aproxima de Nova York, da Europa* ("Copacabana e subúrbio juntos. Mostra do fotografo Bruno Veiga retrata os dois universos". Suplente Rio Show, do jornal O Globo, dia 10 de março de 2010).

Durante a campanha eleitoral de 2008 para a prefeitura carioca, o deputado federal Fernando Gabeira, *muso* do Posto Nove nos anos '80 disse que a vereadora Lucinha "*É uma analfabeta política.* Tem uma visão suburbana e precária*"*[21] (grifo meu) por ela discordava que fosse instalado de um aterro sanitário, ou *lixão*, em Paciência, base eleitoral. Esta declaração, segundo alguns analistas, feriu de morte sua candidatura, pois houve protestos de vários moradores do Subúrbio Carioca, o que foi prontamente explorado por seus adversários. A fala, ato falho de Gabeira, deixou à amostra a percepção que alguns setores intelectualizados, os formadores de opinião, da Zona Sul têm sobre o

[21] **Fonte:** Jornal do Brasil, edição de 4 de agosto de 2009.

Subúrbio Carioca, em especial dos homens suburbanos,como veremos no decorrer deste trabalho.

4.1 - Os Significados do Subúrbio Carioca

Que tem ou revela mau gosto;Pejorativo; quem ou aquele que é pouco refinado, que revela ou tem mau gosto. Saquarema, cafona, brega; e Que revela mau gosto, falta de refinamento; BREGA; CAFONA.

Verbete "suburbano" nos dicionários Aurélio, Houaiss e Aulete respectivamente[22]

A categoria *subúrbio* tem características que singulariza seu uso na cidade do Rio de Janeiro, isso porque na capital fluminense *subúrbio* perdeu seu sentido geográfico e espacial e passou a ter um significado quase que exclusivamente social. O Subúrbio Carioca não se refere à periferia geográfica da cidade, mas a um conjunto de bairros da cidade cortados pelas linhas férreas das antigas Central do Brasil, Leopoldina e da extinta Auxiliar Rio D´Ouro, cujo leito foi aproveitado para a construção da Linha 2 do Metrô. Em termos de classe, o subúrbio é bastante heterogêneo, há pessoas de vários extratos sociais, embora prevaleça o extrato médio-baixo e baixo. Por tais peculiaridades, o subúrbio no Rio de Janeiro difere do *suburb* da classe média americana e do *banlieue* pobre francês, estas características também foram observadas por cientistas sociais que pesquisam cidade. Esses pesquisadores sempre chamavam a atenção para a particularidade do emprego da palavra *subúrbio* na cidade do Rio de Janeiro e quando ela era utilizada eles preocupavam-se em ressaltar que não estavam se referindo à periferia da cidade, mas a bairros cortados

[22] Seria interessante saber qual a fonte que os ilustres filólogos utilizaram para criar este verbete.

por linhas férreas e populares de áreas urbanas próximas ao centro da cidade (Morris, 1973 e Leeds & Leeds, 1978).

Tanto o uso popular quanto o acadêmico da categoria subúrbio na capital fluminense inspiraram a geógrafa Maria Therezinha de Segadas Soares (1987) a criar o conceito carioca de subúrbio. Esse conceito singulariza o emprego da palavra subúrbio no município do Rio de Janeiro, seu emprego enfatiza ainda a diferença com os subúrbios dos EUA e na Europa onde tanto os trens quanto os subúrbios estão associados às classes médias e altas, no Rio de Janeiro os trens são associados às camadas mais pobres, sendo, inclusive, sua utilização uma referência de baixo *status* social, dessa forma, andar de trem tornou-se um demarcador de distinção social, uma vez que os trens estão associados aos bairros mais distantes e pobres do Rio e da Baixada Fluminense, embora a passagem de trem seja mais cara que a de ônibus.

Vale ainda mencionar que pelos bairros da Zona Sul carioca e da Barra não circula trens, o que vem a contribuir ainda mais para o estigma criando em torno dos trens suburbanos no Rio de Janeiro. Embora os trens do Metrô da Linha 1 que passam por bairros suburbanos pobres sejam os mesmos da Linha 2 que passam nos bairros Tijuca, Centro e Zona Sul, entretanto, existe de uma nítida diferença entre as Linhas 1 e 2. Os passageiros que vêm do subúrbio têm que fazer uma baldeação para pegar o Metrô para seguir para o Centro e a Zona Sul e até o final dos anos 90, a diferença de tratamento era mais evidente, isso porque os trens, chamados de "pré-metrô" que serviam à Linha 2, embora eles servissem a 16 bairros, eram menores que os das linhas 1 e não tinham ar-condicionado. Atualmente em uma tentativa de eliminar a baldeação, as viagens de Metrô se tornaram um caos, tornando-se piores que as historicamente sofridas viagens de trem.

O modo subalternizado de ver o Subúrbio Carioca se estende à administração pública fazendo com que segurança pública seja totalmente diferente nas duas regiões da cidade. Uma comparação do contingente de policiais dispensados para a segurança de dois bairros, um da Zona Sul e outro do Subúrbio nos nos ajudem a ter um idéia destas diferenças. Em Rocha Miranda, que fica na área do 9º Batalhão da Polícia Militar, há um policial para cada 1.200 habitantes, por outro lado, o Leblon, que fica na área do 23^{0} BPM, a proporção muda radicalmente, lá há um policial para cada 286 habitantes[23] e enquanto na Zona Sul prevalecem as prisões, na Zona Norte prevalecem os autos de resistência[24].

A Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro não utiliza o conceito Subúrbio, para ela, a cidade é dividida oficialmente em Áreas de Planejamento (AP) e os bairros que formam o Subúrbio Carioca ficam na região que compreende a AP3. No Subúrbio Carioca estão 2.356.475 habitantes[25], ou seja, 40% da população da cidade são suburbanos, por outro lado, a Zona Sul a região mais rica, detendo 45% da renda da cidade, tem menos de 10% da população carioca. Inversamente, a Zona Sul é composta por 91% de brancos, enquanto no Subúrbio Carioca há 40% da população negra (pretos e pardos) da cidade e na Barra bairro que, embora seja na Zona Oeste, tem *status* semelhante ao da Zona Sul,

[23] **Fonte:** Instituto de Segurança Pública (INSP).

[24] A permissão de força por agentes policiais em caso de resistem à voz de prisão ou situação que coloque em risco, a agente ou a população, mas na prática, como mostram os estudos sobre o tema, significa em grande medida, extermínio físico.

[25] A população atual da cidade do Rio de Janeiro é de 6.093.472 habitantes. Fonte: IBGE.

apenas 18% são negros[26]. Contrariando os clássicos estudos sobre ocupação e moradia nas grandes cidades brasileiras, a cidade do Rio de Janeiro é econômica e étnico/racialmente segregada, como demonstram os dados apresentados. Quando há referencias ao lugar das populações negras nas cidades brasileiras surgem imediatamente comparações com os guetos nortes americanos onde grassam a violência e a segregação racial, enquanto no Brasil seria o "paraíso racial" onde não existiriam locais que segregassem racialmente as pessoas. Isso porque negros e brancos pobres compartilham o mesmo espaço dos bairros populares e favelas, unidos por laços comuns da pobreza e da opressão e miscigenado-se alegremente uma democracia racial.

4.2 - As Representações Suburbanas

O espaço urbano exprime as hierarquias e distâncias sociais de cada sociedade. Nele encontramos suas estruturas mentais representadas, de modo, que o que vemos no espaço físico é, em parte, a representação das relações sociais estabelecidas na cidade e nelas estão contidas suas crenças, visão de mundo, etc., assim, o espaço físico é uma espécie de *tradução* destas relações, onde o poder se afirma e se exerce mostrando que suas representações hegemônicas e subalternas têm correspondência nos espaços da cidade. Nesse jogo de relações de poder e delimitações espaciais, o bairro alto *status* é demarcado simbolicamente como um clube que *consagra simbolicamente cada um de seus habitantes, e permite-lhe participar do capital acumulado pelo conjunto dos residentes*

[26] **Fonte**: Armazém de Dados do IPP: Características Demográficas - Tabela 4.3.6 - Discriminação da população agrupada em branca ou outra cor/raça por sexo, segundo as Regiões Administrativas - 1991 – 2000.

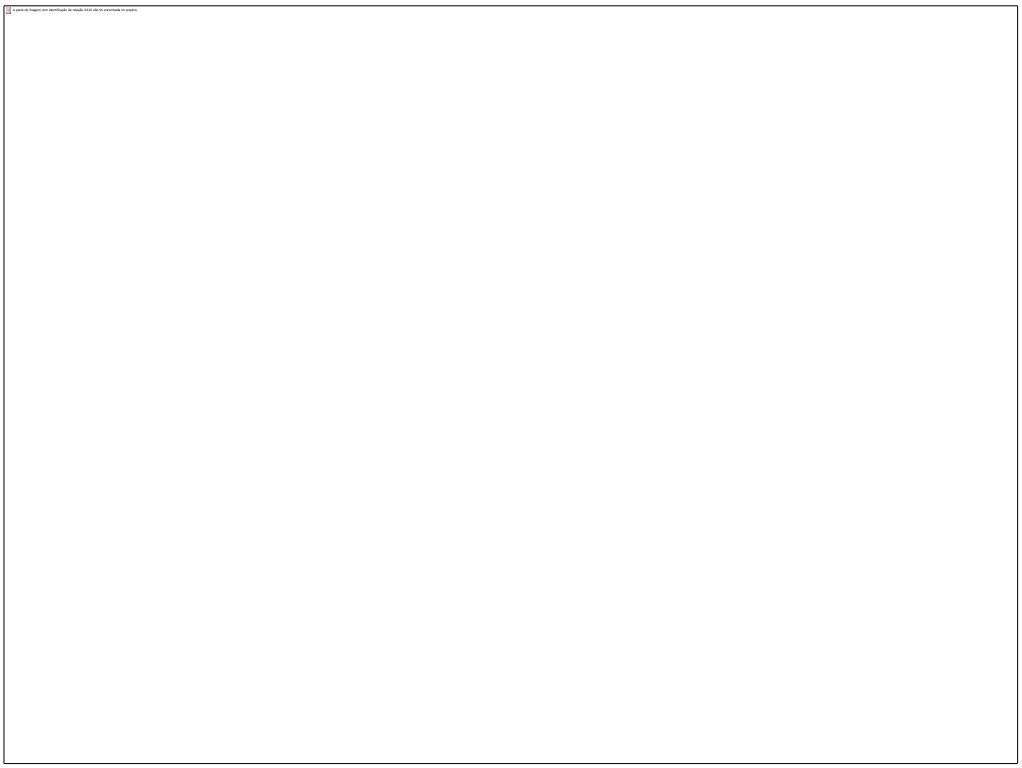
(Bourdieu, 1997: 166), diferentemente dos bairros de baixo *status*. Nas metrópoles modernas a hierarquia social se inscreve na distribuição das residências e serviços urbanos. Ao analisarmos a relação entre a distribuição espacial das residências e a estratificação social, percebemos a hierarquização social e segregação urbana (Garcia, 2009:32), desse modo, aqueles que compartilham os mesmos códigos culturais sabem quais as sanções para os que cruzam indevidamente as fronteiras que não precisam ser físicas, pois eles se inscrevem simbolicamente nos membros da sociedade (Barthes, 1997), por isso, não há necessidade de placas ou avisos para advertir, uma vez que

> (...) *as fronteiras* (...) *são fronteiras sociais, se bem que elas possam ter contrapartidas territoriais,* (...) *isso implica critérios para determinar a pertença e meios para tornar manifesta a pertença e a exclusão,* (...) *não são simples ou necessariamente baseados na ocupação de territórios exclusivos* (Barthes, 1997).

As lojas sofisticadas, *shoppings* e ruas arborizadas dos bairros de alto *status* exigem respeito e certa reverência por parte daqueles que não fazem parte do lugar, todos sabem qual é o comportamento exigido a partir de sua posição social, os símbolos diacríticos lembram a todos qual *seu lugar*. Além disso, lá estão seus panópticos: os circuitos internos de TV e os seguranças para vigiar e enquadrar a todos aqueles que saírem do *padrão da normalidade*. As formas de demarcar os territórios, insisto, não precisam ser físicas, na medida em que há barreiras simbólicas tão eficientes, ou mais, quanto qualquer muro ou cerca.

O documento *Moradia, segregação, desigualdade e sustentabilidade urbana* (PREFEITURA, 2001) produzido pelo Instituto Pereira Passos da Prefeitura da Cidade do

Rio de Janeiro e o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) faz uma análise das diferenças de renda e desigualdades entre os moradores da cidade. Nesse estudo encontramos algumas expressões que demonstram as hierarquias entre os espaços e regiões do município do Rio de Janeiro. O estudo divide a Região Metropolitana do Rio de Janeiro em dez áreas e o município em seis áreas. Nessas áreas veremos representadas claramente as hierarquias e distâncias sociais. Observemos o mapa e o gráfico:



Áreas da cidade Rio de Janeiro	Descrição das Áreas e suas Regiões Administrativas.
1- Zona Sul - Barra da Tijuca	Botafogo, Copacabana, Lagoa, Barra da Tijuca e Rocinha.
2 - Zona Norte - Centro	Centro, Santa Teresa, Rio Comprido, Tijuca, Vila Isabel e Méier.
3 - Subúrbio próximo	Portuária, São Cristóvão, Ramos, Inhaúma, Ilha do Governador, Jacarezinho, Complexo do Alemão e Maré.
4 - Subúrbio distante	Penha, **Irajá**, Anchieta e Pavuna.
5 - Madureira - Jacarepaguá	Madureira e Jacarepaguá.
6 - Zona Oeste	Bangu, Campo Grande, Santa Cruz e Guaratiba.

No *efeito do lugar* (Bourdieu, 1997) estão representadas na hierarquia que os bairros são dispostos no documento produzido pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Nele as onde as distâncias dos bairros parecem ser medidas a partir do prestígio de cada região da cidade, assim, as Zonas Sul e Barra da Tijuca elas passaram a ser o centro da cidade, a *Área 1*, o *aqui*. A Zona Norte é incorporada ao Centro e o Subúrbio é subdividido em duas áreas, que também são classificadas de acordo a sua proximidade com as áreas de maior prestígios, assim, os bairros suburbanos mais próximos do Centro compõem o "subúrbio próximo" e os que estão mais distante das áreas mais prestigiadas fazem parte do "subúrbio distante". Para quem produziu este documento onde seriam as diferenças de renda e desigualdades entre os moradores da cidade, acabou produzindo um *mapa* onde as representações simbólicas da cidade ficam evidente.

No jornalismo, na literatura, na dramaturgia, as relações de poder se estendem também nas relações de gênero. Nestas representações as mulheres suburbanas têm invariavelmente ocupações subalternas, elas são manicures, cabeleireiras, babás, cozinheiras, operárias de fábricas e outras profissões de baixa qualificação. Já os homens suburbanos têm igualmente profissões de baixa qualificação, eles são motoristas (de *madame*, de ônibus ou táxi), balconistas, funcionários públicos com cargos subalternos, mecânicos (quase sempre com seus peitos cabeludos à amostra) e bicheiros, todos esta fauna masculina tem em comum a pouca instrução, o português precário e a postura *machista*. Por outro lado, os homens moradores da Zona Sul são os príncipes encantados que vão tirá-las de suas *vidinhas suburbanas*. Esses personagens que pululam na obra de Nelson Rodrigues "migraram" para o cinema e, logo depois, para a TV, onde são

veiculados fartamente criando, divulgando e inculcando esses estereótipos. Entretanto, os estereótipos não meras caricaturas, são formas de controle social, ele é *tanto causa quanto o efeito de um pré-julgamento de um indivíduo em relação a outro devido à categoria a que ele ou ela pertence* (Brookshaw, 1983:10). A força do estereótipo está exatamente pelo fato de ele se legitimar pela maior capacidade de persuasão do grupo dominante que, através de seus meio, domina e impõe seu modo de ver, fazendo-o hegemônico, pois a hegemonia

> *deriva da formulação original de uma distinção entre a dominação, isto é, o uso da força, e o domínio – a extensão disseminada do poder de um grupo dominante aos campos político, burocrático e cultural da sociedade civil.* (...) *A liderança, e não a coerção, é um pré-requisito do domínio político. Quando um grupo dominante assume a liderança – isto é, o desenvolvimento de influência política, intelectuais e culturais que se correlacionam com seu econômico e coercitivo –, as tarefas principais passam a ser conciliar e intermediar, influenciar e persuadir grupos recalcitrantes ou mesmo de oposição a aceitarem uma nova rubrica política.* (Hanchard, 2001: 36).

No caso da cidade do Rio de Janeiro esta hegemonia talvez seja sinônimo de uma "Cultura Zona Sul", que é a forma organizada de

> *instaurar o modo de ser e pensar dos bairros cariocas Ipanema, Leblon, Gávea, São Conrado e Barra da Tijuca. (...) Por que não um modelo da Baixada Fluminense? Esse não interessaria ao*

> *projeto de hegemonia cultural e econômica para a preservação do capitalismo* (1986:12).

E *quando um grupo dominante assume a liderança*, ela extrapola as relações de classe e estende-se a outras relações sociais como as étnico-raciais e as relações de gênero. Assim, a masculinidade suburbana é a masculinidade subalterna *par excellence* por fazer parte de *bairro estigmatizado degrada simbolicamente os que o habitam, e estando privados de todos os trunfos necessários para participar dos diferentes jogos sociais* (Bourdieu, 1997), desta forma, mais uma vez, a masculinidade hegemônica se afirmar como a única masculinidade possível.

4.3 - A versão suburbana

Os suburbanos com quem tive a oportunidade de conversar, apesar das representações que lhes são atribuídas, têm a sua própria versão do subúrbio. Para eles é no Subúrbio Carioca que está o verdadeiro carioca, pois é lá que ainda se encontra o seu verdadeiro espírito, é onde os laços comunitários ainda são fortes e ainda há uma tradição genuinamente cariocas, algo que não existiria na Zona Sul, como brincar na rua, cadeira no portão, soltar pipa, balão, etc. (Carneiro, 1986: 58). Para eles o samba é suburbano, como são as principais escolas de samba que estão em bairros suburbanos ou na Baixada. O *verdadeiro* carioca seria aquele que conhece bem a sua cidade, aproveitando tudo o que a Cidade Maravilhosa tem para oferecer. Desta forma, estes suburbanos vão dando sua versão aos fatos. O subúrbio tem vida própria e muito das suas criações são produzidas, admiradas e consumidas pelos próprios suburbanos.

Não possuam o mesmo espaço que os "formadores de opinião", como TV e jornais, no Subúrbio Carioca há um circuito próprio para divulgação de suas produções como o circuito formado pelas Lonas Culturais[27] produzem espetáculos musicais de artistas consagrados e locais. Nas suas dependências há exposições de fotos, saraus, recitais de poesias, etc., as Lonas Culturais criaram um circuito de produção cultural que extrapola seu espaço físico. A partir delas sugiram Cines-Clube que não exibem somente filmes de diretores consagrados, mas também suas próprias produções como o Cine-clube *Subúrbio em Transe*, situado na Casa do Artista Independente - Casarti[28], localizada no bairro de Vista Alegre, tem um rico acervo de produções próprias, algumas com premiações em festivais dentro e fora do Brasil. Uma de suas produções mais conhecida é o documentário *Alma Suburbana*[29]. Nele são discutidos tanto a visão estereotipada do subúrbio e seus moradores, quanto são apresentados as produções culturais (poesia, música instrumental, cinema, etc.) e seus produtores.

Voltando às Lonas, temos a dupla "Bonequinho Vil e Marcão" fazem uma sátira uma sátira do "Bonequinho Viu" do jornal O Globo. A dupla se apresenta nas lonas antes de shows e falam dos acontecimentos do bairro, da cidade ou do país com muito

[27] As Lonas Culturais são tendas que foram anteriormente usadas na Eco-92, cridas pelo ex-prefeito Luiz Paulo Conde como pólos de entretenimento, hoje há dez unidades espalhada pelas Zonas Norte e Oeste. Para conhecer melhor as Lonas ver o site

http://noticiascultura.rio.rj.gov.br/principal.cfm?sqncl_categoria=12&nivel_categoria=1

[28] Para conhecer um pouco da CASARTI ver http://casarti.com.br/

[29] Para ver um trailer do documentário *Alma Suburbana*, ver http://www.youtube.com/watch?v=5RIcrl5p6T8

humor e muito deboche. Marcão, aliás, Marcus Vinicius é conhecido como escritor, produtor, diretor e etc. de várias peças. Uma das mais conhecidas é "O Diário de um Magro", uma evidente sátira ao livro de Paulo Coelho. No palco, Marcus Vinicius se revezava em três personagens: o analista do magro, um menino que tinha estudado com ele e o médico que, ao fazer o parto, confundiu o bebê com uma lombriga. Embora não seja conhecido no circuito *Off Zona Sul*, ele é muito popular nos Lonas Culturais.

Outro circuito importante é o circuito gastronômico. Com uma variedade de comidas variadas que vão de comidas portuguesas, mocotós, feijão amigo, ensopados, pescados, tripas lombeiras, entre outras iguarias; seguindo da cozinha mais sofisticada às mais populares como churrasquinho vendido na rua, à comida de botequim, que, antes mesmo de virar moda em bares chiques da Zona Sul e Centro, já existia um circuito bastantes conhecidos pelos moradores do Subúrbio Carioca. Este pratos fazem parte também de várias letras se samba, como por exemplo, Nei Lopes, Wilson Moreira, Candeia, entre outros, que exaltam estas iguarias como rituais coletivos de comensalidade. Parte deste circuito tem tido espaço na sessão "Água na Boca" do suplemento dominical Zona Norte, do Jornal de Bairro d'O Globo. Outro motivo de orgulho dos suburbanos são os salões de bilhares, afinal não se joga apenas sinuca no subúrbio. Este circuito tem seus campeonatos e seus craques. Além disso, os suburbanos falam de seus botequins, como o da Jaqueira em Madureira que foi ponto de encontro de portelenses históricos, alguns deles freqüentados por sambistas famosos, como Nei Lopes, Zeca Pagodinho (ambos nascidos em Irajá), Nelson Cavaquinho (Jardim América), Candeia (Oswaldo Cruz), etc. Por fim, os suburbanos de ambos os sexos compartilham da crença que homem de verdade somente onde eles/elas moram. Para eles, os moradores da zona sul, apesar do poder aquisitivo mais alto, não são tão homens, pois,

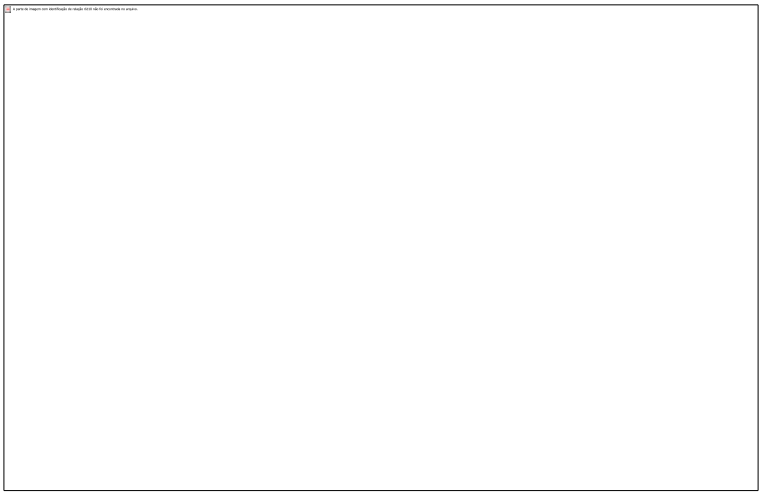
> *A moralidade da Zona Sul é alvo de críticas, pelo grupo da esquina porque segundo eles, lá estas normas morais são mais maleáveis, diferentemente dos padrões morais suburbanos, onde os papéis sexuais seriam rígidos e bem definidos, onde* homem é homem, mulher é mulher... (Souza, 2003: 78)

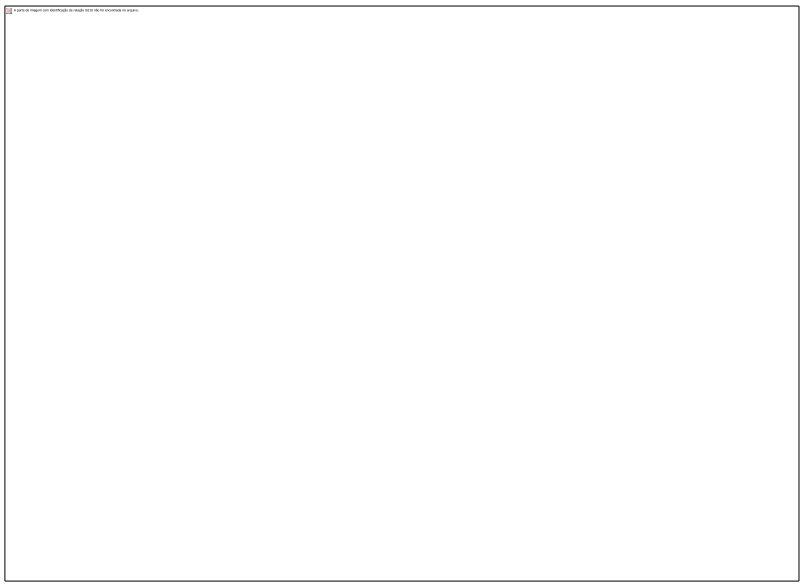
Deste modo, os homens moradores da Zona Sul são alvo de crítica e desconfiança de sua masculinidade. Todos os homens e mulheres são alvos desta desconfiança, segundo dona Guiomar, que trabalhou muitos anos como doméstica na Zona Sul, costumava dizer,

> *La em Copacabana só tem vagabunda. Elas gostam de posar de madame, mas é tudo piranha. Os homens são tudo corno é viado!*

Zona Sul seria o *locus* preferencial da excessiva liberalidade sexual, e um dos motivos é justamente a falta de uma vida comunitária. O que faz com que se evite os excessos e aqueles que querem viver seus desejos desenfreados, vão morar na Zona Sul, simbolizado pelo bairro de Copacabana.

A versão suburbana só Subúrbio Carioca:





4.4 - Irajá, Berço do Subúrbio Carioca

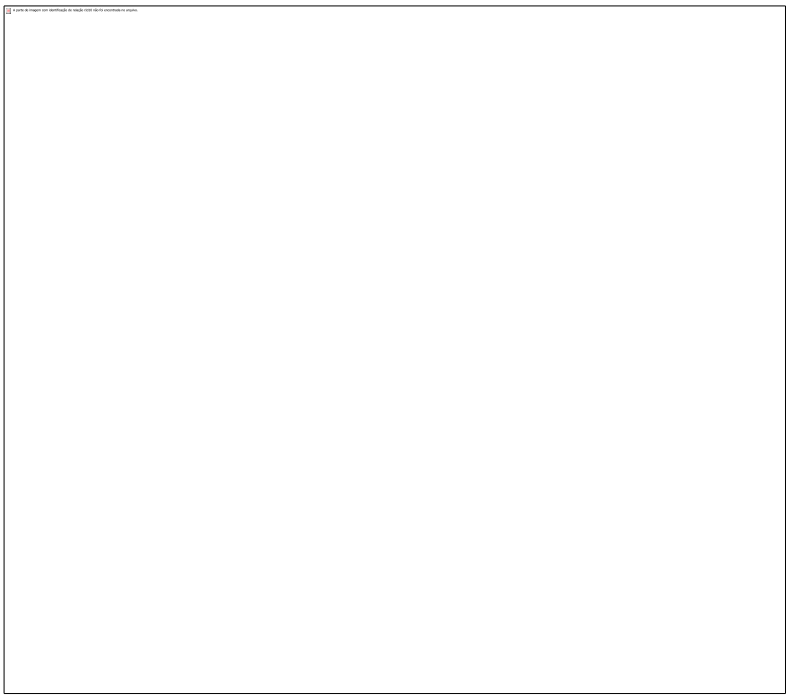
A origem do nome Irajá tem duas versões. Na primeira, "Irajá" significa "O Mel Brota", nome dado pelos índios Muduriás, que habitavam a região. Na segunda o nome viria de "Aribo", de "alto" e "Yá", "brotar", ou seja "rio que brota do alto do morro e cai abaixo", referindo-se ao rio Irajá, que nasce no morro do Juramento e deságua na Baía de Guanabara.

Theodoro Sampaio (O Tupi na Geografia Nacional)

O bairro de Irajá, um dos mais antigos do Rio de Janeiro, foi fundado por volta de 1568. No ano de 1613 a antiga Freguesia de Irajá estendia-se de São Cristóvão a Santa Cruz, passando por Jacarepaguá. Dom João VI assina um alvará em 10 de fevereiro de 1647 que transforma a Capela de Irajá em Paróquia de Nossa Senhora da Apresentação de Irajá (Prefeitura, 2003: 26). Irajá nunca produziu café, mas, por outro lado, cultivou cana-de-açúcar, tendo no século XVIII, 13 engenhos, além de ter sido grande produtor de hortifrutigranjeiros como banana, laranja, manga, amora, couve, alface, agrião, chicória, cebolinha, etc., esta produção servia para abastecer a antiga Corte e depois a cidade até o século XIX. Em Irajá havia inúmeras olarias, cuja produção era embarcada no Portinho de Irajá na foz do, então navegável, rio Irajá, seguindo pelo canal do Rio Meriti e por inúmeros canais secundários que levavam à Baía de Guanabara para daí seguir para a Corte. A sua proximidade com a Baía de Guanabara fez com que fosse necessária a construção de fortificações para defender a Freguesia de Irajá em pontos estrategicamente situados para evitar possíveis incursões de índios, aventureiros e estrangeiros. Tal preocupação se mostrou real quando o Almirante francês Duclerc conseguiu desembarcar em Guaratiba, invadindo a Cidade de surpresa no início do século XVIII, a invasão de Duclerc fracassou em sua incursão, mas logo depois seu compatriota, Duguay-Trouin, tentou invadir a Cidade trazendo inúmeros navios e considerável poder de fogo, entretanto, ambos se defrontaram com um ilustre personagem pouco conhecido, Bento de Amaral, que lutou bravamente contra as invasões francesas. Em 1970, durante obras para a construção da Usina de Reciclagem, em uma área localizada na XIV Região Administrativa de Irajá, foram descobertos dois canhões utilizados no século XVIII, para guarnecer a retaguarda da Cidade, após as invasões francesas (Prefeitura, 2003: 25).

Pouco depois de se institucionalizar como Freguesia, Irajá começou a ser desmembrado, dando origem a inúmeras freguesias rurais que mais tarde se transformariam em bairros, entre outros, o bairro de Jacarepaguá, desmembrado em 1661; Campo Grande, desmembrado em 1673; Inhaúma, em 1743. O desmembramento continuou no século XX, em 1926, os bairros de Madureira, Realengo e Anchieta; Penha e Pavuna se separaram em 1932; e por último o bairro de Vista Alegre, em 1985, Por este motivo, a Prefeitura do Rio de Janeiro chama o bairro de Irajá de *O Berço do Subúrbio Carioca* (Prefeitura, 1997).

Em deste *berço* que será onde eu vou desenvolver minha pesquisa de campo.



5 – O ENCONTRO COM O CAMPO

5.1 - A caminho do campo

Saltando na estação Irajá da linha 2 do Metrô, chegamos à avenida Pastor Martin Luther King Jr, antiga Automóvel Clube, com Avenida Monsenhor Felix, principal artéria do bairro que, segundo o último censo, tem cerca de 102 mil habitantes[30]. Esta localidade já era conhecida como *Estação de Irajá* antes mesmo da chegada definitiva do Metrô em 1998, embora esta estação já tenha sido inaugurada pelo menos duas vezes antes, uma no governo Chagas Freitas (1979-1983) e outro no governo de Moreira Franco (1987 a 1991). Isto porque, antes havia ali uma estação de trens da antiga Linha Férrea Auxiliar Rio D'Ouro e Melhoramentos, fundada em 1883 e extinta no início dos anos '60 do século XX. As obras do Metrô degradaram a região que outrora fora próspera, onde antes havia um forte comércio, hoje dos escombros deixados pelas empreiteiras envolvidas nas obras surgiu a favela Jardim Metrô.

Ao longo da Avenida Monsenhor Felix estão os principais marcos do bairro, como o Irajá Atlético Clube, fundado em 1912; o Cine Irajá, inaugurado em 1941, palco de inúmeras brigas das turmas do bairro, onde hoje está instalado um templo da igreja Universal do Reino de Deus. Em frente ao antigo cinema se encontra o Bloco Carnavalesco Bohêmios de Irajá, de 1967, um dos três principais Blocos de Empolgação[31] da cidade junto com o Cacique de Ramos e o Bafo da Onça. Caminhando um pouco mais

[30] **Fonte:** Armazém de Dados do Instituto Pereira Passos.

[31] Definição de bloco de empolgação Classificado no carnaval como bloco de embalo (ou de emplogação), categoria que designa, ao contrário de dos blocos de enredo (ou blocos de sujo), aqueles que se afirmam no carnaval, basicamente, pela animação de seus foliões e pelo entusiasmo com que "levam" o samba na "Avenida" (...) tem sido, há muitos anos, um dos pontos altos do carnaval de rua do Rio de Janeiro (Pereira, 2003: 67).

nos deparamos com uma pequena praça que é a entrada "oficial" do bairro, pois nela vemos uma grande placa de bronze onde está escrito "Seja Bem-vindos à Irajá", saudando os visitantes. Em frente a esta praça ficava a antiga gafieira Danúbio que era freqüentada quase que exclusivamente por negros e por alguns brancos pobres, segundo relatos do senhor Alindo de Souza, intelectual local, que depois de sua aposentadoria como analista de sistema, resolveu se dedicar à história do bairro onde nasceu e cresceu. O que corrobora Dona Jorgina (Negra, 70 anos), antiga moradora do bairro:

- Os pretos freqüentavam o Danúbio. O Danúbio era um lugar mal afamado, meu pai não deixava a gente ir, mas quando ele era mais novo ele gostava de ir lá. Os brancos iam para o clube Irajá Atlético, na gafeira ia branco, mas só os brancos pobres, mas a maior parte era de preto mesmo. Era um lugar que iam os malandros de Irajá... O Jaburu[32] *ia sempre lá".*

Além de Jaburu toda a *fina flor* da malandragem irajaense se encontrava no Danúbio que após os bailes costumava formar rodas de pernada e nestas rodas *"só entrava quem se garantia, senão saia de perna quebrada"*, conta Gil, antigo malandro do bairro com quem passei boa parte do meu trabalho de campo. Aliás, Gil é admirado e respeitado por sua ter sido na sua juventude destreza neste

> *Jogo de atenção, golpes rápidos e eficazes,* (...) *no Rio de Janeiro, a despeito da violenta repressão policial, praticamente se tornou o meio de defesa e de ataque das camadas populares.* (...) *banda um dos golpes do batuque, o mais comum, com que o atacante tenta*

[32] Jaburu Velho, malandro lendário de Irajá, também conhecido como grande capoeirista.

arredar do chão uma das pernas do adversário, para fazê-lo cair.

(Carneiro, 1982: 129)

Embora Gil tenha mais de setenta anos, ele faz questão de manter viva a mítica em torno de seu passado. O mito do malandro é cultuado por ele no seu andar, na sua fala, no seu trajar, símbolos diacríticos importantes na construção de sua imagem pública.

Ao lado de onde ficava a antiga gafieira está a XIV Região Administrativa de Irajá (XIV RA) que os moradores conhecem também como "Prefeitura", sobre a qual falarei mais adiante. Na Avenida Monsenhor Félix também estão os principais colégios de Irajá. Como o Colégio Republicano, onde estuda a classe media local e as escolas públicas José do Patrocínio e Paula F 'reitas que já foram durante um longo período onde estudou a classe média local que os consideravam *escolas com um ensino forte.* Hoje, com a degradação do ensino público, este perfil mudou bastante. Um pouco mais a frente temos o antigo Instituto Marques, hoje Estrela Dalva por fim, o Instituto Jesus Eucarístico fundado em 1959, onde *"estando a comunidade Irajaense muito carente para o apostolado, em setembro de 1959, a Congregação Italiana* [foi convidada] *para colaborarem na evangelização da região*[33], colégio onde elite local fazia o antigo primário. Estes colégios costumavam travar verdadeiras batalhas campais durante os desfiles cívicos em homenagem ao Dia da Independência. Estas brigas eram motivadas, segundo alguns moradores, por diferenças de classe, étnicas e territoriais que colocavam negros e brancos em posições ora antagônicas, ora unidos contra os moradores de bairros ou localidades diferentes.

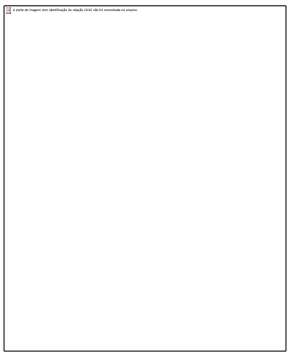
[33] **Fonte:** http://agrocon.sites.uol.com.br/, site visitado em 20/10/2009.

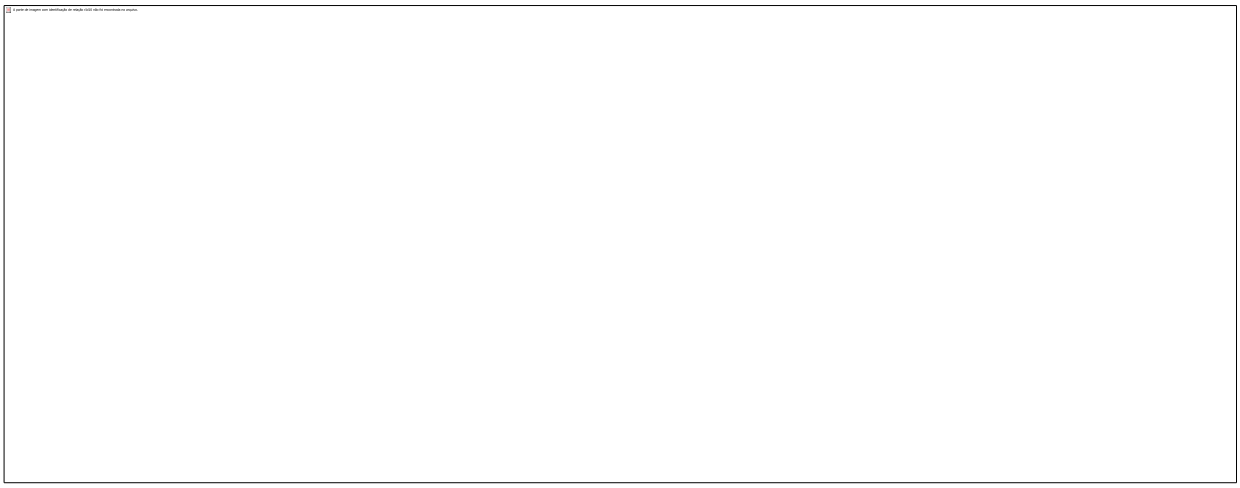
Voltando à *"Prefeitura"*, como é chamada a XIV Região Administrativa de Irajá pelos seus moradores. Sua jurisdição abrange os bairros da Vila Kosmos, Vicente de Carvalho, Vila da Penha, Vista Alegre, e Colégio, e sua localização e o nome popular de *prefeitura* não são meros acasos. Segundo mais uma vez o senhor Arlindo, em 1960 quando foi criado o estado da Guanabara que foi criado, foi convocada uma Assembléia Constituinte, o que abriu a possibilidade da criação de municípios, assim, um grupo de moradores de Irajá, entre eles o senhor Arlindo e o jovem deputado distrital Pedro Fernandes no início de sua longa carreira[34], se organizou com o intuito de transformar seu bairro em um município, seu território se assemelhava ao que é hoje da XIV RA[35] e cuja sede seria exatamente onde está atualmente a sede da Região Administrativa. A idéia estava bastante madura, a tal ponto que já haviam sido elaborado um brasão do futuro município, entretanto, a empreitada foi abortada pelo então governador Carlos Lacerda que era a contrário idéia. Entretanto, para não colocar este importante grupo na oposição, Lacerda fez um acordo com estas lideranças, construindo a sede da XIV RA no lugar onde seria a sede do futuro município e seu primeiro superintendente foi justamente este deputado distrital. Apesar da idéia da emancipação não ter se concretizado, hoje o brasão de Irajá é ostentado orgulhosamente na entrada da sede e nos *folders* de atividades da Região Administrativa. Na XIV RA também há uma usina de lixo da COMLURB e a Biblioteca Popular João do Rio, em cujas dependências está instalada a Academia

[34] Pedro Fernandes continuou como deputado estadual, sendo reeleito até a sua morte, pelos votos dos moradores dos bairros que compõem a XIV RA, mas principalmente dos moradores de Irajá, bairro onde morou, ele tem como herdeiro sua filha, a vereador Rosa Fernandes, e seu neto Pedro Fernandes Neto.

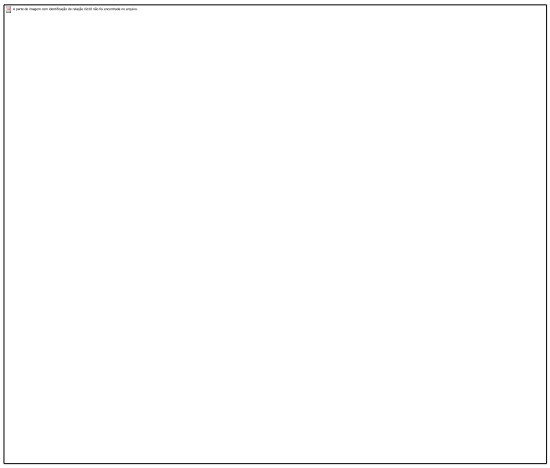
[35] Além dos bairros da XIV RA, fariam parte do futuro município Rocha Miranda, Honório Gurgel, parte de Guadalupe e Deodoro.

Irajaense de Letras e Artes - AILA, fundada em 1993, composta por moradores ilustrados do bairro que é associada à Academia Brasileira de Letra. Suas reuniões acontecem toda a terceira quarta-feira do mês. A AILA tem membros correspondentes em vários estado do Brasil e em vários países. Seus membros fazem palestras e promovem concursos de redação nas escolas da rede pública onde procuram promover e divulgar a história do bairro, sendo seu patrono o escritor João do Rio[36].

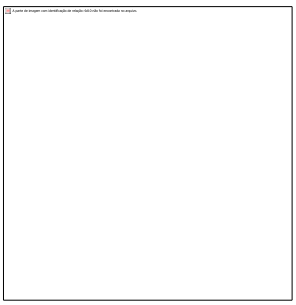




[36] Para conhecer um pouco mais da AILA ver site <http://agrocon.sites.uol.com.br/aila.htm>



Insígnia e logotipo da AILA[37]



A insígnia, que é também o seu logotipo, é composta da seguinte forma:

a) dois ramos de louro, cor verde, em forma de círculo, representando a sabedoria em geral.

b) dois círculos circunscritos, em vermelho, cor tradicional do bairro de Irajá, com o nome da Academia Irajaense de Letras e Artes.

c) no centro dos dois círculos circunscritos, uma paisagem contendo a cana de açúcar, a engrenagem representando o engenho, a clave de sol a música, pena as letras, o pincel as artes e o rio, o rio Irajá.

[37] http://agrocon.sites.uol.com.br/aila.htm

De volta à Avenida Monsenhor Félix. Ao longo da avenida vemos uma grande variedade de estabelecimentos comerciais como padarias, oficinas mecânicas, mercearias, açougues, escritórios de advocacia, contábeis e médicos, igrejas protestantes e evangélicas (Igreja Presbiteriana de Irajá fundada em 1946, a já mencionada IURD e inúmeros templos pentecostais), além de dois grandes supermercados, motivos de amor e ódio de alguns moradores quando falam de seus "projetos urbanísticos" que melhorariam o bairro. Gil, por exemplo, dizia que

> *Toda vez que passo perto deste mercado, me dá vontade de jogar uma bomba lá dentro... Esse pessoal pensa que pobre só come, igual a porco. Por que não fizeram um shopping para o pessoal ter para onde ir?*

Paulo é menos contundente

> *Se eles fizessem um shopping ia mudar tudo, o pessoal ia cuidar das casas, o bairro ia melhorar, ia evitar que a favela do Para-Pedro crescesse para o lado de cá.*

Finalmente, chegando ao final da Avenida Monsenhor Félix, encontramos a Praça da Igreja Nossa Senhora da Apresentação, cujo templo é o marco de fundação do bairro, e onde está também o cemitério e o campo de futebol Filhos de Irajá, uma dos espaços de *performance* de masculinidades do bairro. Boa parte destas histórias se confundem com histórias familiares, geralmente elas começam a partir de histórias pessoais, *ali onde eu jogava bola quando era moleque ficava o terreno que é hoje...* ou

Meu pai contava que ali antigamente era.., há inclusive os que reclamam para si descendência de um antigo grupo indígena os "Manduricis" que teriam sido os antigos habitantes de Irajá, cujo nome, como veremos mais a frente, foi dado à fraternidade criada pelo grupo de homens que pesquisei, entretanto, a maior parte fala de sua origem africana e/ou lusitana, aliás, as marcas portuguesas são muito presentes no bairro. No início de meu trabalho de campo, eu estava flanando pelas ruas do bairro com a Cris, minha esposa, que não costumava circular pelo Subúrbio Carioca, por isso, ela achou muito estranho o excesso de azulejos e santos nas fachadas das casas e principalmente um imagem que ela nunca havia visto antes: São Cosme e São Damião acompanhados por um terceiro irmão, conhecido Doum. Seu olhar de estranhamento foi muito importante para mim, pois como sou suburbano, aquela paisagem estava naturalizada para mim. Neste momento eu realmente me dei conta do quanto Irajá é um bairro português com certeza.

Em algumas casas haviam símbolos diacríticos onde era possível identificar o santo de devoção e o nome de quem a construiu, ou o nome e o ano de construção. Nestas casas era possível ler "Lar de Cecília - 1930", "Villa de Dona Maria – 1940", etc. Eu não encontrei nenhum nome masculino, seria por ser a casa um território feminino? As casas mais novas, construídas, arrisco a dizer, nos anos 50, 60 e até 70, tinham nas suas fachadas azulejos com o santo de devoção dos primeiros proprietários. Era um verdadeiro "panteão" católico onde os santos mais populares eram Nossa Senhora Aparecida[38], o Sagrado Coração de Jesus, Santo Antonio, São Judas Tadeu, São Francisco de Assis e São José com o Menino Jesus no colo. Estes azulejos poderiam fazer a alegria de qualquer católico, como

[38] Havia também várias outras "Nossas Senhoras", como da Conceição, das Dores, da Gloria, do Perpétuo Socorro, etc.

eu vi na satisfação de minha esposa, mas ela se surpreendeu quando eu expliquei para ela que alguns santos não eram 100% católicos, como por exemplo, São Jorge, São Sebastião, Santa Bárbara e São Jerônimo. Eles poderiam ser santos da devoção tanto de católicos quanto de adeptos da umbandista e do candomblé ou mesmo de católicos que são adeptos destas religiões ao mesmo tempo.

Ela estava cética quanto ao que eu dizia, mas quando nós olhávamos para os quintais de algumas das casas que tinham alguns destes santos, víamos que próximo ao portão de entrada havia uma casinha que parecia de cachorro pintada de branco que, ao primeiro olhar, poderia ser confundida com uma casinha de cachorro, mas na realidade era a *casinha do santo.* Como algumas estavam com seu portaos aberto, dava para ver velas e oferendas para o santo de devoção. O espanto maior da católica devota foi quano eu expliquei também quem era Doum, o irmão caçula dos gêmeos Cosme e Damião. O nome Doum é a corruptela da palavra "*dohun*" que na Nigéria é o primeiro irmão nascido após irmãos gêmeos. No Brasil ele passou a fazer companhia aos santos gêmeos para os umbandistas. Segundo alguns antigos moradores, existiam inúmeros terreiros de umbanda em Irajá, cujos pais-de-santo eram portugueses.

Embora Irajá tenha suas fronteiras político-administrativas bem definidas pela Prefeitura, seus moradores constroem seus próprios territórios dentro do bairro, pois para eles

> *o bairro é uma noção dinâmica, que necessita de uma progressiva aprendizagem, que vai progredindo mediante a repetição do engajamento do corpo do usuário no espaço público até exercer aí uma apropriação* (Certeau, 1997: 42).

Esta apropriação faz com estes territórios tenham fronteiras próprias, desta forma, o mapa cognitivo dos irajaenses pode variar de acordo com o gênero, a faixa etária ou antiguidade no bairro. As histórias contadas pelos moradores de Irajá são repletas de lugares sociais, com gênero, classe e cor são os territórios *dos portugueses*, *dos bacanas*, *do pessoal metido a cagar cheiroso* de um lado e de outro o lugar *onde a malandragem se encontrava, onde só tinha preto, branco só se fosse amigo*. Irajá como toda a cidade do Rio de Janeiro é marcada tanto pela classe, quanto pela raça/etnia de seus moradores. Os homens têm um mapa cognitivo diferente das mulheres, o mapa feminino é ligeiramente menor que o masculino, os jovens circulam menos que os velhos e assim por diante, cada grupo usa o bairro de modos distintos, criando sua própria *cartografia efetiva* (Niemeyer, 1998) que aproxima os *chegados* (Magnani, 1998) e separa os que não são bem-vindos, criando também um plano segmentado onde os marcos definidores, muita vezes são invisíveis para quem não os conhecem e onde o interlocutor mora, em geral, é o ponto médio. Segundo Irene, uma moradora do bairro:

O pessoal mais pobre... eu acho que mora ali pelos lados da Rua Lúcio de Araújo, ali onde minha mãe até hoje chama de Vila Rangel e Vila Mimosa lá perto da Estação. *Do outro lado de Irajá, na Vila São Jorge, próximo ao Ceasa, se não em engano...*

E os negros? Eu pergunto.

Eu nunca tinha pensado nisso... Deixa eu ver... Pô, fica por ali também. Eu nem tinha me dado conta disso... As favelas e o morro que tem em Irajá são exatamente nestes lugares...

E o pessoal com melhor situação econômica? Continuo.

Ela responde sem titubear:

Em Vista Alegre e no Bairro Araújo. E é lá que moram os brancos também... Essa entrevista está me fazendo ver Irajá com outros olhos. Eu não tinha me dado conta disso.

Mas se nestes lugares moram pobre e rico, negro e branco? Onde mora o pessoal classe média? Mais uma vez eu pergunto.

Ué? Mora aqui na [Rua] *Pau-Brasil, na Gustavo, nas ruas daqui. Já a cor do pessoal daqui? Eu acho que não são nem negras, nem brancas, são assim como nós* (apontando para ela e para mim), *de pele mais clara.*

Este *ponto médio* se repetiu nas várias vezes, ou seja, todos diziam que onde eles moravam era o lugar da classe média, de cor igualmente média, entretanto, minhas observações mostraram outro mapa diferente do discurso, onde a cor da pele e a condição de classe criam mapas distintos, onde ressentimentos antigos são acionados com bastante freqüência, como vermos mais a frente.

5.2 - Flanando pelo campo

Logo no início de minhas incursões no campo, resolvi assistir a uma visita guiada por alguns pontos de Irajá organizada por professoras de História da rede municipal de ensino. Eu tomei conhecimento dessa visita através de uma amiga, professora de História, ela é professora da Escola Municipal Almirante Newton Braga de Faria, que sabia de meu interesse pelo tema. Eu confesso que minha intenção inicial era apenas participar da visita e depois ir para outros lugares que imaginava mais promissores. Para me mostrar mais irajaense, resolvi usar uma camisa, que eu mesmo fiz com um brasão do bairro, que encontrei em um site sobre o bairro[39], mas não sabia até nada sobre sua origem. Eu não imaginava o quanto esta camisa seria importante para meu trabalho, pois ela me aproximou do Seu Arlindo. São as imponderáveis que o campo nos apresenta.

Ao chegar à escola, fui apresentado ao Seu Arlindo que me perguntou se eu conhecia a origem daquele brasão, a resposta obviamente foi não e ele disse que me contaria depois da aula, o que me deixou na maior expectativa. Depois das apresentações, ele começou a falar sobre o Almirante Newton Braga de Faria, seu antigo colega de classe quando eles estudaram no Colégio Republicano:

> *Newtinho, sempre foi bom aluno, principalmente em matemática e nos esportes. Ele era "caxias", sempre levou jeito para a vida da caserna.*

[39] http://agrocon.sites.uol.com.br/ Neste site há várias informações sobre o bairro, famílias ilustres, marcos históricos. É uma boa fonte de informações.

Em seguida, saímos com os alunos, cuja faixa etária girava em torno de 13 a 16 anos. Seu Arlindo estava muito animado, falando a todo o momento, mostrando sua erudição sobre Irajá. Ao chegarmos à Praça Nossa Senhora da Apresentação, ele começou a contar a importância do campo dos Filhos de Irajá para o bairro e os jogadores famosos que lá jogaram antes da fama, como Jairzinho, o *Furação da Copa de 70* e Paulo Cesar Caju, entre outros. Falou também sobre o Cemitério de Irajá que, diferentemente de outros cemitérios, não atrapalhou o crescimento do bairro, pois sua localização o torna quase imperceptível, o que não aconteceu com os bairros de Inhaúma e Botafogo, cujas vizinhanças estagnaram. Se eu tivesse qualquer dúvida acerca da paixão e do conhecimento de Seu Arlindo sobre Irajá, ela desapareceria no momento em que entramos na Igreja de Nossa Senhora da Apresentação. Seu Arlindo nos mostrou detalhes que, a olho nu, um leigo jamais veria, como, por exemplo, a arquitetura jesuítica da igreja quase invisível após várias reformas. Ele nos mostrou seu altar, os túmulos de famílias ilustres, cujos membros foram enterradas na nave da igreja, as imagens de santos e seu valor histórico. Ele nos mostrou também o confessionário que teria mais de 200 anos. Mas o que mais me chamou a atenção foi a pia batismal feita em um único bloco de mármore branco com aproximadamente 300 anos ou mais. No terreno ao lado da igreja havia um pequeno cemitério onde eram sepultadas pessoas não tão nobres, mas com o poder aquisitivo o suficiente para garantir um lugar mais próximo da casa de Deus no *post mortem*.

Ao término da visita, os jovens ficaram por conta de suas professoras que deram continuidade à atividade. Convidei Seu Arlindo para tomarmos um café no bar próximo à capela do cemitério. Este bar ao lado da capela é famoso em Irajá, pois nele acontecia tempo uma roda de samba famosa, o "Pagode das Almas", onde cantavam sambistas famosos com Zeca Pagodinho, Beto Sem-Braço, entre outros. Durante nosso

café, conversamos mais sobre Irajá, quando ele me contou outras histórias, entretanto, a informação que mais me interessou foi sobre a história da elaboração do brasão do bairro, que já conhecemos. Esta conversa com Seu Arlindo aumentou a minha convicção sobre fazer meu trabalho de campo em Irajá, mas eu continuava com um dilema: onde fazer meu trabalho de campo?

Eu estava em dúvida, pois temia que meus vínculos com Irajá me atrapalhassem, mas sabemos que, embora a proximidade traga seus riscos, ela não impede um trabalho de campo. A minha decisão se deu exatamente no dia seguinte a este encontro.

Enquanto procurava um lugar para montar a minha tenda para observar o cotidiano de Irajá, me encontrei com amigo de longa data e fomos ao bar do Pery para bater um papo e beber um refrigerante. Nosso papo foi rápido e ele logo foi embora, mas eu continuei pensando o que eu faria da minha vida, afinal o tempo devora seus filhos e como não estava realizando um trabalho de História, precisava dar início as minhas observações. Neste ínterim, enquanto estava observando o movimento de carros e pessoas, aproveitei para dar uma olhada nas minhas anotações de campo, quando chegou outro colega também de longa data, Paulo, e começamos a conversar sobre a Rua Claudionor Ribeiro. Lembrávamos de nossa adolescência, de nossas brincadeiras de pique, carnavais, namoradas, de como as coisas teriam mudado de lá para cá, o quanto a violência aumentou, etc. Dizia ele

> *Naquele tempo a gente podia ir aonde quisesse e voltar a qualquer hora que não tinha problema... hoje deu 10h eu já estou dormindo*. *Meu filho não vai poder curtir a mesma coisa que a gente curtiu*.

Falamos também sobre Irajá, as mudanças pelos quais o bairro passou, as *peladas*[40], seus moradores, os parentescos, amizades e rivalidades, ruas que não podíamos passar, senão haveria briga com os seus moradores e a importância que algumas pessoas tiveram nas nossas vidas e o quanto seus conselhos e sua pedagogia masculina foram importantes para nossa formação, nos ensinando como ser um homem e algumas destas pessoas estavam ali no bar conversando animadamente. De repente me ocorreu que as interações masculinas estabelecidas na Rua Claudionor Ribeiro e nas ruas circunvizinhas poderiam ser um bom tema para minha pesquisa. Depois deste bate papo eu pensei, por que não a Rua Claudionor Ribeiro?

O primeiro obstáculo, mais uma vez, poderia ser minha proximidade com esta rua em especial, afinal, eu morei nela por quatro anos, no final dos anos ’70, início dos ’80, e eu temia que isto criasse dificuldades para construir uma alteridade no campo. Este pode ser um dos maiores desafios de quem se propõe fazer pesquisa na cidade onde mora: *estranhar o familiar em termos de seus hábitos, códigos e valores* (Velho, 1975) e em especial quando alguns destes *hábitos, códigos e valores* são os mesmos do pesquisador. Fazer pesquisa com membros de um grupo que se tem tanta familiaridade, coloca o pesquisador/a perante uma ambigüidade. De um lado, traz a vantagem de ter de antemão algumas informações prévias que podem contribuir para formulação de hipóteses e construir melhor seu objeto de pesquisa, de outro, este conhecimento não possibilitaria utilizar-se de uma certa ingenuidade para investigar melhor as categorias nativas e costumes locais, estratégia cara à observação participante (Figueiredo, s/d), entretanto, não

[40] Segundo o *Dicionário Aulete*, Pelada é uma *partida de futebol realizada em local improvisado e praticada por amadores.*

acredito que isto impeça uma investigação, mas sem dúvida introduz novas questões ao trabalho antropológico.

Acrescento a este desafio metodológico o fato de que nos anos de 2003 e 2004, participei de alguns programas de entrevistas e matérias de jornais sobre o meu livro (Souza, 2003)[41]. E, embora o tema deste trabalho tenha sido a sociabilidade masculina em torno do um churrasco organizado em uma esquina de um bairro suburbano, os títulos das reportagens eram sobre o que eles entenderam ser o tema de meu trabalho: *As regras de comportamento no churrasco de esquina* ou *O churrasco de gato feito nas esquinas do Subúrbio Carioca*. Embora os jornalistas me pedissem para eu levá-los ao local onde eu fiz meu trabalho de campo, fiz questão de resguardar a identidade das pessoas com quem desenvolvi meu trabalho de campo, então eu levei todos estes veículos de comunicação para o bar do Pery, ponto de encontro de alguns moradores da Rua Claudionor Ribeiro e de ruas circunvizinhas.

Quando uma equipe de filmagem do programa dominical *Fantástico* lá esteve, Pery e alguns moradores da ***área*** apareceram com destaque na reportagem e tiveram seus "quinze minutos de fama", tornando-os celebridades instantâneas. A repercussão foi tamanha que o bar do Pery logo se tornou um dos *points* mais freqüentados pelos moradores de Irajá e bairros próximos. Pery, com seu tino comercial, criou o *Pagode do Fantástico* que reuniu por alguns meses um grande número de pessoas que queriam conhecer o bar que apareceu no *Fantástico*. Deste modo, talvez não a Antropologia, mas um antropólogo tornou-se conhecido pelos moradores de Irajá, em especial na Rua

[41] Todas estas reportagens estão disponíveis no blog <http://videoseentrevistas.blogspot.com>

Claudionor Ribeiro e as ruas circunvizinhas. Agora, alguns anos depois, voltei a Irajá para dar início a minha nova pesquisa e isto tem gerou expectativas, fazendo com que eu permanecesse mais atento, como aconteceu com o antropólogo norte-americano Matthew Gutmann com os *muchachos* moradores de um bairro popular de Santo Domingo na Cidade do México, pois ele enfrentou alguns problemas, pois

> *algunos de mis vecinos y amigos me ayudaron en mis investigaciones con la esperanza de que ellos mismos pudieran tornarse famosos como había pasado con los hijos de Jesús Sánchez*[42]*. Algunos me han dicho que ahora es el único remedio para los pobres mexicanos: hacerse amigos de un antropólogo.* (Gutmann, 1994: 15).

Embora meu livro não tenha tido nem a visibilidade, nem gerado nenhum debate como o livro de Oscar Lewis, algumas pessoas do meu campo percebiam a possibilidade de poder aparecer na televisão através do meu trabalho, isso trouxe para mim algumas preocupações adicionais. Para exemplificar o que digo cito duas situações que creio sejam exemplares: Certo dia conversava com Carlos, apenas um bate papo, eu estava sem bloco de anotação ou máquina de fotográfica à vista, enfim, não havia qualquer coisa

[42] Os filhos de Jesús Sánchez são membros de uma família mexicana que foi pesquisada por Oscar Lewis e os tornaram conhecidos nos EUA com a publicação do livro *Children of Sánchez* (publicada em 1961) e no México por ter gerado grande polêmica, chegando a ser censurado pelo governo daquele país por um longo período. O livro de Lewis inspirou um filme homônimo, produzido em 1978 e estrelado por Anthony Quinn e Dolores del Rio.

que pudesse caracterizar uma entrevista, pelo menos formal. Durante este bate-papo, Carlos foi chamado e respondeu da seguinte forma:

> *Peraí, eu estou dando uma entrevista para o antropólogo...*

Aquele inocente bate papo (embora saibamos que *nada* é inocente em um trabalho de campo), não tinha nada de despretensioso para meu interlocutor, o que foi uma surpresa e acendeu uma luz amarela para mim. Há outra situação que também foi um pouco mais melindrosa. Desde das reportagens que falei acima, Pery não permite que eu pague qualquer tipo de despesa no seu bar, mesmo quando há rateios para compra de carne, minha parte não é aceita, isso me coloca em uma situação difícil, já que a etiqueta local não vê com bons olhos quem não participa dos rateios para as despesas, afinal a compra comunitária reforça a coesão do grupo. E para aumentar a minha exposição, havia uma faixa em agradecimento pela ida da reportagem do Fantástico ao bar, mesmo tendo se passado alguns anos, mas quando eu reparei fiquei aliviado. Deste modo, este tratamento diferenciado poderia me criar problemas junto aos outros membros. Isto exigia de mim um grande jogo de cintura, pois por mais que insistisse, Pery se recusava em aceitar o meu dinheiro, ele costumava dizer que

> *A vinda do Fantástico aqui me deu uma ajuda que eu nunca tive e sei que nunca vou ter, você não imagina o quanto me ajudou. Deu para eu fazer um pezinho de meia. Isso não tem dinheiro que pague... Como vou aceitar seu dinheiro?*

Eu não queria e não poderia ficar mal com outros membros do grupo, e por isso, eu criava várias estratégias para poder participar das *vaquinhas*, mas algumas pessoas

também não aceitavam meu dinheiro. Com tamanha deferência as informações dadas teriam que ser analisadas com maior cuidado, pois a *excessiva* boa vontade com que algumas pessoas conversavam comigo poderia me faze cair em armadilhas metodológicas.

Após ponderar os prós e contras, resolvi encarar o desafio de iniciar meu trabalho de campo a partir do bar Pery, pois este bar é um ponto de encontro de moradores da Rua Claudionor do sexo masculino e das ruas circunvizinhas, ***área***[43], como eu já falei. Pessoas que trabalham nos comércios e oficinas da ***área*** também frequentam o bar. ***Área*** é uma categoria nativa que se assemelha tanto a categoria *pedaço*, afinal ela é um componente de ordem espacial que corresponde uma determinada rede de relações sociais (Magnani, 1998:115), quanto à *localidade*, sendo

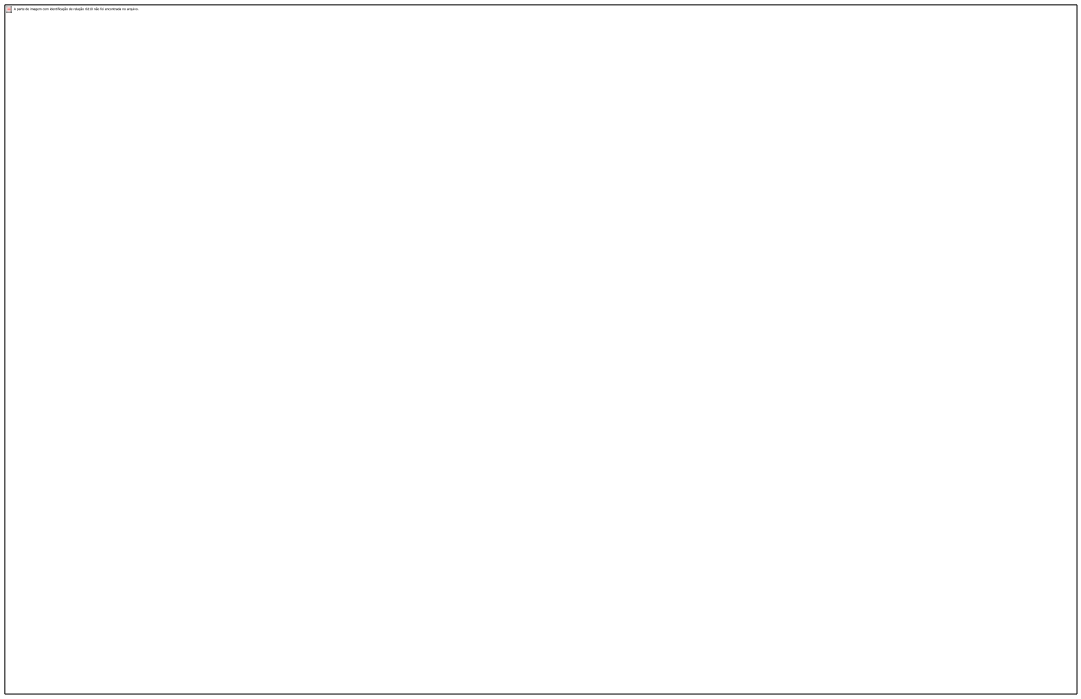
> *o ponto nodal de interação* (...), *os laços de parentescos mais ativos* (...) *serão encontrados na* localidade. *As amizades mais próximas, numerosas e vivas (se não as mais profundas) tendem a existir na* localidade (Leeds & Leeds, 1978: 33).

Outra característica importante do bar do Pery é ser um bar de proximidade, por estar situado em bairros residenciais, por isso, ele é importante para a *interação entre as pessoas que moram, trabalham ou passam cotidianamente por sua rua* (Thiago de Mello, 2003: 56), o que faz deste bar um ponto privilegiado para se observar as *performances* masculinas como veremos no decorrer do texto. Assim, durante aproximadamente 14 meses eu convivi com estes senhores, e algumas senhoras, ouvindo suas histórias, vi alguns álbuns de fotografias, bebendo (eles cerveja e eu refrigerante), comendo juntos e,

[43] As categorias nativas, para facilitar a compreensão durante a leitura, estarão em itálico e negrito.

principalmente, conversando muito. Ouvi histórias de suas famílias, seus dramas, suas frustrações e alegrias, algumas destas histórias eram repetidas várias e sempre contada com a mesma satisfação com que foi contada a primeira vez. Estes meses foram ao mesmo tempo cansativos e prazerosos. Neste período pude aprender com estas senhoras e senhores quais são suas principais representações masculinas, o que é necessário para que alguém cumpra seu ***papel de homem***, quando é necessário demonstrar que se é um ***sujeito homem***, o que acontece com aqueles que não conseguem corresponder a tais expectativas e o quanto o ***respeito*** e a ***consideração*** são valores importantes para estes homens conseguirem o prestígio conferido pela masculinidade hegemônica local. Aprendi também que a lealdade, a altivez e a auto-estima não poderiam jamais descambar para a arrogância, afinal eles não queriam ser confundidos com alguém *metido a cagar cheiroso, mais homens que os outros*, mas também não podiam se *abaixar demais, senão a bunda aparece*, exigindo um difícil equilíbrio, fazendo assim com que estes homens realizassem um trabalho de Sísifo[44], uma vez que a masculinidade não é de posse permanente, a todo o momento eles têm que dar provas de que são dignos de serem reconhecidos como homem de verdade.

[44] Personagem da mitologia grega, condenado a repetir sempre a mesma tarefa de empurrar uma pedra de uma montanha até o topo, só para vê-la rolar para baixo novamente.



5.3 - Quando a rua vira campo

Quando cheguei à Rua Claudionor Ribeiro, por volta das 16 horas, o sol já começava a "esfriar". Seus moradores começavam a sair de suas casas, colocando suas cadeiras nas calçadas, a rua era tomada pelas crianças que jogavam futebol, bola-de-gude, soltavam pipa e algumas meninas pulavam amarelinha ou brincavam de pique. Por ser sem saída, a Rua Claudionor, aos finais de semana, se transforma em uma área de lazer. Esta visão idílica de uma *típica* rua suburbana, lugar de *gente humilde* [em] *casas simples, com cadeiras na calçada*[45] me fez lembrar que uma visão tão cândida como esta, tal qual o canto da sereia, pode nos levar a cair na *tentação da ilha*,

> *que é de encarar o objeto de estudo – uma festa, um bairro, uma religião – como uma unidade fechada ou autocentrada.* (...)

[45] Trecho da música *Gente Humilde*, composição de Garoto, Chico Buarque e Vinícius de Moraes, gravada em 1969.

> *Recortar um objeto ou tema de pesquisa na cidade não implica cortar os vínculos que mantém com as demais dimensões da dinâmica urbana, em especial,* e da modernidade, em geral (Magnani, 2000:47, grifos meus).

Esta tentação transforma o objeto de estudo em um tipo ideal perverso, cheio de lugares comuns que serve apenas para criar e perpetuar estereótipos e preconceitos. Para além das visões românticas, o local de moradia é muito importante para a organização social de bairros de trabalhadores, neles são criadas as redes vizinhança e de parentesco (Fonseca, 2000; Magnani, 1998; Guedes, 1997; Zaluar, 1985) e nestes bairros a rua é seu ponto nevrálgico, ela é o órgão vital dos bairros (Jacobs, 2003:29), nela se desenvolve a vida coletiva e embora ela se distinga do espaço doméstico, suas fronteiras nem sempre são de fácil percepção. A casa e a rua devem ser pensadas como um plano segmentado (DaMatta, 1997 e Evans-Pritchard, 1991) cujas fronteiras além de móveis, devem ser compreendidas dentro do contexto em que são referidas, a rua pode ser considerada uma extensão do quintal. Um portão aberto pode significar que a rua adentra os domínios da casa e vice-versa, principalmente para os parentes e os vizinhos mais próximos (Guedes, 1998). Deste modo, a rua nos bairros de trabalhadores não é menos importante que a casa, pois é nela que boa parte das interações sociais são estabelecidas, valores são compartilhados e reafirmados entre seus vizinhos, sendo esta promotora de identidade, por isso, seus moradores zelam pela sua boa imagem, o que inclui a segurança, que é papel desempenhado principalmente pelos homens, afinal, uma rua sem segurança é uma rua esculachada e *uma rua esculachada é rua emasculada* (Souza, 2003). Por isso, a rua é o local privilegiado para sociabilidade masculina. É na rua que os meninos aprendem como ser tornar um homem e onde os homens afirmam e reafirmam sua posição na hierarquia do

grupo que faz parte, dando prova a todo o momento que é digno de ser reconhecido como um *homem de verdade* (Souza, 2003; Ramírez, 1999; Gilmore, 1994), ela é, conseqüentemente, a arena de disputas e alianças masculinas.

Depois de "acordar" do devaneio sobre a cândida visão sobre a Rua Claudionor Ribeiro, me recompus e me foquei no principal motivo de minha ida lá que era "oficializar" a rua e sua ***área*** como meu campo de pesquisa. Naquele momento eu ia estabelecer os primeiros contatos com dois dos principais *nativos*, Agnaldo e Mise-en-plis que são pessoas importantes na rede de sociabilidade masculina da ***área***. Logo ao entrar na rua vi que Agnaldo na porta de sua casa que fica na parte de Cima da Claudionor, ele estava me esperando, pois eu já havia telefonado avisando-o que iria à rua pra conversarmos. Fui ao encontro, nos cumprimentamos e conversamos um pouco, depois disso ele chamou seu vizinho por cima do muro de sua casa:

Ô Mise-en-plis, chega aí, o Rolf está aqui!

Da casa vizinha ouvimos uma voz tonitruante respondendo:

Agüenta aí, meu compadre, que eu já vou!

Confesso que, embora eu já conhecesse a Rua Claudionor e seus moradores há algum tempo, eu estava apreensivo, afinal aquele seria, como falei anteriormente, meu primeiro contato com o lugar e as pessoas com as quais eu pretendia desenvolver meu trabalho de campo, deste modo, nossas relações mudariam de *status*, pois a partir daquele encontro, meus antigos amigos agora se tornariam "meus" *nativos* e informantes. Esta situação somada àquelas que já vimos, me apresentaria desafios metodológicos que tive que superar a cada momento durante o trabalho de campo. Enquanto aguardávamos Mise-

en-plis, Agnaldo e eu continuamos nossa conversa quando Gilson saiu de sua casa e ao me vir, me chama:

Qual é Rolf! Chega aí!

Fui ao seu encontro, trocamos rápidas palavras e combinamos que eu visitaria a casa de seus pais, Gil e Guiomar, que ficava na parte de Baixo da rua. Gilson faz parte de uma das famílias mais antigas e tradicionais da rua, ele tem quarenta e sete anos, todos vividos na rua e onde fez questão permanecer depois de casado. Ele costuma falar orgulhosamente que seu filho faz parte da terceira geração de nascidos na Rua Claudionor Ribeiro, lugar onde sua família se estabeleceu nos anos ’20. Esta evocação do tempo de moradia não é mera vaidade, isto confere maior prestígio perante outros moradores, esta antigüidade é acionada para que haja distinção entre os mais antigos e os moradores mais novos, estes por sua vez, são vistos como fonte de quase todos os problemas na rua. Na Claudionor boa parte de seus moradores é aparentada entre si, por laços consangüíneos ou por compadrio, como, por exemplo, um dos tios do Gilson é padrinho de casamento de Mise-en-plis. Aos moradores mais novos e que não tem laços de parentescos, em especial os que são militares e que estão morando ali temporariamente, são imputados estigmas e são alvos constantes dos boatos qualquer carro arranhado ou janelas quebradas eles ou seus filhos são os primeiros suspeitos, pois o boato é

> *um dos mais efetivos meios de* (...) *informar de coisas que ouviu-se dizer, não expressão original; divulgar ou espalhar tal informação através do grupo social; afirmativas de base duvidosa ou não verificadas* (Velho, 1975: 44-45).

O boato também demarca socialmente as diferenças, pois os moradores mais novos são alvos de boatos, mas não das fofocas, pois a fofoca é dirigida apenas àqueles que fazem parte do círculo social e conhecem as normas do grupo e podem violá-las (Fonseca, 2000:42). Os moradores mais antigos, os que *têm **raízes** na rua*, o que lhes dá lugar privilegiado nos poucos postos de poder na rua, como or exemplo, decidir a relevância de pequenas melhorias na rua, a ida de políticos na época de de eleições ou sobre as festas lá organizdas. Para fazer parte de *locus* de poder não basta ser exclusivamente os proprietários, há outros critérios, como ter parentes, consanguineo ou por afinidade, e ser ***considerado***[46]. Os moradores mais novos são justamente aqueles que não têm nenhum destes atributos, são acusados também de atrapalhar as tentativas de fazer melhorias na rua, como por exemplo, quando alguns moradores da Rua Claudionor Ribeiro tentaram reunir todos seus vizinhos na tentativa de construir uma guarita na entrada da rua que, além da segurança, valorizaria as casas, a empreitada não foi a frente por que, segundo os moradores antigos com quem conversei os moradores de aluguel não aprovaram alegando que os custos seriam altos, esta posição influenciou negativamente aos outros moradores e a ideia não prosperou, segundo o que me contaram,

> *Eles não têm **raízes** na rua, hoje eles estão aqui, amanha já saíram fora! Não dá para contar com eles para porra nenhuma! A gente quis colocar um portão, um pessoal com uniforme para nossa própria segurança, mas para isso todo mundo da rua tinha que colaborar. O pessoal mais antigo **chorou**[47], mas concordou, eles*

[46] Como veremos mais a frente o quanto ser ***consideraddo*** é muito importante neste grupo.

[47] Reclamar procurando pechinchar preço de alguma coisa.

> *viram que isso ia trazer mais segurança, eles sabem que a favela Pára Pedro está foda! Os outros nem ligaram. Não dá para contar com eles, a qualquer momento eles saem fora.* (Gil).

Como o número destes moradores novos é pequeno, estes não teriam condições de inviabilizar qualquer empreendimento promovido pelos moradores mais antigos. O que me parece ter sido o verdadeiro motivo da não colocação da cancela foi desentendimento dos moradores mais antigos, dos que têm ***raízes***, apesar das falas destes moradores com quem conversei mostrarem o contrário.

Após isso, me despedir de Gilson, voltei para o portão de Agnaldo que estava chamando mais uma vez por seu vizinho, dizia

> *Mise-en-plis é foda, para sair de casa parece uma moça...*

Enquanto Mise-en-plis não chegava, eu revia mentalmente a pauta sobre eu falaria para eles. Nela eu procuraria explicar o que pretendia com aquele encontro: primeiramente eu falaria sobre o que faz um antropólogo, afinal, a melhor forma de se conhecer a Antropologia é sabendo o que fazem seus profissionais (Geertz, 1999), depois falaria sobre minha pesquisa, minhas motivações, etc., minha intenção era deixar claro que aquele não era simplesmente um encontro entre amigos, mas um encontro de um pesquisador com pessoas do campo escolhido para sua pesquisa. Mesmo não sendo esta minha primeira pesquisa de campo, confesso que sentia um frio na espinha, pois sabia que o fato de conhecer aquelas pessoas há tanto tempo não era garantia nenhuma de sucesso para minha entrada no campo, aliás, isto poderia ser justamente um impeditivo e se o grupo

não me aceitasse como pesquisador, não haveria pesquisa e ponto final (Peirano, 1995). Esta expectativa, mais uma vez, me fez lembrar mais uma vez (Souza, 2003) que quer seja uma ilha polinésia, uma aldeia no Alto Xingu, uma favela carioca ou o bairro onde o pesquisador cresceu, não há muita diferença, pois no campo o antropólogo/a está ***sozinho****, rodeado apenas de seu equipamento* (Malinowski, 1984:19, grifo meu) ou no meu caso especifico, com um bloco na mão, uma máquina de fotografar no bolso e algumas teorias na cabeça.

Após eternos minutos, Mise-en-plis aparece:

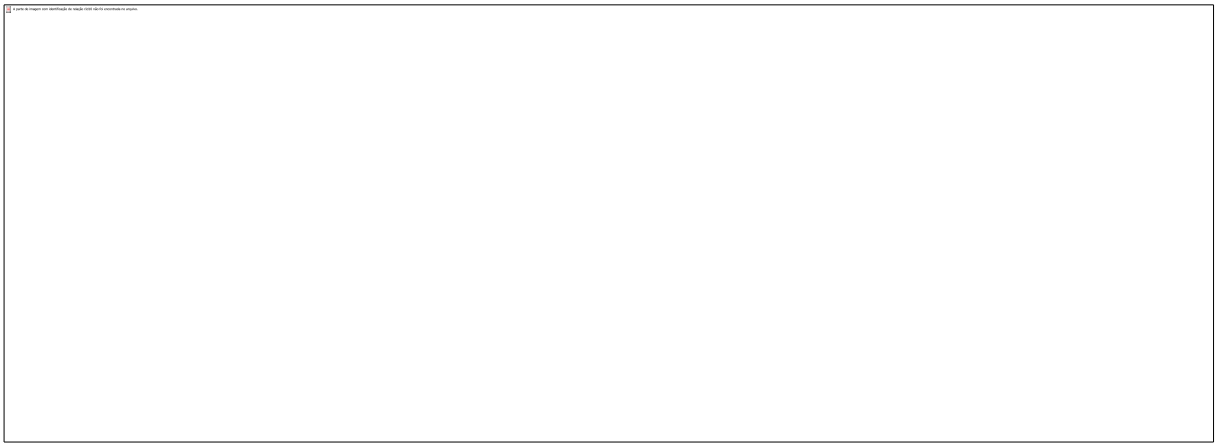
> *Porra Agnaldo... Eu estava fazendo um lanche, por que tu não entrou?*

Agnaldo responde:

> *Eu estava com o Rolf.*

Ou seja, naquele momento Agnaldo avaliou que ainda era cedo para eu entrar na casa de Mise-en-plis, para entrar em suas casas tive que aguardar alguns meses após o início da minha pesquisa. Entrar na casa de moradores de bairro de trabalhadores requer uma etiqueta própria que tem que ser observada atentamente por qualquer antropólogo/a durante seu trabalho de campo (Guedes, 2008). Por ser o espaço doméstico cuidadosamente resguardado, conseguir entrar em uma casa é uma conquista que não pode ser desprezada ou vista como de pouco valor. Ser convidado/a para entrar na casa de alguém significa que uma barreira foi quebrada e se conquistou a confiança daquele morador. Quando eu era morador da rua entrei várias vezes nas suas casas, mas agora meu *status* não era mais de ex-morador, mas sim um antropólogo que fazia pesquisa no bairro,

isto fazia com que o meu olhar sobre suas casas também mudasse e eles sabiam disso. Esta dificuldade de entrar nas casas fez com que o contato com as mulheres, em especial as casadas na faixa etária entre 25 e 50 anos, fosse difícil. Eles não passavam de rápidas conversas na rua e promessas de futuras entrevistas, o que nunca aconteceu. O que foi totalmente diferente com as senhoras mais velhas, com elas eu pude conversar sem problemas a qualquer hora, com ou sem seus maridos nas casas, talvez pelo fato destas senhores estarem fora do mercado matrimonial, se sentiam mais à vontade para conversar comigo, mas como eu ficava a maior parte do tempo na rua, nossa conversas forma poucas. Às vezes eu procurava ir direto para a rua, tentava entrar na rua discretamente, sem ser visto do bar do Pery, o que não é tarefa fácil, pois sua localização fica em uma posição estratégica. De lá eles podem ver quem entra e quem sai da Claudionor Ribeiro. Eu esperava um ônibus ficar em uma posição que momentaneamente obstruísse a visão do senhores no bar. Eram poucos segundos que aproveitava para entrar "sorrateiramente" na rua, mas meu intento logo era descoberto e eu era chamado pelo celular ou então alguém, geralmente um rapaz, era enviado para me *resgatar*, para eles a casa não era lugar para eu ficar, pois lugar de homem e no bar do Pery, com isso, eu logo percebi que minha pesquisa giraria em torno do bar e não na rua, como eu pretendia inicialmente.



Após a chegada de Mise-en-plis, eu pude então começar a falar sobre meus planos de pesquisa. Falei sobre meu doutorado, sobre minha intenção de aprofundar algumas discussões sobre gênero masculino e as relações de gêneros entre homens. Procurei não me alongar muito, queria ser o mais objetivo possível, o que não foi tarefa das mais fáceis. Após ser ouvido atentamente, eu esperava aquela resposta que tantos outros pesquisadores/as ouviram antes, que a pesquisa na realidade era para escrever um livro (Souza, 2003:25, Alves, 2003:184), porém desta vez a resposta foi totalmente diferente do que eu imaginava:

> *Ah, a gente já sabe o que um antropólogo faz, esqueceu que a gente tem o seu livro? Mas vê lá o que você vai escrever sobre a gente, hein?*

Me responde Agnaldo entre sorrisos.

> *Pô, legal, eu li o seu livro e vi as suas reportagens, pode contar com a gente.*

Complementa Mise-en-plis.

Enquanto ouvia as respostas de Agnaldo e Mise-en-plis, mais do que nunca estava convencido que *agora somos todos nativos* (Geertz, 1997). Após esta conversa, entretanto, me senti mais tranqüilo, contar com a colaboração de Mise-en-plis e Agnaldo para meu trabalho seria um *salvo-conduto* para que pudesse não só freqüentar, mas também permanecer nas rodas de conversas dos senhores da ***área***. Depois disso, fomos então para o bar do Pery, que fica na via principal, Estrada do Colégio, avenida perpendicular a Rua Claudionor Ribeiro. Quando atravessávamos a estrada Agnaldo disse:

> *Se você quer estudar a rapaziada, o melhor lugar e o bar do Pery mesmo, eles só vivem lá, parece até que não têm casa, tem gente que fica lá de segunda a segunda, sai do trabalho vai direto para lá 'bater o ponto'.*

Esta foi uma das várias sugestões que ouvi sobre o que eu deveria estudar ou onde eu deveria focar minhas atenções durante meu trabalho de campo. Porém desta vez, eu sabia que eles tinham razão no que falavam, pois *o bar ou o café é uma instituição focal da vida pública, por excelência o palco da sociabilidade masculina* (Almeida, 1995:185), entretanto, no Subúrbio Carioca os bares se confundem com a rua, pois tal qual a relação casa/rua, as fronteiras bar/rua também são nítidas e para conhecê-las, mais uma vez devemos conhecer as interações que são estabelecidas por aqueles que ocupam o espaço. Finalmente me convenci de que o melhor lugar para *montar a minha tenda* para *estudar a rapaziada* seria no bar do Pery.

6 – ONDE OS HOMENS SE ENCONTRAM

6. 1 - Enfim, o campo: a *área* e o bar do Pery

Assim, como em Irajá, uma das primeiras coisas que se aprende ao se fazer contato com os moradores da Rua Claudionor Ribeiro é que ela tem seus territórios, embora vista à olho nu ela seja uma rua comum como várias outras do bairro, mas na realidade ela é percebida em preto e branco. Em cada lado da Claudionor, segundo seus moradores, moram dois grupos distintos de acordo com a classe e cor: no lado de *Cima* mora a classe média local, composta majoritariamente por brancos e na parte de *Baixo* os negros e mais pobres. Ainda que esta divisão não seja visível para um observador de fora, é assim que os moradores da Claudionor compreendem sua rua e toda a interação entre eles é permeada por esta percepção, se estendendo para outros espaços como as ruas próximas ao bar do Pery, freqüentado majoritariamente pelos homens da parte de *Baixo*, a única exceção é o Agnaldo que é morador da parte de *Cima*.

O marco divisor destes dois lados da rua são os ***apartamentos*** que são dois edifícios de dois andares com quatro apartamentos por andar, pintados de rosa e, embora estes ***apartamentos*** não estejam no centro geográfico da rua, eles são o centro social. É a partir deles que são criadas as fronteiras simbólicas que permeiam todas as interações, sejam elas de amizade, aliança, rivalidade, amores ou desamores. É em frente aos ***apartamentos*** que as poucas confraternizações entre os dois lados são possíveis, como churrascos, assistir jogos da Copa do Mundo quando há festas juninas, as barracas e fogueira têm que ficar em frente aos ***apartamentos***, como lembra Agnaldo,

> *Se fosse lá em* Baixo*, Fulano não ia também; se fosse aqui em* Cima*, Sicrano criava caso e dizia logo que não ia participar. Era foda organizar festa aqui! Mesmo assim teve ano que não teve festa,*

Selmo:

> *Antigamente o pessoal lá de* Cima *não vinha aqui em* Baixo *de jeito nenhum. Quando eles faziam as festas deles às vezes chamavam a gente, mas a gente não gostava de se misturar, a gente sabia que eles convidavam a gente só por educação. Era eles lá e a gente cá.*

Como disse anteriormente, o mapa cognitivo da Rua Claudionor é semelhante ao mapa do bairro, ele faz parte da construção identitária de seus moradores. Suas histórias e lembranças têm como pano de fundo o local da moradia e, através destas histórias, eles fazem a manutenção das fronteiras de seu território criando mecanismos que os distinguem dos outros, em especial daqueles que não se interessam em se integrar, ou que por um motivo qualquer, ocupam o "lado errado" da rua. Neste sentido, os moradores novos são, mesmo que involuntariamente, classificados e identificados com um dos lados, assim, os novos moradores brancos que moram no lado de *Baixo* não são identificados como brancos, aliás, alguns moradores com quem conversei, que aos meus olhos seriam brancos, não se declaram brancos, como Marcelo, que apesar de ser louro e de olhos verdes, se descreve da seguinte forma:

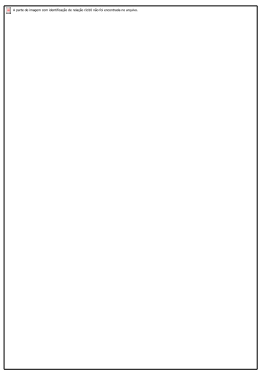
Pô, Rolf, eu nem sei mais a minha cor. Não sou tão branco assim... Eu acho que branco é o pessoal lá de Cima*. Olha para mim, pô* eu *moro aqui em* Baixo*... Eu não sei se eu sou branco, não...*

Ato contínuo, ele esfregou com o dedo indicador na parte de dentro do seu antebraço direito para designar sua cor (vide desenho ao lado). A resposta e o gesto muito parecidos quando Agnaldo, em uma conversa quando a cor da sua pele foi citada, também se eximiu de ser branco, curiosamente, esta polida escusa não aconteceu com as pessoas negras. Por que estas pessoas que não se viam tão brancas, enquanto os negros/pretos não hesitavam em se definir como tal? Ser branco no Brasil *carrega em si certa autoridade ou respeito automáticos, permitindo trânsito, eliminando barreiras* (Sovik, 2004: 366), entretanto, se em outros espaço ser branco cria uma situação vantajosa *a priori*[48], naquele ***área***, os negros não só eram maioria, mas eram também homens respeitados, o que faziam com que ali os valores atribuídos à cor fossem relativizados. Cor não tem valor *per si*, para compreender o ser valor, ela ser compreendida no seu contexto, e no bar do Pery onde os homens negros são maioria e, ao mesmo tempo, são as referências positivas, afirmar-se branco requer certos cuidados. Em geral, conversas sobre a questão racial são evitado por ser gerador de conflitos, como sabemos, este é uma tema quase tabu no Brasil e temas tabus não são conversados na roda de amigos**.** Para que tenhamos uma idéia do quanto este tema é explosivo no campo que pesquisei, durante uma conversa, Vinícius lembrou que uma vez quando ele e seus colegas, na época todos tinham idades em torno de 15, 16 anos, resolveram passar um bronzeador caseiro,

[48] Alguns dados sobre renda, escolaridade, longevidade, etc do IBGE demonstram isso.

> *Pô, era um sábado e fazia o maior sol quando apareceu um bronzeador e eu passei e fiquei lá fritando, mas me chamaram para ir na padaria e eu fui e o meu irmão* [Gilson] *ficou de bobeira na rua, quando meu pai viu o Gilson brilhando, ele perguntou o que ele tinha passado... Quando meu irmão disse que tinha passado bronzeador, meu pai ficou muito puto* (risos), *ele falou para ele tirar aquela porra e parar de fazer papel de otário, pois quem usava bronzeador era branco que tinha inveja de preto* (risos). *Ele falou sobre uns dois dias e de vez em quando ele lembra isso ele fala tudo de novo* (risos). *Ele ficou muito puto. Meu irmão deu o maior mole. Como um negão vai dar um mole desse?*

A palavra *negão* era sempre acompanhada de um gesto semelhante ao de Marcelo e Agnelo, mas com uma sutil diferença. Enquanto o gesto de Marcelo e Agnelo aponta a parte mais clara do braço e suas veias, o gesto feito por Vinicius apontava a parte de fora do braço, a parte mais escura (vide desenho ao lado), porém este gesto deve ser utilizado com cuidado, pois dependo contexto pode ser um gesto utilizado para ser considerado um ato racista. No contexto de meu campo, as interações entre os homens são permeadas pelos mesmos valores da sociedade como um todo, porém, estes valores são relativizados dentro destas mesmas interações, inclusive alguns mitos racistas, como a suposta potência sexual dos homens negros que eram apropriados e resignificados por estes homens como positivo, como veremos, e simbolicamente posto na mesa quando oportuno. Um exemplo disso são os mitos criados em torno dos homens negros, como o homem negro macrofálico está representado.



Durante um programa esportivo sobre os jogos Panamericanos que assistíamos, um comentarista falava sobre o desempenho dos atletas jamaicanos nas provas de atletismo, o assunto fez com que fossem apresentadas teorias interessantes sobre o assunto, para alguns isso era uma predisposição genética por que na África eles tinham que correr atrás de animais selvagens durante a caça. Para outros, os negros não podiam participar de modalidades esportivas como natação, tênis ou automobilismo, esportes praticados quase que exclusivamente por brancos, só restava a eles esportes onde contavam apenas com o próprio corpo. Após o final do programa, a conversa seguia tranquilamente no bar e como era de se esperar chegou ao futebol e quando os *heróis* do futebol foram lembrados e os desempenho dos negros foi exaltado no futebol e também no atletismo. Foi neste momento que Manuel fez um comentário que desagradou a todos:

Claro, eles treinam desde moleque correndo da polícia...

Logo após este comentário houve um pesado silêncio, pois todos já sabiam que este comentário geraria reação, principalmente por parte de alguns homens negros que estavam lá, como de fato aconteceu. Robson, sobrinho do Gil, disse que racismo dava cadeia e Manuel, em tom de galhofa, respondeu que ele não estava fazendo nenhum comentário racista, mas era o que ele via no dia-a-dia, dando início a uma discussão tensa, e algumas pessoas, a ***turma do deixa disso***, entraram em cena para apaziguar os ânimos, entretanto, Robson demonstrava que, apesar dos apelos, continuava contrariado. Momentos depois da discussão, ele levantou da mesa arrastando ruidosamente sua cadeira, indo em direção ao mictório que ficava a uma curta distância. Durante este pequeno trajeto, Robson mexia a braguilha energicamente, dando a impressão de que colocaria o pênis para fora da calça a qualquer momento ou como alguém comentou, parecia que ele ia ***desembainhar a***

qualquer hora. Manuel, que estava na mesma mesa que eu, levantou-se, indo também em direção ao banheiro repetindo a mesma coreografia que Robson, embora com gestual menos agressivo. Ao voltar do mictório, continuou a conversa no mesmo ponto em que havia parado, logo após concluir o assunto, ele fez um comentário com um largo sorriso no rosto, digno de nota:

> *Pô, eu sei que o Robson está puto dentro da roupa, mas eu não quis nem saber, botei o pau para fora e dei uma mijada... e para botar o pau para fora perto de um negão, tem que se garantir!*

Embora os comentários de Manuel tenham contrariado Robson que deixava isto visível, isto não o intimidou e para que não pairasse dúvidas, ele partiu para o que achou ser um desafio, uma demonstração clara de sua *disposição* ao *desafiando* o Robson, e demonstrar que seu ato foi de extrema bravura, ele o fez em um campo onde, segundo a mitologia nacional, os negros dominam: o tamanho do pênis. O que seria apenas um ato simples, que poderia ser visto com certa jocosidade, na realidade estava carregado de significados. Como já vimos o homem negro desde pelo menos o período colonial é visto como uma ameaça aos homens brancos que, nas palavras de Bhabha (2003:71), ele é *figurado no temor psíquico da sexualidade ocidental* e o símbolo deste temor é o seu pênis que foi objeto de curiosidade e desejo, seu pênis foi *racializado* e tornou-se o ponto de referência das interações estabelecidas entre homens negros e brancos.

Confirmar!!! A revista *Black People* em uma reportagem de capa sobre o homem negro, os articulistas debatem as imagens do homem negro no Brasil. A revista entrevistou algumas mulheres brancas que tiveram relacionamento amoroso com homens negros. Algumas delas diziam que quando namoravam homens brancos evitavam ou

mesmo negavam ter se relacionado com homens negros, pois quase todas elas tiveram problemas com seus namorados, que após saber de seu relacionamento, passavam a se comparar com o antigo namorado, fazendo do seu corpo um campo de batalha entre dois homens que nem sequer se conheciam. Os mitos criados em torno do homem negro e seu pênis assombram alguns homens brancos. A Masculinidade branca não é construída em relação ao contraste somente com a mulher branca, sua masculinidade também estabelece uma relação tensa de contraste com o homem negro (Connell, 1995:75). As mulheres brancas não representam uma ameaça cotidiana para sua posição hegemônica, os homens negros, por sua vez, representam uma ameaça a este lugar social, sendo o principal rival na disputa pelas as mulheres brancas e negras. Este posição/situação faz com que os homens negros e brancos estejam em contínua falomaquia.

O campo de pelada, a outra arena

Além do bar, outra forma de lazer masculina importante nos bairros populares é o campo de futebol. Estes campos, que também são conhecidos como campos várzea ou de *peladas*, devem ser compreendido como um *espaço de exibição e negociação da masculinidade* (Guedes, 1997: 131), por isso, cada partida é um momento importante para a *performance* masculina. Durante as partidas cada um dos jogadores exibe suas qualidades e deseja que elas sejam reconhecidas, são formas angariar prestígio perante seus pares. As partidas, para além do lazer, têm outra importância adicional por ser um momento onde as hierarquias que existem entre os homens que jogam são suspensas, mesmo as relações de afastamento e extremo respeito (Radcliffe-Brown, 1989 e Mauss, 1999**)** são suspensas, o campo de futebol se transforma, assim, em uma arena onde os homens se enfrentam de igual para igual.

Nos jogos chamados *Casado e Solteiro*, onde os times formados segundo o estado civil dos jogadores, as distâncias mantidas entre genro e sogro, pais e filhos são suspensas. Se fora do campo as distância respeitosa e o respeito às hierarquias em relação aos pais e sogros, durante as partidas, estas distâncias são quebradas, dentro do campo, todos são iguais, como se diz lá: *todos são homens, ninguém é melhor que ninguém*. A suspensão das regras do tabu do *sogro* (Mauss, 1999: 458)[49] estes homens se enfrentam o futebol de igual para igual e as únicas regras válidas são do futebol. E após a partida, tão importante quanto o enfrentamento dentro do campo, as relações devem voltar ao normal. Como dizem por lá,

[49] Marcel Mauss se refere à sogra, entretanto, na nossa sociedade, me parece que não seria exagero estender este tabu ao sogro.

> *Futebol é coisa para homem. A porrada pode comer no campo, mas acabou o jogo morreu o assunto. Quer pegar, pega no campo, depois todo mundo vai beber junto.* Carlos.

Quando há partidas contra moradores de ruas diferentes, outra ***área*** ou outro bairro, os *times contra*, os antagonismos domésticos desaparecem. Nos jogos de *times contra* todos passam a ser do mesmo time já que o que está em jogo é o nome da rua, da ***área***. Em cada partida, cada jogador deve colocar o *coração na chuteira*, o espírito de corpo faz com que quando há uma briga com um adversário, todos entrem em campo para defender o colega/vizinho, pois neste momento como disse um morador,

> *A gente não pode deixar esculachar quem é da área, não. Da área e dá área*! *Se esculacha o cara, esculacha geral!*

Além do Casado e Solteiro, há também partidas organizadas na semana do Carnaval, onde os jogadores se vestem com roupas femininas e em alguns bairros do Rio de Janeiro acontece um jogo de futebol chamado *Preto contra branco*, onde cada time é organizado segundo a cor de cada jogador, como sugere o nome. Após ter assistido ao documentário *Preto contra branco*, dirigido por Wagner Sales em 2004, sobre um jogo que acontece anualmente no último final de semana que antecede ao Natal, no bairro de São João Clímaco, em São Paulo. Mais uma vez, esta partida é organizada segunda a cor dos jogares. Formando times de pessoas que se identificam como negras ou brancas. No documentário vemos as ambiguidades do sistema de classificação etno-racial no Brasil e após assisti-lo, uma pergunta foi inevitável para mim: Este tipo de confraternização seria possível no meu campo? Seria *o lazer, em particular o botequim, o dominó, o baba* (pelada),*o bate-papo com os vizinhos na esquina* (...) *e naturalmente a própria turma – grupos de "iguais" como quais se compartilha boa parte do lazer* (Sansone, 1998 [1996]:

210, grifo meu), as *áreas moles* são onde as diferenças raciais e sociais ficam em suspensão.

Seria realmente o Brasil um lugar onde não existiria uma *linha de cor*, onde negros e brancos viveriam em harmonia? A imagem que o Brasil *exporta* desde o século XIX. Durante o regime escravagista, a escravidão em terras tupiniquim era mais *humana* (Guimarães, 2002: 139), e tal imagem impressionou a ninguém menos que Fredrik Douglass que a utilizou para chamar a atenção sobre a forma brutal com que escravizados eram tratados nos Estados Unidos, pois

> [m]*esmo um país católico como o Brasil* (...) não trata as suas pessoas de cor, *livres ou escravas, do modo injusto, bárbara e escandalosa como nós tratamos. (...) A América democrática e protestante faria bem em aprender a lição de justiça e liberdade vinda do Brasil católico e despótico* (Idem:140, grifo meus).

Abolido a escravidão, o Brasil se tornou um país onde não haveria discriminação racial, pois a miscigenação que fez com que aqui se tornasse *a terra do branco mulato, a terra do preto doutor*[50] e a *democracia racial* não seria só um mito, mas uma ideologia de Estado. Logo a existência de uma *área mole* não só seria coerente, segundo a ideologia hegemônica, sendo assim, perguntei a alguns senhores e as respostas foram unânimes: *Não*. Por quê? As respostas variavam, mas chegavam ao mesmo lugar:

> *Pô, Rolf, se tivesse um jogo desse aqui ia terminar em tragédia, ia ter perna quebrada, cabeça rachada* (riso). *O que a gente não fala*

[50] Trecho da música *São Salvador* de Dorival Caymmi.

> *na cara ia dizer no pé e na mão durante o jogo... E aqui não precisa esperar o fim de ano para fazer um 'Preto contra branco', para nós todo o dia é de preto contra branco, aqui na rua, lá fora* (ênfase na fala). *Compadre, um jogo desse ai dar merda!* Carlos.

Perguntei a Agnaldo o que ele achava:

> *Eu acho que não tem clima aqui na rua, não. O pessoal não ia topar. Eu nem sabia que tinha um jogo assim. Aqui na rua ia dar a maior merda.*

Por que? Insisto.

> *Aqui não tem clima para este tipo de brincadeira. O pessoal do Gil é cheio de cisma com esse negócio de cor. Não gosto nem de pensar na merda que ia dar. Imagina o Gilmar?*[51]

Eu continuo:

> *Mas, se é brincadeira, por que o pessoal do Gil ia criar caso?*

Ele responde:

> *Porque eles não iam participar dizendo que era uma brincadeira racista... O Gilmar ai criar a maior quizumba. Ia querer dar lição de moral, fazer palestra, o caralho...*

[51] Irmão caçula do Gil, 65. Ele é respeitado por sua inteligência e cultura, ativista do Movimento Negro e foi um dos diretores do GRANES Quilombo, Escola de Samba fundada em 1975 pelo sambista Candeia.

A Rua Claudionor Ribeiro tem sua divisão social marcada pela identidade étnica, uma competição baseada em disputa étnico/racial seria inimaginável para seus moradores, já estas disputas já são vivenciadas entre seus moradores no seu cotidiano, desta forma, uma partida de futebol com tais características teriam consequências desastrosas como preveem alguns dos moradores e, ao contrário do bairro paulistano, não há na Rua Claudionor a existência de uma *área mole* onde as tensões étnicas ficariam em suspenso no seu cotidiano, a tensão racial permeia as interações entre os dois lados da Rua Claudionor, os raros casos amorosos entre pessoas dois lados da rua expuseram isto. Foram relacionamentos mantidos em segredo por algum tempo, mas ao chegar ao conhecimento de suas famílias sofreram pressão para que fossem terminados. Um destes casos amorosos aconteceu entre o Vinícius e Marlene, que embora tivesse acontecido há uns vinte e cinco anos, era lembrado com certa frequência.

Marlene era branca e passava suas férias na casa do tio que morava na parte de cima. O romance foi mantido em segredo durante algum tempo, mas ao chegar aos ouvidos da mãe da moça, esta mandou que sua filha voltasse para casa imediatamente. Marlene, por sua vez disse que não voltaria e que ficaria na casa dos tios até que as férias terminassem e se ela insistisse fugiria com seu amado, esta intransigência durou até que sua mãe fosse pessoalmente até a casa de seu irmão para levar a filha de volta. Vinícius propôs que eles fugissem e se casassem escondidos, porém, seu pai, ao tomar conhecimento do romance e saber da reação da mãe da moça, chamou seu filho e disse que proibia que ele se encontrasse de novo com a Marlene, pois

Se meter com branco sempre dá problema

E repetiu enfaticamente:

Misturar preto com branco sempre dá merda!

Continuou em voz alta, desta vez para a plateia formada pelos vizinhos:

Pode dizer para essa madame a que a tinta da nossa pele não solta e se ela sentisse um negão de verdade, ela não ficaria de palhaçada!

O ápice deste enredo amoroso foi quando os namorados foram se despedir. Antes de ir embora, Marlene foi às escondidas à casa de seu amado para se despedir porém, quando sua mãe foi buscá-la e viu a filha nos braços de seu amado, chamando-a rispidamente e colocando-a no seu carro, indo embora. Ao ver sua amada partir, Vinícius entrou em desespero e chorou copiosamente pela rua, sendo observado por seus vizinhos que ao ouvir o tumulto, vieram acompanhar o desfecho daquela trama shakespeariana. Segundo as pessoas que me contaram esta história, este comportamento foi considerado humilhante por sua família e perguntei se era pelo fato do Vinícius ser homem, Marinho me respondeu:

Antes fosse... Imagina o Gil vendo o filho mais velho chorando na rua por causa de mulher, e pior ainda uma mulher branca! Pode ver, ele e todos lá só casam com pessoa da mesma cor... Lá não tem café-com-leite, não (rindo).

Agora sério: *Ele foi lá na esquina pegar o filho chorando, dava pena do coroa. Ele gritava: 'Vamos para casa. Vai chorar por causa de mulher?!? A gente já chorou muito por causa de branco, vamos para casa! Eles têm medo de nossa pele manchar a deles!'*

Ato contínuo, após esta história ser contada, outra história cuja estrutura do romance é muito semelhante ao anterior, foi contada. O romance desta vez foi entre dois jovens, Vera e Cleber[52]. O namoro seguia com alguns percalços, pois, os pais da moça não aprovavam o relacionamento de sua filha, pois, segundo Carlinhos[53], Mário, pai da Vera,

> *Era um negão metido a besta, não era de se enturmar, não. Não parava nem com o pessoal lá de* Cima.

Vera e sua família alugaram um apartamento na parte de Cima da rua e o fato de morar de um lado da rua os colocou em situação de antagonismo com o outro lado. O fato da família de Vera ser reservada acirrou o antagonismo, fazendo com que eles fossem vistos como antipáticos. Quem me contou esta história não tinha dúvidas, os pais de Vera eram contra o namoro por que eram racistas. Segundo Dona Maria

> *Eles não gostavam de preto, eram metidos a cagar goma. Eles nunca falaram com a gente, ficavam só com o pessoal lá de* Cima.

Continua ela:

> *Quando a Francisca soube que os pais da Vera eram contra o namoro, falou para o Cleber acabar logo com aquela porra de namoro para não dar mais problema. Ela sabia que isso ia dar*

[52] Negros, 52, motorista de ônibus, nascido na rua.

[53] Brancos, 58, nascido na rua, dono de um pequeno estabelecimento comercial no final da rua que não é freqüentado pelas "pessoas de bem" da rua, é uma "região moral" da rua, como veremos mais a frente.

> *aborrecimento e dizia também se meter com 'aquele pessoal lá de cima' ia acabar mal...*

A pressão foi aumentando: um não podia frequentar a casa do outro, seu Mário vinha pessoalmente chamar sua filha no portão todas as vezes que sabia que seu namorado estava lá, Dona Francisca, por sua vez não permitia que Cleber levasse a namorada a sua casa. O namorado foi transformado, assim, em cabo de guerra pelas suas famílias. Um dia o casal não aguentando tamanha pressão, resolveu o problema de forma radical: fugiram de casa! Esta fuga durou aproximadamente dez dias e neste período não se falava em outra coisa na rua. Mais uma vez é Dona Maria quem fala:

> *Meu filho, seu Mário definhava à olhos vistos. Dava pena. A Francisca também estava preocupada, ela conhecia o filho que tinha e sabia que ele sabia se virar, mas desta vez ele estava com a filha dos outros. Só não foi pior porque os dois eram menores, senão o Cleber*[54] *estava roubado...*

Quando os dois resolveram retornar, Vera não retornou para sua casa, ela foi para a casa de um parente que morava em um bairro distante e nunca mais retornou à Rua Claudionor Ribeiro. Sua família mudou-se às pressas durante à noite, quatro dias após o retorno de sua filha.. Agnaldo que, viu a família fazendo a mudança, disse:

> *Aí, dava pena do coroa! Ele estava um farrapo, nem levantava a cabeça, não falava com ninguém. Parecia que estava fugindo de*

[54] Na época da fuga, Cleber completaria 18 anos dois meses após seu regresso para casa, Vera tinha 16 anos.

> *alguém, saiu daqui umas oito da noite. Ele saiu de noite como se estivesse devendo alguma coisa.*

Carlos complementou:

> *Ele saiu na **moita***[55]*. Imagina a sacanagem, o coroa nunca se meteu com ninguém daqui e ter que passar por uma humilhação dessas. Vem um negão come a filha do cara, foge com ela e depois larga na porta do cara na maior... É muita humilhação, se é com a minha filha eu fazia* (sic) *uma merda, não ia ficar assim, não...*

Entretanto, ao regressar para casa, Cléber foi recebido pelos colegas como um herói que voltava de uma longa odisseia, sua mãe quase o expulsou de casa, mas depois de uma longa bronca, permitiu que seu filho ficasse. Ele gostava de contar para seus colegas sua aventura na Estrada Washington Luiz pedindo carona, comendo com dificuldades e enfrentando os perigos do desconhecido. Segundo dizia, seus planos era chegar a Minas Gerais, onde eles acreditavam poder começar uma vida nova juntos, mas devido às dificuldades que passaram e os perigos que enfrentaram, pois a todo o momento pensavam que Vera fosse prostituta e ele, seu cafetão, eram assediados por caminhoneiro, então, acharam melhor voltar para casa. Cleber admitia temer pelas consequências de sua fuga, pois imaginava que seu Mário o agrediria, mas, apesar disso, concordou em retornar. Ele costumava repetir:

[55] Discretamente, sem que fosse percebido.

> *Pô, cumpadi, eu sou sujeito homem, tinha que assumir minha responsabilidade! Tinha que honrar as minhas calças. Quando eu nasci o médico falou para minha mãe que tinha nascido um homem, não um moleque!*

Dona Maria disse que as relações entre os moradores da Claudionor ficaram muito mais tensas por um longo período divido a este episódio. Os homens quando se encontravam no campo de futebol ou no botequim, evitavam tocar no assunto. Marinho fala, entre sorrisos, ao mesmo tempo em que aperta sua genitália[56]:

> *Falar nisso naquela época dava a maior merda, a porrada quase comia. Mesmo sabendo que a gente levou a melhor, a gente não falava nada, só olhava pros caras e eles ficavam puto, mas não podiam falar nada. Os coroas, quando percebiam que a gente estava querendo sacanear os caras, davam o maior esporro na gente dizendo para respeitar a filha dos outros e tal, mas a gente sabia que no fundo eles estavam gostando dessa história.*

Estes namoros simbolizavam as tensões entre os dois lados da rua e mesmo tendo evidenciado uma vitória de um dos lados, entre os homens mais velhos foi feito um *pacto de silêncio* a pare se respeitar os limites da honra e respeito masculinos.

As histórias não foram contadas pelos seus protagonistas, pois os dois rapazes não moram mais na rua e vão lá esporadicamente, não consegui também ouvir a versão dos

[56] Este gesto, neste caso, me parece um ato falho, pois estamos falando da honra de alguém que roubada de outrem, tomada de um adversário simbólico.

moradores do outro lado da rua, aliás, o meu contato com estes moradores se restringiu ao comprimento e rápidas conversas na porta de suas casas, a única exceção foram as conversas com o Agnaldo. Talvez seja pelo fato de eu ainda ser identificado como ex-morador de um dos lados da rua, mesmo depois de tantos anos.

Entretanto, o que importa não é saber "a verdade dos fatos", pois o *que está em jogo não é saber se o discurso é falso ou verdadeiro, se é* vero-símil*, ou seja, capaz de parecer-se à representação que se tem dessa realidade* (Magnani, 1998: 54), mas que faça sentido tanto para o emissor quanto para receptor (idem), assim, as histórias só não seriam verdade se o que fosse contado não fizesse sentido, se não fossem bricolagens de situações e valores compartilhados pelos vizinhos da rua. Assim, o que eu ouvi são relatos sobre tensões e divisões raciais e que fazem parte das interações dos moradores da Rua Claudionor, pois, estas histórias são contadas a partir de elementos que fazem sentidos para os moradores da Rua Claudionor Ribeiro, elas falam sobre valores caros para eles mesmos e os perigos de não respeitá-los, por isso, elas são contadas como fofoca que é uma espécie de "boletim oral" mantendo atualizadas sobre *as normas e crenças coletivas, relações comunitárias* (Elias, 2000:20), ao contá-las como fofocas, mostram o tabu que estas relações trazem consigo. Não se faz fofoca sobre quem não é parte das interações do grupo, de quem se é indiferente, como por exemplo, os moradores novos. Sobre estes, não se faz fofocas, mas acusações e suspeitas que eram divulgadas em forma de rumores e boatos.

As interações entre os moradores mais antigos da Rua Claudionor Ribeiro são mediadas por rituais evitações e afastamentos, excetuando os contatos que são estabelecidos em determinadas situações como algumas festas comunitárias (jogos de

futebol, festas juninas, etc.). Fora destas ocasiões, os dois grupos mantêm pouco contato, pelos menos é o que as histórias contadas nos demonstram. Nestas histórias a Rua Claudionor Ribeiro tem dois lados e que em cada lado moram pessoas de cores diferentes, negros e brancos, que não devem estabelecer relações que possam ir além das relações formais de vizinhança, no máximo, cordialidades nas festas comunitárias. Qualquer tentativa de aproximação é potencialmente problemática. Se as relações raciais são um tema tenso, quase um tabu, na sociedade brasileira, na Rua Claudionor não poderia ser diferente. Após ouvir algumas histórias na rua, foi levado para o bar do Pery, onde ouvi outras histórias. No bar as tensões são mediadas pela solidariedade masculina. Fio bar do Pery que *finquei minha tenda* para observar as masculinidades que *performavam* por lá, onde eu permaneci por mais tempo companhia dos homens.

Venham comigo...

6.2 - No bar do

Ao chegar ao Bar do Pery, Agnaldo e Mise-en-plis foram cumprimentar os que já estavam por lá que, por sua vez, retribuíam os cumprimentos, como exigem as boas maneiras. Observando a forma como estes homens se cumprimentavam, é possível conhecer o nível amizade que há entre eles: aos conhecidos, somente um aceno ou um aperto de mão; aos mais próximos, aperta-se a mão, às vezes um tapinha no ombro; para os mais próximos, há maiores demonstrações de afetividade. Quanto maior a amizade, mais calorosos comprimentos que podem ser abraços e/ou beijos no rosto. Os mais velhos, os *coroas*, recebiam cumprimentos que ao mesmo tempo demonstravam respeito: beijos na

testa. Quanto a mim, eu era apresentado como *"aquele cara que morava aqui e trouxe o pessoal do Fantástico..."*. Esta apresentação me deixava constrangido, ao mesmo tempo temia que esta exposição pudesse de alguma forma atrapalhar meu trabalho no campo, entretanto, eu compreendia o orgulho com que falavam sobre isso, afinal, para eles a presença de uma emissora de TV valorizava sua ***área***. Os mais novos eram mais receptivos e entusiasmados, perguntavam como eu fiz para "levar" o pessoal do *Fantástico* ao bar. Os mais velhos, embora satisfeitos pela promoção de sua ***área***, eram mais comedidos na recepção, alguns não demonstravam qualquer reação, enquanto outros faziam discretos acenos com as mãos ou apenas com a cabeça, vale dizer que alguns destes senhores já me conheciam antes de seu ser apresentado por Pery, Agnaldo e Mise-en-plis.

O bar do Pery é um lugar para o lazer masculino. Chamá-lo de a *casa dos homens* é mais que uma simples ironia, é uma metáfora que tem muito a ver com este ambiente de uso exclusivo masculino (Vale de Almeida, 1995: 185, nota 3), segregado às mulheres (embora algumas circulem por lá) e com a circulação restrita aos homens que não fazem parte do grupo de sociabilidade, entretanto, é preciso que se esteja em interação com outros homens, compartilhando a bebida, o cigarro e as conversas com os amigos. Em alguns momentos, estas interações feitas de forma pletórica: As conversas em alto tom, quase aos gritos são acompanhadas por palavrões e tapas e socos no próprio peito ou na lateral do punho fechado. As genitálias são apertadas e brandidas a todo o momento. Um olhar superficial ou desatento poderia levar a crer que poderia haver uma briga a qualquer momento. Estas atividades também não são espontâneas, pelo contrario, elas são coercitivas e fazem parte de um rígido repertório de regras que devem ser seguidas à risca, aqueles que não as obedecem estão sujeitos à sanções previstas que todos que estão lá conhecem. Estas encenações também mantêm à distância todos os outros homens que não

fazem parte do grupo. E embora haja empurrões e xingamentos, há uma ética no uso da coprolalia e gestualidades, este tipo de interação deve ser feitas exclusivamente com aqueles que fazem parte do grupo, como forma de demonstração de ***consideração*** e amizade. Aqueles que não fazem parte do grupo são tratados respeitosamente à distância.

Os gestos e vozes servem para criar fronteiras simbólicas que demarcam um território masculino onde somente os pares podem adentrar. O bar do Pery, este pequeno, mas valioso território, tem seus *limites* (Barthes, 1997) frágeis, podendo ser cruzado a qualquer momento por qualquer um e, por isso, devem ser ciosamente resguardados. Afinal, como vimos, há outros homens circulando por lá e estes são rivais potenciais na disputa pelo prestígio da masculinidade. Deste modo, as bravatas, brincadeiras e desafios a despeito de uma aparente hostilidade, criam, ampliam e reforçam os laços de amizade (Radcliffe-Brown, 1989: 140), assim, todos os que não fazem parte do grupo, têm sua circulação limitada. Há uma barreira simbólica que, embora invisível, é conhecida por qualquer um que entre no bar, desta forma, todos sabem até onde podem ir e com quem falar. Apesar da aparente descontração do ambiente, o bar tem normas rígidas de comportamento que devem ser observadas por todos os que fazem parte do grupo ou entram no estabelecimento. Este comportamento em espaços públicos e, particularmente no bar, é fundamental para sociabilidade masculina. Neste ambiente, estes homens encontram o que procuram: *status perante os outros homens, conferido por recompensas materiais e associado a rituais de solidariedade masculina* (Giddens, 1992:71) e aí, neste ritual de solidariedade masculinia, que se formam nas ruas, bares e campos de *peladas* que vemos uma miríade de masculinidades sendo exibidas, exposta à avaliação de seus pares,

uma vez que a masculinidade não sendo de posse permanente, podendo ser tomada por outro homem (Souza, 2010), fazendo com que estes rituais sejam tão importantes para os homens, porque lá e somente lá é que estes homens, ao mesmo tempo em que demonstram através de gestualidades, palavras e *perfomances*, seus valores viris, são expostos à avaliação ao mesmo tempo em que correm os riscos de perdê-la. A natureza das interações entre homens para conquista e manutenção da masculinidade é conflituosa no sentido simmeliano do conceito, pois o conflito

> *é um modo de conseguir algum tipo de unidade, ainda que através da aniquilação de uma das partes conflitantes.* (...) *O conflito contém algo de positivo. Todavia, seus aspectos positivos e negativos estão integrados; podem ser separados conceitualmente, mas não empiricamente* (Simmel 1983: 122-23).

Desta forma, o bar do Pery, além de ser um lugar privilegiado para se observar as performances masculinas, a sociabilidade que se estabelece por lá, como a sociabilidade masculina em geral, é uma encenação de batalhas, de jogos, cuja interação é conflituosa por excelência, uma vez que ela estabelece a comunicação entre os homens que freqüentam o bar. As características desta forma de sociabilidade entre homens soam o que eu chamo de *lazer agonístico*, pois, ao mesmo tempo em que uma forma de lazer e como tal, é *tempo de folga, de descanso ou entretenimento. Atividade praticada nesse tempo; distração; divertimento*[58], é ao mesmo tempo é onde eles pelejam suas *pequenas batalhas cotidianas*

[58] Aulete Digital. Dicionário contemporâneo da língua portuguesa. Versão 2012.

com honra e louvor (Nolascos, 2001: 97). No bar eles pelejam pelo reconhecimento entre seus pares, onde cada um procura demonstrar sua maior competência no uso da retórica, sabendo fazer graça sem se tornar alvo de chacota, dar a resposta no tom exato, demonstrar o quanto se conhece e domina os códigos confere *status* perante seus pares.

. que são dramatizadas nas falas com seus jogos de palavras

> *Pô, meu compadre, se o cara deixa a família passar necessidade, não leva a mulheres para dar um role e não* ***dá uma assistência****, não* ***comparece***[59]*... Pô, vai ganhar um boné de bode*[60]*, a mulher não agüenta. Ainda mais hoje em dia que elas estão conquistando tudo* (Pery).

Entretanto, a mulher não toma posse da masculinidade perdida. Esta ranhura na honra masculina pode ser recuperada, mas isto depende de alguns fatores, como a *consideração* que o traído tenha e aqui, a *consideração* não significa convivência, ela é uma categoria nativa muita cara, ela é um conceito que resguarda concomitantemente o sentido de prestígio e respeito e para ser *considerado*

> (...) *não há necessidade do convívio social direto – a amizade é dispensada. No entanto, é preciso manter uma conduta social que*

[59] ***Dar assistência*** e ***comparecer***, eufemismo para falar de relação sexual com a esposa.

[60] O mesmo que ser traído pela esposa, ser corneado.

> *permita ao sujeito ser identificado por determinados valores que garantam a sua respeitabilidade* (Lins & Silva, 1990: 170).

Assim, eu ouvi, muito reservadamente, histórias sobre freqüentadores do bar que foram traídos e tal traição tornaram-se públicas, seja por ter sido o ***ricardão***[61] ter sido um vizinho, seja porque o marido traído fez escândalo ao saber da traição, pedindo satisfações públicas, às vezes com ameaças ao homem que se aproximou de sua esposa. Os casos que me foram relatados, não só não houve separação, como o casamento se ainda se mantém firme após anos se passarem, sendo alguns deles apontado como exemplo de relação estável. De qualquer forma, estas revelações me causaram surpresa por saber que alguns daqueles homens tão senhores de si, teriam sido traídos e algumas pessoas saberem disso. Porém, o que me parece é que a consideração que eles tinham de seus colegas servia para resguardá-los de qualquer situação de constrangimento acerca do comportamento de suas mulheres. Este comportamento foi parece que *caiu no esquecimento* e foi *apagado* da memória coletiva devido ao bom comportamento de seus maridos perante sua comunidade. Porém, aqueles que não possuem ***consideração*** o bastante, são tratados com visível desprezo. Um exemplo disto é Sérgio[62], morador de uma das ruas circunvizinhas, que às vezes vai ao bar, foi chamado de corno durante uma conversa acalorada, nos seguintes termos

> *Você fica com esta **marra**[63] toda, mas tu é corno, porra!*

Quando eu ouvi esta frase imaginei que esta ofensa seria respondida de forma violenta, pois Sérgio era muito mais novo e fisicamente mais forte que o seu ofensor, mas

[61] Homem que mantém relacionamento sexual com uma mulher casada.

[63] Comportamento ousado, desafiador, excessivamente altivo.

para minha surpresa, ele deu um sorriso sem graça, baixou a cabeça e foi embora. As ofensas continuaram após sua saída

> *Pô, esse cara é um otário e quer tirar onda aqui? Aqui não é lugar de corno, não!*

Apesar do tratamento, Sérgio ia com certa freqüência ao bar, talvez pelo fato de ele não ter outra escolha, afinal aquele era bar era **o** bar daquela vizinhança e apesar dos maus-tratos, para cultivar o que lhe restava de sua dignidade perante outros homens, ele precisa estar na companhia de outros homens e como eu o vi algumas vezes por lá, o custo-benefício parecia valer as humilhações, ou melhor, o que eu interpretei como humilhação, pois ela não era que tinha a sua condução de *corno* pública. Depois de algum tempo, me contaram as circunstâncias em que ele fora traído por sua esposa fazendo com que eu compreendesse o porquê dos maus tratos que Sérgio sofria.

Ele era taxista, por isso, não tinha hora certa para chegar em casa, o que servia para ocultar suas relações extra-conjugais e, segundo me contaram

> *O cara começou a dar mole e chegar tarde demais, ele achava que a mulher dele era boba. Ele estava escancarando, estava trazendo piranha para cá. Pô lugar de piranha é na rua* (fazendo um gesto com a mão, como quem empurra algo com as costas das mãos). *Trazer piranha para cá estava, ele não estava respeitando a gente, sacanagem.* (Mise-en-plis)

O primeiro erro de Sérgio foi não respeitar os limites sutis entre o bar, a proximidade deste com suas casas. Continua Mise-en-plis

> *Se minha mulher soubesse que esse cara estava trazendo mulher da rua para cá ia dar a maior merda lá em casa. Ela ia pensar que eu vinha para cá para fica de putaria... Aqui é meu lazer, não é lugar para fica de sacanagem. A gente teve que dar um* ***toque*** *no cara para ele se mancar e parar de trazer as vagabundas dele para cá.*

O segundo, e talvez o pior de todos os erros, foi ele não ter cumprido seu ***papel de homem***:

> *O cara começou a gastar grana com mulher da rua e estava deixando a família passar necessidade. A mulher, coitada, ia lá em casa pedir ajuda para minha esposa, às vezes ia na casa do Selmo. Pedia uma xícara de açúcar, uma mixaria para comprar um pão. Dava a maior pena, mas castigo vem à cavalo.*
>
> *A mulher dela é bonitinha, claro que ia pintar um malandro na parada... Dito é feito, Aí, um dia ele ficou sabendo que vagabundo estava comendo a mulher dele... O cara quis dar porrada na mulher... se fudeu, tomou uma coça do ricardão, perdeu mulher e o cara ainda assumiu os filhos dele. Esculachou geral! Bem feito! Como o cara vai deixar a família passar necessidade para curtir mulher na rua? Isso não é* ***papel de homem****!*
>
> *Aí depois que vir para cá para ficar tirando onda com a rapaziada... aqui não é lugar de otário, não* (Grifo meu).

Ou seja, a traição da ex-mulher de Sérgio era justificável, afinal seu ex-marido não assumiu suas responsabilidades de cuidar e suprir as necessidades dela e seus filhos, fazendo assim seu ***papel de homem***. Seu comportamento era didaticamente repetido para que todos que circulassem pelo bar soubessem quais as sanções para aqueles que não correspondessem às expectativas da masculinidade hegemônica *local*. Estes dois exemplos demonstram que um homem honrado, ***considerado*** pode ter uma falta grave retirada de seu *prontuário* e tendo sua imagem pública restituída, algo que não acontece com aqueles que não desfrutam de tal prestígio, entretanto, hoje desconsiderado, amanhã, quem sabe? Esta condição, como os exemplos nos mostram podem mudar, estas máculas à imagem pública são condicionadas a alguns fatores que podem mudar, porém, há uma falta considerada irreversível. Quando um homem abre mão voluntariamente de um valor tão caro quanto a masculinidade e se torna gay, que embora exclua esta pessoa do círculo social na ***área***, o coloca em uma situação análoga a das mulheres, como explica Gilson:

> *Rolf, não tem problema o cara ser viado, mas tem que ser um viado de moral.*

Ter moral é, neste contexto, entre outras coisas, ter um comportamento aprovado pelos moradores da ***área***. Continua Gilson:

> *Se o cara é meu amigo, qual é o problema se o cara é viado? Se ele precisar de mim, pode contar comigo. Eu só não vou fazer as paradas dele com ele... As paradas dele, ele faz para lá* (repetindo o mesmo gesto com a mão que Mise-en-plis fizera para demarcar dentro e fora da ***área***).

Na ***área*** há três exemplos de ***"viados de moral"***: Gretchen, Marcelinho Delicado e Dona Salete, que antes era conhecida como Salete Navalhada. Cada um deles tem comportamentos distintos uma convivência tranqüila com seus vizinhos. Vejamos cada um deles.

Amauri nasceu na Rua Claudionor e é filho de uma das famílias mais antigas da parte de Baixo, com vários parentes que moram na rua e casados e/ou compadres de outros moradores. O apelido *Gretchen*, ele ganhou na sua infância por gostar de imitar a *Rainha do Bumbum* se requebrando para seus colegas. Segundo me contaram por lá, nas brincadeiras infantis, em especial o pique-esconde, ele era disputado, todos queriam se esconde com ele.

> *O que a molecada queria mesmo era comer o Gretchen. Havia tinha até porrado, por que um queria se esconder e outro "furava a fila". Às vezes, a pique terminava e os moleques não apareciam e quando apareciam, estavam de pau duro. Esses moleques não tinham mulher, cheio de tesão e duro, aí pegavam o Gretchen.*
>
> *Hoje está todo mundo casado, sério e tal, mas comeu o Gretchen e fez muita* ***meinha***[64]*e hoje fica cheio de marra* (gargalhadas).
>
> *Dava para ver Gretchen era viado desde moleque. O pai dele já deva como "caso perdido" desde cedo. Ele mesmo falava que tinha três filhas e um filho. Como ele era um cara considerado, ninguém sacaneava nem o pai nem o próprio Gretchen.*

[64] Jogo sexual entre meninos.

> *O moleque dava a bunda, mas era maneiro* (risos). *Sempre estudou, quando cresceu, estava sempre trabalhando, nunca deu problema para a família e sempre foi discreto com as paradas dele.*
>
> *O vacilão do Sérgio, o irmão dele é que fazia de conta que o irmão não era viado e fazia ignorância pra irmão na rua, babaquice... Ele tinha é que ter vergonha é de ser corno*[65] (Mise-en-plis).

A orientação não era nem surpresa, nem problema, segundo o relato de Mise-en-plis, ele desde muito novo foi um ***"viado de moral"***, quando adulto, mantinha um comportamento discreto, vestindo-se com roupas de boa qualidade e mantendo uma rotina de casa-trabalho, embora chamasse a atenção por ser um homem muito alto, ele tem em torno de 1,95m de altura, não tinha jeito afeminado, não levava seus companheiros na rua. Fisicamente, além da altura, Gretchen é branco, tem cabelos e olhos castanhos claros, com aproximadamente 38 anos, sendo descrito como um homem bonito pelas moradoras da rua que costumam dizer que ele é *"um desperdício de homem"*.

Quando começou a trabalhar em uma *termas*[66], melhorou financeiramente o que fez aumentar seu *status* perante sua família, e porque não dizer?, na rua, embora nunca tenha ficado claro qual a sua função neste estabelecimento. Sérgio**,** seu irmão, era o único que demonstrava contrariedade com o fato de seu irmão ser gay e, apesar de ser pública e notória, ele costumava descrever a função de seu irmão como aquele que fazia *a primeira*

[65] Sobre o Sérgio, falaremos mais a frente.

[66] Um eufemismo para prostíbulo.

degustação das menininhas que se candidatava para trabalhar na *termas*. O que talvez fosse verdade, mas na vizinhança ninguém acreditava na história e, embora sua função no trabalho nunca fosse bem explicada, este era um assunto que se evitava e era comentado somente *à boca miúda*, não por respeito a Sérgio, mas por respeito e consideração ao seu irmão, este sim, pessoa cujo compartimento era tido com exemplar: bom filho, respeitador, que contribuía com as despesas da família e sempre solícito com os vizinhos.

O outro ***"viado de moral"*** era Marcelinho Delicado, que mora próximo à Claudionor, é um rapaz branco, com aproximadamente 30 anos, de baixa estatura física, aproximadamente 1,65m, magro e se veste com roupas femininas claras. Embora não tido maiores informações sobre sua infância, o seu apelido se atribuía a sua constituição física e seus modos, que segundo me disseram, pareciam a de uma mocinha delicada. Sua discrição se aplica também aos seus relacionamentos que sempre foram mantidos longe do alcance dos olhos de seus vizinhos. Ele é uma figura conhecida por ser proprietário de um salão de beleza freqüentado pelas moradoras da ***área***, onde emprega alguns parentes, principalmente, algumas irmãs e primas. Ele abria e fechava o seu salão e mantinha uma rotina espartana de trabalho: abria por volta das 10 horas e fechava somente quando a última cliente saia de terça à sábado. No natal, Ano Novo e próximo do Carnaval, não tinha horário para abrir ou fechar. Esta rotina de trabalha era muito respeitada pelos vizinhos. Mais uma vez, a discrição e a uma vida laboriosa são mais importantes para moradores da Rua Claudionor Ribeiro e circunvizinhos do que sua orientação.

Por fim, temos a Dona Salete que tem uma história curiosa, mostrando a plasticidade das identidades, incluindo aí a identidade de gênero. Judith Butler citando Simone Beauvoir, diz:

> *"Beauvoir diz claramente que a gente 'se torna' mulher, mas sempre sob uma compulsão cultural a fazê-lo. E tal compulsão não vem do 'sexo'. Não há nada em sua explicação que garanta que o 'ser' que se torna mulher seja necessariamente fêmea"* (Butler, 2003:27).

Deste modo, "gênero" deve ser sempre compreendido em seu contexto e como tal, uma pessoa pode ter seu gênero negociado, mudado conforme o exemplo de Salete nos demonstra. Samuel, seu nome de batismo, ganhou o apelido de Salete Navalhada por conhecido como *um viado arengueiro*. Era temido não pode seu porte físico, mas por sua destreza na luta corporal. Como me disseram,

> *Ele sabia fazer na mão. Era bom de porrada, ninguém se metia com ele. Até mesmo quem era de bronca, de questão, evitava arengação. Quando ele era viado, era perigoso, gostava de fazer escândalo. Se você tivesse um problema com ele, ele fazia escândalo na porta da sua casa. Falava um monte de palavrão, fazia a maior vergonha!*
>
> *Ainda era feiticeiro. Gostava de fazer feitiço de amarração e de botar o nome dos outros na pólvora . Tinha sexta-feira que ele se vestia de vermelho e preto e ia para uma encruzilhada, dizia que ia colocar o nome de fulano, fazia o maior escarcéu. Pessoal não admitia, mas morria de medo dele.*

Estas histórias eram contatadas com algumas variações, mas sempre enfatizando o comportamento violento. Com o tempo, ele passou a se travestir usando roupas coloridas, como saídas e camisas que deixam sua barriga à mostra, foi neste período que passou a ser chamada de Salete. Neste mesmo período, Salete passou a participar de show de dublagem em festas juninas, muito comuns nos anos ’80, onde havia concursos para eleger qual travesti mais bonita, a que dançava ou a que tinha a melhor performance. Sempre que Salete discordava do resultado, arrumava confusão e em uma destas festas quebrou uma garrafa na cabeça de uma concorrente que havia ganhado e, devido ao ferimento que marcou o rosto da rival, ela ganhou a alcunha de “Navalhada”. Seu comportamento violento resultava em chamada da polícia.

O seu comportamento mudou radicalmente quando conheceu seu companheiro, Demétrio, um cabo da Polícia Militar foi chamado justamente para acabar com uma das confusões que ela havia iniciado e, segundo dizem, foi amor à primeira vista. Alguns meses depois que se conheceram, foram morar juntos em uma casa próxima a rua Claudionor Ribeiro que é próxima a casa de seus pais. A partir do seu casamento, a Salete Navalhada morreu, ela passou a ser conhecida como Dona Salete, senhora de comportamento exemplar que, ao final do dia, ficava na porta da sua casa aguardando a chegada do seu marido.

A primeira vez que vi o casal, o que mais me chamou a atenção foi justamente o fato de eles não chamaram a atenção de ninguém e, embora não andassem de mãos dadas, a proximidade com que caminhavam, percebia-se que eles formavam um casal. Certa vez, eu segui discretamente o casal que ia junto, como qualquer casal a caminho das

compras. Percebi que as pessoas não demonstravam qualquer estranheza pela a singularidade do casal, eles passavam desapercebidos.

O que os senhores da ***área*** pensavam sobre este casal? Dona Salete seria um ***viado de moral***? Embora eu tivesse ouvido várias piadas e comentários homofóbicos, nunca ouvi qualquer comentário depreciativo em relação sobre Gretchen, Marcelinho Delicado ou Salete Navalhada. Os três são moradores da ***área*** e têm laços de parentescos por lá e, ao mesmo tempo, dois deles são trabalhadores e Salete uma dona-de-casa e, importante, todos têm comportamento discreto. Isso faz deles ***viados de moral*** que acabam corroborando a moral vigente que zela pela ética do trabalho e por certo recato sexual, mesmo dos homens. Este comportamento faz com eles sejam respeitados, fazendo também com que eles sejam protegidos pelos senhores da ***área***. Quando um freguês fez um comentário homofóbico e racista sobre Salete, ex-Navalhada, dizendo que

> *Aquele negão só pode ser maluco. Preto viado é maluco. Ainda por cima se vestindo igual a uma cigana...*

Antes mesmo de terminar este comentário, vários dos freqüentadores repreenderam-no dizendo que ele não tinha nada a ver com a vida dos outros e se ele tinha alguma coisa contra a Salete, falasse com o marido dela. Agnaldo continuou dizendo que gostaria de vê-lo fazer tal comentário há alguns anos quando Salete ainda era Navalhada:

> *Querer esculachar a Salete agora é mole, agora está comportada, é uma senhora tranquila, queria ver se fosse antes, ela ia te encher de porrada!*

E para terminar a conversa, foi proferida a ameaça fatal:

Aí, sabe onde o marido dela trabalha? Ele é cana[69] *lá do 9º Batalhão*[70]*, fala para ele, se você se garante!*

O marido de Salete, Demétrio, ia, vez por outra, ao bar. Tomava sua cerveja, trocava algumas palavras e ia para casa. Me chamava a atenção, que mesmo seu casamento não sendo convencional, não suscitava qualquer tipo de comentário por parte dos fregueses depois que ele deixava o estabelecimento.

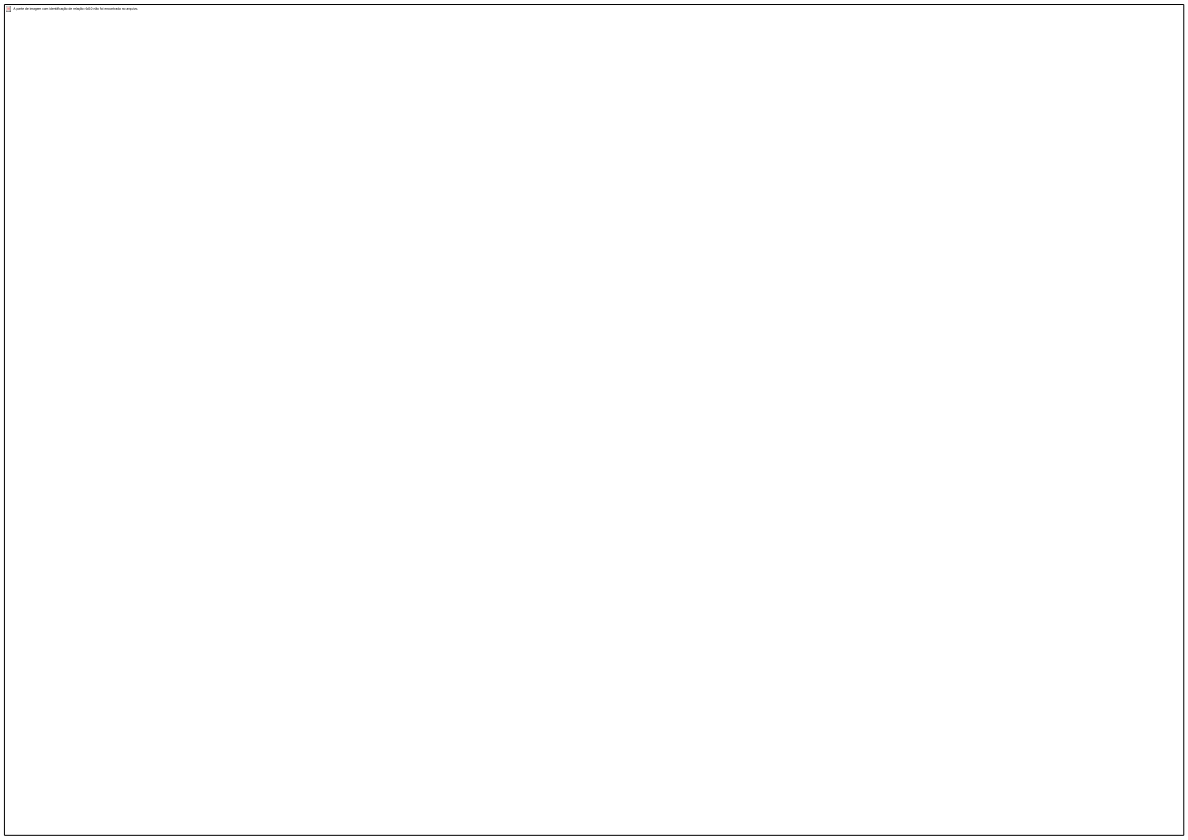
O fato de seu marido ser um policial do 9º batalhão certamente teve sua parcela na conquista de respeito de seus vizinhos, mas seria simplório achar que apenas o temor do policial por si só contivesse os comentários dos freqüentadores do bar. A conduta recatada de Salete fez com que ela conquistasse o respeito, pois ela é apontada como uma dona de casa exemplar, ou seja, um comportamento que corrobora as expectativas de um comportamento feminino ideal: mulher caseira que cumpre suas tarefas domésticas, não fica na casa de vizinhas e não se envolve em fofocas. Além estar sempre aguardando seu marido no portão no final da tarde quando ele chega depois de um dia de trabalho. Ao invés de subverter o ideal de homem segundo os padrões locais, Dona Salete reforça um certo ideal feminino. Ideal porque boa das mulheres com que conversei ou obtive alguma

---

[69] Policia.

[70] O 9º Batalhão da Polícia Militar que fica em Rocha Miranda era o batalhão responsável pelo policiamento de Irajá, atualmente é o 44º BPM. Este batalhão ficou famoso nos anos ’80 e ’90 por seus policiais serem acusados de envolvimento em crimes famosos, como “Os desaparecidos de Acari” e tinha um grupo de extermínio, segundo dizem, formado por policiais militares, “Os Cavalos Corredores”, na jurisdição do 9º, dizer que algum é deste batalhão impõe respeito.

informação, não correspondia a este ideal, quase todas trabalhavam, seja em casa vendendo cosméticos ou doces e salgadinhos para festas, algumas ao mesmo tempo em que *trabalhavam fora*, assim, não teriam tempo (ou não queriam) esperar o marido chegar do trabalho no portão ao final da tarde. Desta forma, o comportamento destes ***viados de moral*** não emasculava a rua, pois eles não representavam uma série de estereótipos vinculados a este grupo e respeitavam os limites da ***área***. Mesmo que eles tenham espontaneamente aberto mão de sua masculinidade, falta grave para aqueles homens, isto era sublimado pelo fato de serem considerados, cada um a seu modo, *senhoras de respeito*: a trabalhadora, a meiga ou a esposa dedicada, ou seja, eles não ameaçavam a construção identitária da masculinidade hegemônica local, pelo contrário, acabavam reforçando-as por contraste.



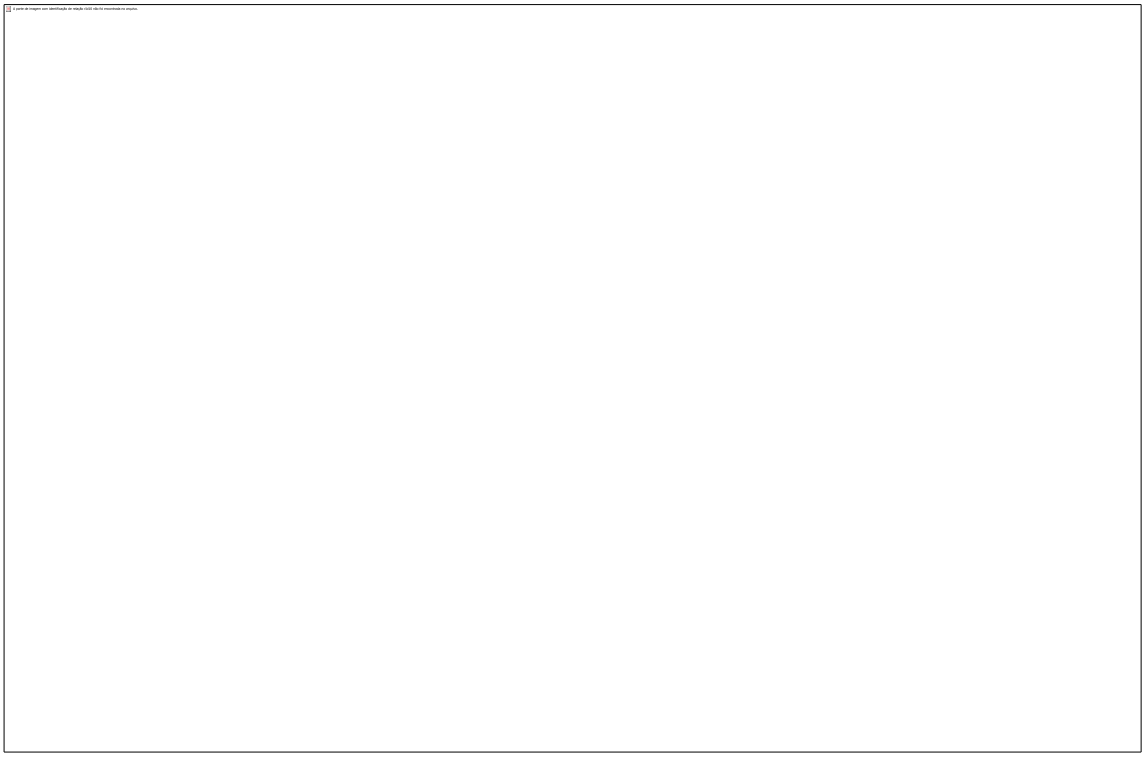
Com uma frondosa amendoeira na frente, considerada por alguns como a árvore símbolo do Subúrbio Carioca, o Bar do Pery é uma profusão de cores, sons e cheiros que fazem os sentidos girarem. Quando entramos, somos sacudidos sensorialmente pela decoração. Há um emaranhado de quadros, gravuras e luzes coloridas; o som da música do jukebox é altíssimo, sem falar dos carros e ônibus que passam a todo o momento na avenida principal aumentando em muito a poluição sonora. Os odores são das mais variadas origens, das bebidas – e dos bebedores -, dos petiscos e, dependendo do horário, do cheiro da cozinha. Passado o primeiro impacto, começo escandir o ambiente tentando, assim, colocar ordem no que vejo. Logo em destaque há uma gravura com pessoas pescando e, ao lado, há uma reprodução de uma paisagem de um inverno europeu, há também um pequeno quadro com nós de marinheiros. Junto à banca de cigarros, embaixo de um relógio de parede, há um calendário com uma foto de uma mulher nua

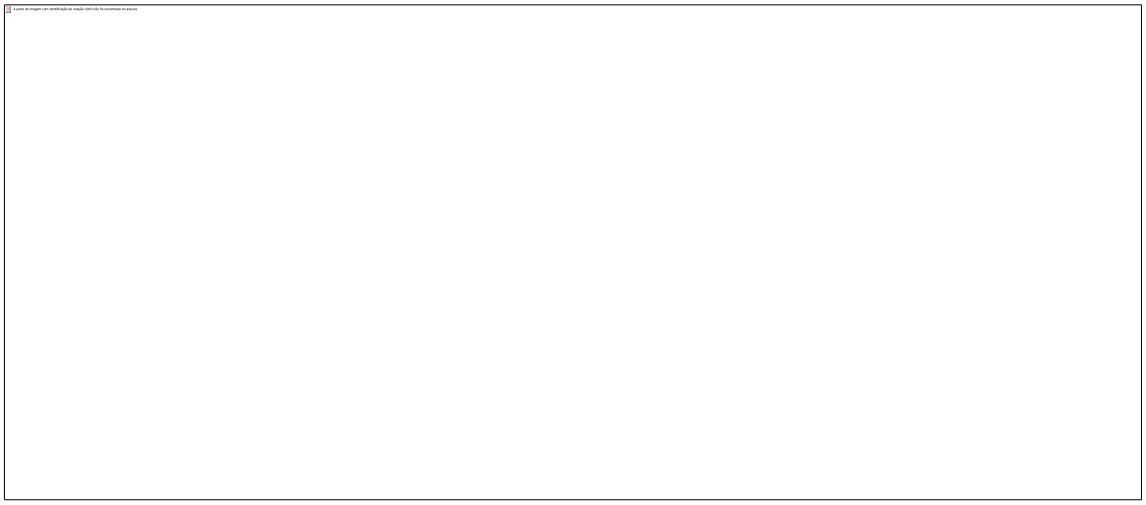
apalpando um dos seios e lançando um olhar lânguido e, pouco acima deste calendário, vemos uma cândida flâmula com um coração vermelho de onde sai uma rosa com uma singela homenagem às mães com versos que exaltam o amor materno. À direita, ao lado da entrada dos banheiros, acima dos engradados de cervejas, há também um quadro com o desenho de uma pomba branca com um pequeno ramo verde no bico voando sobre uma Bíblia protestante que flutua sobre o mar, tendo ao fundo um belo entardecer. Na parede da esquerda há um sem número de garrafas de bebidas (*gin*, cachaças, conhaques), algumas flâmulas do Flamengo e pequeno quadro com trechos do Salmo 23, também protestante, e uma advertência para aqueles que pretendem pedir fiado como: "Fiado só amanhã".

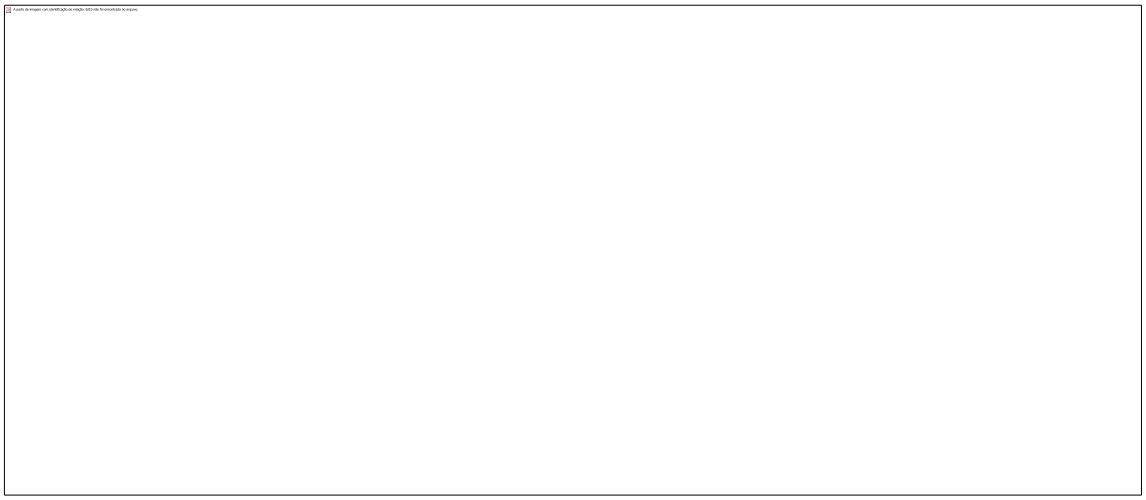
Neste ambiente quase caleidoscópico, a figura do Santo Guerreiro se destaca. São Jorge, *associado à batalha do cotidiano, e, principalmente, à virilidade* (Souza, 2003:72), é um símbolo viril por excelência no subúrbio[72]. Ele está em uma flâmula com a "Oração do Santo Guerreiro", colocado acima de uma máquina registradora e ao lado de um vaso com arruda-de-guiné, cuja água é trocada todos os dias pelo dono do bar; a outra planta que está no bar que também é regada religiosamente é a espada de São Jorge, ambas as plantas resguardam o ambiente contra o temido olho-grande. Entretanto, a devoção ao Santo Guerreiro fica mais evidente quando vemos um altar feito também em sua

[72] São Jorge é patrono do Policia Militar e do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro e também das facções criminosas Comando Vermelho e Terceiro Comando, por mais paradoxal que seja, todos têm em comum o *ethos* guerreiro, onde a virilidade é exaltada entre seus componentes. Nas Zonas Norte e Oeste do Rio de Janeiro há inúmeras festas, feijoadas e churrascos em homenagem ao Santo Guerreiro. Uma das mais famosas é a procissão promovida pela Escola de Samba Império Serrano sai da quadra da escola de samba, indo para a igreja do santo guerreiro, seguindo para o Morro da Serrinha, onde é celebrada uma missão campal na Pedra de Xangô.

homenagem em um lugar estratégico do bar: sobre a soleira da porta que separa a casa do bar, ou seja, o Santo Guerreiro separa e protege sua casa do espaço de trabalho. No dia 23 de abril, feriado estadual de São Jorge, sempre se faz um churrasco em sua homenagem, onde os convivas usam camisetas com a estampa do Santo Guerreiro.




A parte da imagem com identificação de relação não foi encontrada no arquivo.


A parte da imagem com identificação de relação não foi encontrada no arquivo.

Pery abre seu bar por volta das 8 horas da manhã, mas não tem horário certo para fechar, entretanto, ele raramente fica aberto após as 22h30min de segunda a segunda, alvo quando há alguma programação especial como um programa de TV (jogos, finais de novelas ou filmes) ou então uma confraternização. Sob sua gerência, o bar funciona há mais ou menos vinte anos, quando ele o comprou de seu antigo proprietário. Ele fez Curso Normal na sua terra natal, Bahia, mas se desencantou com a profissão e resolveu se aventurar no Rio de Janeiro. Segundo ele mesmo:

> *Ao chegar aqui eu trabalhei em um montão de coisas, esses trabalhos de 'paraíba': garçom, porteiro, etc. Eu quase desisti de ficar aqui, Rolf, eu tinha estudo, eu tinha minha casa lá na Bahia e meus pais queriam que eu voltasse, mas eu tinha cismado que ia ficar, não queria voltar derrotado, ainda mais que eu tinha deixado a minha noiva lá e eu disse que ia voltar só para trazer ela para cá. Aí surgiu a oportunidade de comprar este bar. Juntei um*

> *pouco daqui, um pouco dali, meus pais me ajudaram e eu comprei o bar.*
>
> *Fui lá, me casei e trouxe a minha 'nega' – os pais dela não iam me deixar sair de lá com a filha deles sem casar* (risos), *trouxe um irmão, mas ele não agüentou o tranco e voltou, trouxe também um primo que está até hoje comigo. Esta é minha história: um 'paraíba' que venceu no Rio e virou carioca.* (risos)

O bar, além do uso como estabelecimento comercial, os familiares do Pery fazem outros usos do estabelecimento, pois sua casa é contígua ao bar e para entrar nela tem-se que obrigatoriamente passar pelo bar e para evitar o contato e a *contaminação* do espaço doméstico pelo bar, a porta de entrada é resguardada por um altar de São Jorge que tem uma vela que é acessa todos os dias religiosamente, às 18 horas, hora da Ave Maria.

Rosicleide, a esposa do Pery, recebe suas amigas para conversar no final da tarde. É onde também elas vendem cosméticos e *lingeries*, às vezes, há calcinhas, batons e *rimel* sendo expostas para escolha da cor e tamanho entre cervejas e tira-gostos, sem que isso altere a rotina tanto do dono do bar quanto dos fregueses e freqüentadores. Para seus filhos e sobrinhos o bar é o seu *playground*. À tarde quando chegam da escola e aos finais de semana, eles brincam com seus colegas nas dependências do bar, entretanto, não há confusão entre o espaço do bar e a casa, apenas seus parentes tem acesso a sua casa, nenhum freqüentador do bar, por mais antigo e amigo que seja.

Pery é quase onipresente no bar, entretanto, ele conta com alguns membros da família para ajudá-lo, já que não tem empregados. Seus parentes o ajudam em horário

diferentes: na parte da manhã, sua mulher recebe mercadorias e prepara e servir o almoço. No início da tarde, ela fica no bar enquanto ele sai para pagar contas ou comprar mercadorias para o bar e para sua casa. Seus primos, quando saem do trabalho no final da tarde o ajudam, já sua esposa cuidar dos filhos que voltam da escola, neste horário a freqüência aumenta significativamente. Embora seus primos atendam pedidos, vendam cigarros e bebidas, somente o Pery e sua esposa têm acesso à caixa registradora. Se nos horários da manhã e parte da tarde, nos dias úteis, há uma freqüência mista em termo de gênero, à noite e aos finais de semana a freqüência se torna quase que exclusivamente masculina, excetuando quando esposas e filhos de alguns freqüentadores vão ao bar para assistir com seus maridos, a *novela das oito*.

Em uma ocasião eu fui com Pery fazer compras. Fomos a um supermercado e em um depósito de bebidas em Rocha Miranda. No caminho ele encontrou um vendedor de alho e outros temperos que ele já conhecia e que vendia seus produtos em uma bicicleta. Vi que a comprar e vender é uma arte, pois as transações eram mediadas por longa negociação. Pery olhava e apalpava o material e, ao mesmo que concordava com as qualidades apresentadas pelo vendedor, ele dizia que estava caro. Várias vezes ele colocava o pacote de volta no bagageiro, sendo devolvido pelo vendedor, isto se repetiu algumas vezes, eu já estava ficando impaciente com aquela encenação, mas sabia que aquilo era muito importante para ambos, onde cada um procurava demonstrar sua capacidade barganhar. A transação foi concluída da seguinte forma: um pacote de alho que custaria R$ 9,00, foi concluído por R$ 15,00, ou seja, R$ 7,50 cada um. Pery demonstrava certo orgulho com o resultado do negócio.

Em seguida fomos a um depósito de bebidas para comprar cervejas, lá, também embora houvesse negociação, esta foi mais breve, pois a margem de manobra do Pery, que é um pequeno comerciante, era menor. Ele comprou oito engradados de cervejas e quando fui ajudá-lo a colocá-los no porta-malas de seu carro ele não deixou que eu pegasse naquele peso, eu insisti e ele mais uma vez me impediu alegando que

> *Não, Rolf, você não está acostumado a pegar peso, não. Isso pode machucar suas mãos.*

Isto mais uma vez demonstrou que meu lugar de pesquisador estava bem definido naquele campo. Apesar de minha estatura física, 1,87m de altura e 95kg, minha condição de *pessoa com estudos* fazia de mim um pessoa frágil (feminilizada?), cujas mãos deveriam ser resguardadas de *trabalho pesado* e por mais que eu insistisse em ajudar, Pery, que mede aproximadamente 1,65 e pesa 70 kg, não permitiu que eu o ajudasse, chamando um rapaz que trabalhava no depósito ajudá-lo a colocar os engradados de cerveja no carro, dizendo

> *Pode deixar, Rolf, o pessoal do depósito me ajuda, você não está acostumado com isso e pode machucar as suas mãos. A gente está mais acostumado.*

A diferença de nosso porte físico não fazia diferença, pois minha condição de pessoa *com estudos* fazia de mim uma pessoa que necessitava de certos cuidados. Imediatamente lembrei-me de uma situação semelhante vivida por Luiz Antonio Machado da Silva que durante seu trabalho em um botequim, também foi considerado frágil para fazer *"serviço de macho"* – limpar tubulação de esgoto -, pois ficaria *doente logo* (Silva,

1978: 99). O trabalho intelectual, ter estudos, é respeitado, mas ocupa uma posição ambígua nos meios populares. Se por um lado, confere reconhecimento e prestígio, por outro, não é considerada uma atividade para homens viris assim. O pesquisador nestes espaços é tratado com um homem, mas um homem frágil que requer um tratamento diferenciado.

O gênero da comida

O *PF* (prato feito), refeição servida de segunda a sábado e os salgadinhos (empadas, coxinhas e afins) são preparados diariamente pelo Pery ou sua esposa, no entanto, as iguarias compartilhadas entre os homens como tira-gosto, peixadas, mocotó, tripa lombeira e o churrasco são preparados exclusivamente pelo próprio Pery. O que se cozinha nos dias de semana é simbolicamente diferente do que se cozinha nos finais de semana. O que se cozinha durante a semana é uma comida comercial, consequentemente, impessoal e ordinária, com valor pré-determinado e exposta para quem quiser consumí-la.

Estas refeições são consumidas pelos fregueses, cuja permanência no bar dura apenas o tempo para se concluir esta refeição, refeição esta que tem seu valor exposto e qualquer um pode comprar e consumir, estas características fazem com que esta comida seja simbolicamente comprometida. Esta natureza ordinária da comida do dia-a-dia faz com que ela seja totalmente diferente da comida preparada aos sábados e domingos, quando a relação com a comida muda radicalmente. Se ela não chegar a ser impura, também não é uma comida ideal para os senhores comerem no bar. Esta diferença se refere

à distinção entre a comida e o alimento tão importante no sistema social brasileiro (DaMatta, 1984: 53).

Esta comida extraordinária que é preparada exclusivamente pelo Pery é consumida no bar nas confraternizações organizadas pelos frequentadores como o dia de São Jorge, o aniversariante do mês, festa junina, festas de Natal e Fim de Ano. Nestas confraternizações o churrasco é o prato mais consumido quase todo o ano todo, mas há também peixadas, cozidos ou feijoadas, sempre pratos salgados e com algum tipo de carne. O único prato doce que se come por lá é a canjica nos festejos juninos, este, por sinal, é preparado por Rosicleide. Todos os pratos são comprados pelos membros do grupo em sistema de *vaquinha*[73] e preparadas pelo próprio Pery, que diz

> *Eu preparo com o maior gosto. Eu gosto dessa confraternização. Ver o pessoal comendo e elogiando a minha comida me dá o maior prazer.*

A comida preparada pelo Pery, para ser coerente com o sistema de crenças destes homens, faz parte de um rito de interação masculina no bar, onde o comer e o beber juntos é parte importante desta forma de sociabilidade. Neste sentido, *o* [bar do Pery] *é o lugar por excelência do simpósio platônico, o lugar do beber e comer juntos, conversando e colocando em cena disputas, histórias, alianças, jocosidades etc.* (Thiago de Mello, 2003: 52), assim, a comida preparada no bar não poderia ser preparada por uma mulher,

[73] A *vaquinha* é o rateio de determinado valor pelo número de pessoas envolvidas na compra.

pois, *uma pessoa não pode compartilhar a comida preparada por outra pessoa sem partilhar a sua natureza* (Douglas, 1979:155), pois

> *ao se preparar o churrasco o que está sendo preparado na realidade é a masculinidade: com sal, fogo e carne se faz o churrasco; com palavras, gestos e corpos humanos se faz um* homem de verdade, *o churrasco é antes de tudo um ritual antropofágico: ao se comer a carne preparada por outros homens o que está sendo comido é a essência destes homens, transformando assim, quem come desta carne em um* homem de verdade (Souza, 2003: 122).

Ao preparar uma comida, a essência que quem a prepara tornasse parte deste alimento (Douglas, 1979:155), logo o gênero de quem a prepara também é parte desta essência. Esta essência se estende também aos utensílios utilizados neste preparo, ao se fazer uso de um objeto, este passa a fazer parte da natureza de quem o usou (idem). Estas afirmações de Mary Douglas no ajudam a compreender por que alguns profissionais têm tanto ciúme de suas ferramentas de trabalho, sendo quase tabu algum e tocar nelas, em especial quando estão sendo utilizadas. Este zelo, vemos por parte de Pery com suas facas, garfos e chairas (instrumento utilizado para amolar a faca), ninguém pode toca nelas, nem mesmo para amolar ou lavar, o que ele mesmo faz zelosamente.

Ele fala com indisfarçável orgulho de suas ferramentas, suas qualidades são exaltadas: a marca, qualidade do aço, a resistência, etc., dentre os utensílios, a faca é o seu xodó, ela recebe maior atenção, por isso, é lavada por último e, após ser lavada e seca, é imediatamente amolada e guardada dentro de uma bainha. Pela natureza de uso, estes

utensílios têm tratamento diferenciado de outros utilizados no bar, como copos, pratos e os outros talheres, estes podem ser manipulados pela esposa de Pery e, embora lave Rosicleide as louças e tabuleiros e pratos que são compartilhados nas confraternizações, eu nunca vi os utensílios *sacros* em suas mãos.

No bar do Pery não se come exclusivamente carne, embora esta ocupe um lugar especial no cardápio, há outras opções como já vimos, ela tem que ser compatível com a natureza de quem a come, logo elas têm que ser comida com *sustança* e a comida com *sustança* é aquela cujos ingredientes contêm em abundância o pesadelo de qualquer cardiologista: gordura e sal em excesso. Uma verdadeira bomba relógio para estes homens que fazem parte dos chamados grupos de risco devido à idade, origem étnica, peso, histórico de saúde e sedentarismo. Apesar dos riscos que este tipo de alimentação oferece para eles, ela é considerada comida de homem.

Segundo Gil,

> *Rolf, eu sei que comer tanta carne não faz bem para mim. Minha mulher fala à pampa quando ela sabe que comi churrasco cheio de sal, ela fala muito. Eu sei que ela tem razão... Eu tô fudido! Eu sou hipertenso e tal, mas eu vou comer o que alface? Mas durante a semana eu me seguro, não como besteira, como legume, frango, às vezes até um peixe. Meus colegas do trabalho ficam me sacaneando dizendo que aquilo não é comida para homem. Que 'onde já se viu um negão desse tamanho comendo leguminho...'*

> *Pô, eu tenho que me cuidar, mas final de semana não dá, eu caio dentro, me atolo!*

Aliado a esta combinação gastronômica, poucos cuidam de sua saúde e quando cuidam, o fazem de forma muito peculiar, como é o caso contado por Vinícius sobre como seu pai tratou uma úlcera:

> *O médico havia dito para o meu pai que ele estava com uma úlcera e explicou para ele que a úlcera é igual a uma ferida no estômago. Como ele nunca gostou, nem confiou em médicos, ele resolveu cuidar do problema em casa e do jeito dele: tomou um frasco inteiro de mercúrio cromo* (gargalhadas). *Tivemos que levá-lo correndo ao PAM*[74] *de Irajá com mercúrio saindo até pelo nariz* (gargalhadas).

A forma heterodoxa com o estes homens cuidam de sua saúde se aprende, ou se ensina, na mais tenra idade. Eu tive a oportunidade de presenciar duas demonstrações de como estes senhores tratam de um corpo masculino: vi ao vivo, ao à cores, um tratamento para furúnculos em menino no bar e a forma pedagógica como os cuidados com o corpo masculino se ensinam aos mais novos.&&&

Uma tarde durante o meu trabalho de campo, um pai foi ao bar com seu filho, com idade em torno de seus oito anos e ele estava com um furúnculo, por isso, mancava de uma perna. Enquanto seu pai conversava, um colega perguntou-lhe por que seu filho estava

[74] Posto de Assistência Médica do Estado Rio do Janeiro.

mancando e ele disse que seu filho estava com um furúnculo e não deixava ninguém se aproximar e que deveria estar doendo muito, pois o furúnculo estava enorme, mas mesmo assim, não deixava ninguém se aproximar temendo que alguém mexesse. Ouvindo isto, este colega que é dos freqüentadores perguntou ao pai se poderia dar uma olhada na perna do menino, piscando um dos olhos. Seu pai, com um leve sorriso, consentiu. O menino, que estava distraído assistindo a TV, não havia percebido a conspiração que estava sendo tramada. Então, com voz macia dizendo que só olharia de longe o furúnculo, o menino, hesitante, permitiu que o amigo de seu pai se aproximasse, e, antes que ele pudesse esboçar qualquer reação, e tão rápido que eu demorei um pouco para perceber o que estava acontecendo, o afável amigo com incrível agilidade, sentou-se sobre o tronco no menino, imobilizando-o, no que foi ajudado imediatamente por outros adultos voluntários, e espremendo o tumor até o fim, apesar dos gritos e pedidos do menino. Ao final de tudo, com o furúnculo espremido, a assepsia foi feita com uma dose de cachaça jogada *à queima roupa*, por um homem que bebia no balcão assistindo tudo, dizendo

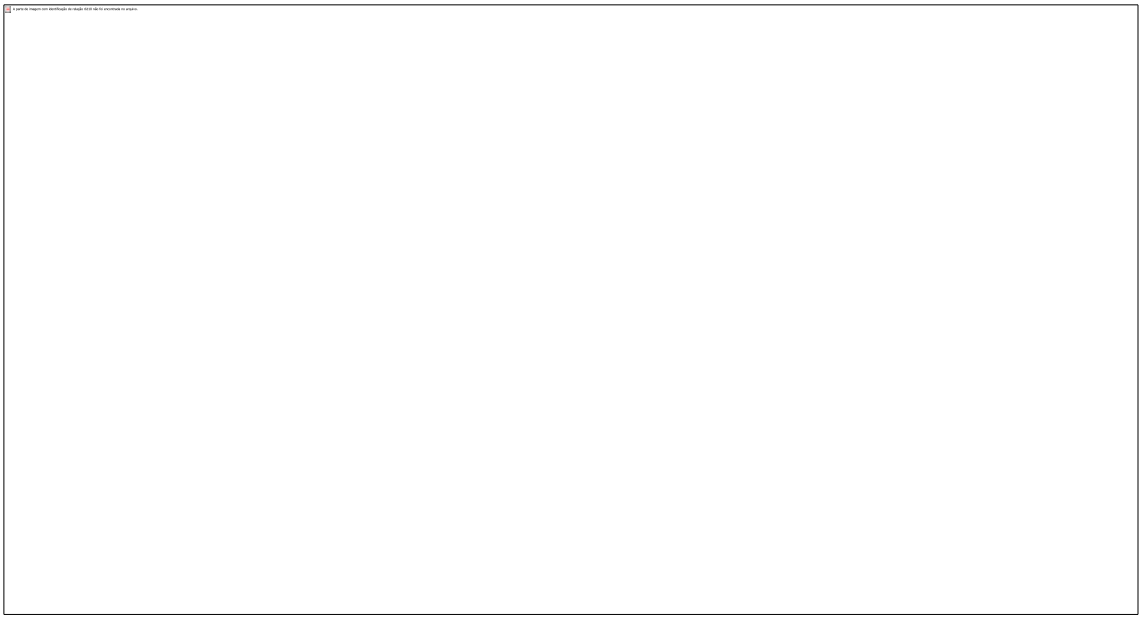
Isso tem álcool, matar os micróbios!

Um detalhe importante é que não vi ninguém combinando seus atos, foi algo "espontâneo", pois todos sabiam quais eram seus papéis na missão tão importante que é *fazer* de um menino, um homem. Após o susto, o menino que gritou, mas se manteve firme não chorando nem chamou o pai, o que foi devidamente elogiado por todos, alguém lhe pagou um refrigerante por ter sido aprovado com louvor em mais esta etapa do rito de passagem para se tornar um homem um homem de verdade O pai do menino a tudo assistia sem intervir, afinal é assim que forja um homem, e seu filho deu prova de que estava indo no caminho certo. Eu me surpreendi com a rapidez com que tudo

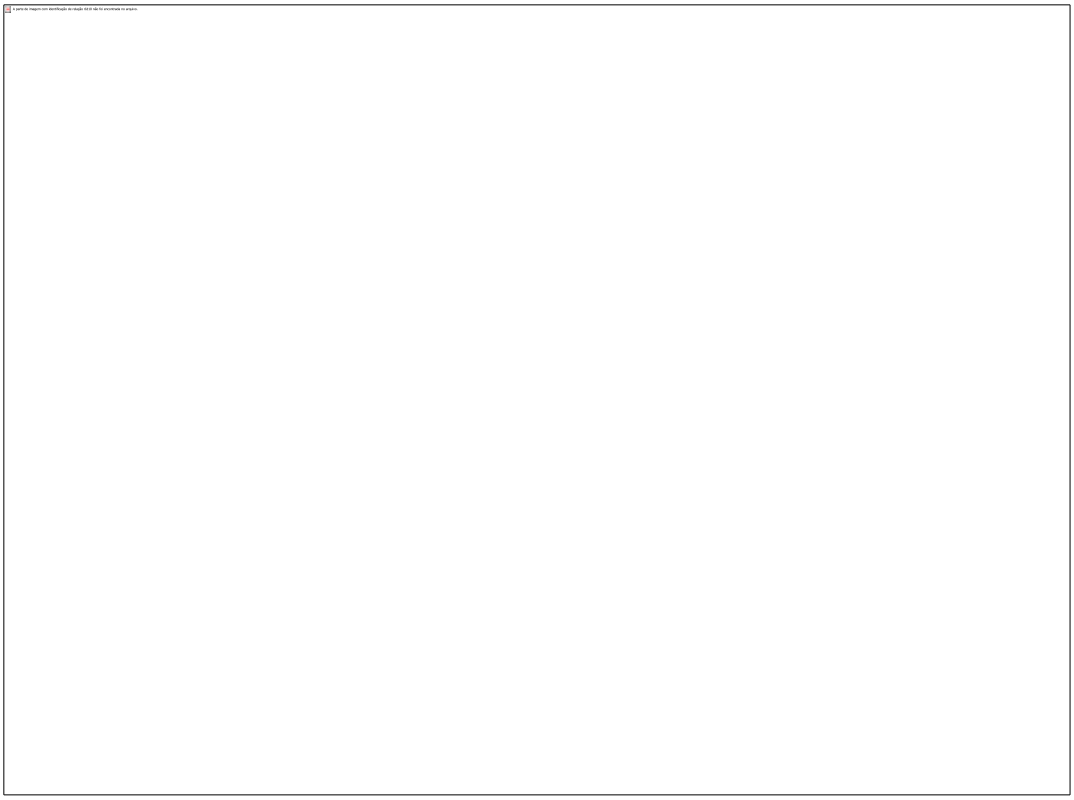
aconteceu, mas apesar da aparente brutalidade, isto era um comportamento relativamente normal na formação do menino. Esta forma que estou chamando de heterodoxa é incorporada muito cedo pelos meninos, pois são inúmeros relatos de meninos e rapazes que retiram o gesso em casa ou quando se machucam na rua, ele ou seus amigos, tratam do ferimento esterilizando utilizando-os com velas, breu ou verniz. Esta forma peculiar de cuidar da saúde se estende para as regras de higiene. As iguarias masculinas não precisam, necessariamente, cumprir padrões rígidos de higiene e manipulação, afinal *depois que jogou no fogo morre tudo*, frase que ouvi quando insinuei perguntar alguma coisa sobre higiene e condições de preparo dos alimentos. Afinal,

> *Nossa idéia de sujeira é composta de duas coisas, cuidado com higiene e respeito por convenções. As regras de higiene mudam, naturalmente, com as mudanças no nosso estado de conhecimento.* Quanto ao aspecto convencional de evitar a sujeira, essas regras podem ser colocadas de lado em nome da amizade. (Douglas, 1979, grifo meu).

Isto quer dizer que nem todos no bar compartilham dos mesmos padrões de higiene, em especial nas suas casas, mas naquele espaço as convenções básicas de higiene são mais flexíveis, incorporadas e aceitas por todos, pois estes homens não demonstram preocupações nem são exigentes com a higiene naquele espaço.


A parte de imagem com identificação do relação rId10 não foi encontrada no arquivo.

A parte de imagem com identificação do relação rId9 não foi encontrada no arquivo.



6.3 - Clube social

Além de ser o local para se comer, beber e conversar com os amigos, o bar também é o clube social daqueles homens, eles vão ao bar para assistir futebol e a *novela das oito*. Alguns senhores por volta das 18h30min, vindos do trabalho, iam ao bar tomar uma cerveja, depois se despedem, vão para casa fazer a janta e retornam, de banho tomado (alguns ainda com os cabelos molhares e com o cheiro do sabonete e colônia), pedem outra cerveja e se sentam com os amigos para assistir ao noticiário, a novela ou a uma partida de futebol. Ver aqueles senhores assistindo àquela programação contraria o mito que homem não assiste novelas, principalmente, em um bar. Eu perguntei a alguns deles se eles assistiam novela nas suas casas e, em geral, eles raramente assistiam TV em casa, segundo Agnaldo

> *Assistir novela em casa não é legal, não. Fica a minha mulher e a minha filha falando o tempo todo. Elas ficam me sacaneando por que eu fico em casa vendo novela, que isso não é coisa de homem... Aí eu vou fazer coisa de homem, venho para cá, aqui ninguém me enche o saco e posso assistir a minha novela em paz. Sem falar que quase sempre aparece uma amiga da minha mulher, aí, compadre... não tem condições de eu ficar em casa.*

A presença masculina no espaço doméstico não é bem vinda, este espaço é considerado feminino, assim, os homens são expulsos dele pelas mulheres da casa sob a alegação de que *homem em casa só atrapalha* . Algumas atividades consideradas femininas, devem sempre ser vistas de forma relacional, pois se ela é feminina em um contexto, pode não ser em outro. Assistir novela é considerado atividade

feminina, porém quando feito em um bar, em companhia masculina, toma caráter totalmente diferente, o mesmo se dá com o ato de cozinhar. Quando perguntei ao Pery se ele cozinhava em casa e ele disse que não, pois

> *Pô, em casa quem cozinha é a mulher Quando eu estou* ***dentro de casa*** *eu não quero saber de cozinhar nada, aí quem faz o rango é a mulher. Até por que as vezes que eu tentei, ela dizendo que não gostava de ver ninguém mexendo na cozinha dela.* (Ênfase minha)

Para se compreender as relações de gênero, seja ela homens e mulheres, mulheres e mulheres ou homens e homens, deve-se sempre se contextualizar estas relações, pois, caso contrário, corre-se o risco de reificar estas relações, onde os homens das classes trabalhadoras são, *a priori*, brutos e opressores, não percebendo as nuances destas mesmas relações, criando e reforçando estereótipos

O bar do Pery tem dois grupos distintos na sua clientela: os fregueses e os freqüentadores. O *freguês* tem um vínculo frágil com o lugar, pois ele permanece somente o tempo de consumir bebida e/ou um tira-gosto, ouvir música no *juke box*, assistir TV a qualquer horário ou somente durante o dia, ele raramente ficam mais tempo que isso. Eles são tratados formalmente, sem maiores proximidades, mesmo assim, estão sujeitos às normais estabelecidas pelos clientes assíduos, os senhores do lugar, os freqüentadores. Estes, além de consumir os produtos oferecidos, fazem do bar um lugar para se estar, encontrar-se com os amigos, conversar, jogar sinuca, ouvir música e assistir TV à noite. Esta clientela não é exclusivamente masculina, há mulheres que podem ser incluídas também nestes dois grupos, porém com algumas adaptações. As freguesas têm um tratamento similar ao dos homens, pois sua permanência também é semelhante a dos

homens, elas vão lá para beber e conversar com suas colegas, às vezes, acompanhadas de crianças. Elas permanecem no bar apenas durante o tempo em que consomem bebidas e conversam, porém, elas ficam em espaço separado dos homens, eu nunca presenciei qualquer tipo de interação entre os grupos masculinos e femininos.

As freqüentadoras, por sua vez, **têm sensíveis diferenças** em relação aos freqüentadores, uma delas é que elas não têm a mesma assiduidade que os homens, na realidade elas são "sócio-dependentes", com isso, têm as deferências que o título confere e **diferem das freguesas pelo fato de irem ao bar somente com os seus maridos.** Eu também nunca vi estes dois grupos femininos interagirem. Rosicleide com suas amigas são as exceções, pois, elas circulam com um pouco mais de desenvoltura no bar, entretanto, elas não consomem bebida alcoólica sem seus maridos, as poucas vezes que estas senhoras consomem bebida são nas confraternizações. Porém, a maioria das esposas dos freqüentadores não vai ao bar, estas quando precisam se comunicar com seus maridos utilizam **o celular que faz o papel que antes era desempenhado pelos filhos**, assim, quando um homem atende a um telefonema no bar, qualquer que seja sua origem, será alvo de brincadeiras, como: *"A rádio patroa está chamando"*, *"Corre, senão a 'Dona Maria vem aqui te buscar!'"*, estas brincadeiras demonstram que a presença das esposas, **não é tão** bem-vinda, pois, elas são uma ameaça a autonomia daqueles sujeitos.

O horário em que os freqüentadores estão com suas esposas é justamente quando Pery proporcionalmente tem o maior lucro, como ele mesmo me explicou... Com a presença das suas esposas e, às vezes, com seus filhos, a despesa não é pequena, pois além do consumo da cerveja, aumenta o consumo de refrigerantes, petiscos e às vezes, algumas dessas famílias também jantam. Normalmente neste horário não se ouve música no *juke*

box, pois os fregueses raramente aparecem por lá àquela hora e são justamente eles quem compram o maior número de fichas para ouvir música. Naquele horário Pery não vende fichas, mas já aconteceu de alguém que possuía fichas resolver ouvir música naquele horário, o que criava transtorno para os que assistiam ao jornal ou à novela, mas como Pery costuma dizer:

> *É direito do cara ouvir a música... Eu não vendo ficha na hora da novela, mas se o cara já comprou e quer ouvi, o que eu posso fazer? O máximo que eu posso fazer e dar uma diminuída no som...*

O bar do Pery se assemelha a um clube e esta comparação não é apenas uma metáfora, pois, uma das características de um bar de proximidade é esta semelhante com um clube, cujas regras de conduta, convivência e sociabilidade são estabelecidas pelo presidente e sua diretoria, nos bares de proximidades, estas regras são estabelecidas pelo proprietário e seus freqüentadores mais assíduos e este *estatuto* é defendido com veemência quando é ameaçado (Thiago de Mello, 2003: 36). E a assiduidade é parte fundamental para ser criar e manter um lugar na hierarquia do grupo. Se um dos senhores fica mais de um fim de semana sem aparecer, logo se pergunta o porquê da ausência, se esta ausência persistir, um telefonema ou uma visita a casa do *faltoso* é feita para saber o motivo de sua ausência. Este tratamento diferenciado é destinado apenas para os membros mais próximos e destacados. A semelhança com um clube se reforçou quando estes senhores resolveram criar uma fraternidade chamada os *Manduricis.*

Manduricis é uma homenagem a um grupo indígena que segundo a mitologia local, teria habitado aquela região e batizado a região com o nome atual do bairro. Estes corajosos nativos, segundo a mitologia irajaense, lutaram bravamente contra o colonizador

português que só conseguiu se instalar na região após extermínio dos índios homens e tomando as mulheres nativas como esposas. Eu fui apresentado alguns descendente desta ilustre linhagem. Seu Arlindo baseado em suas pesquisas, embora ele tenha procurado e torcia para encontrar alguma evidência, não encontrou nenhuma evidência da existência deste grupo indígena, chegando a conclusão de que este grupo indígena nunca existiu. Segundo ele, o nome *manduricis*, talvez seja a corruptela do nome de uma abelha chamada manduri que não é boa produtora de mel,mas é boa polinizadora. Outra conclusão de suas pesquisas que se choca com a mitologia local, é não há registros que naquela região houvesse existido alguma produção de mel que justificasse o nome. Segundo ele este "mel" seria na verdade o produto da cana-de-açúcar que se produziu com abundância em Irajá. Curiosamente um dos nomes dado ao pênis naquela ***área*** é *mandureba* (cujo som se assemelha com a palavra *manduci*), de origem desconhecida e que significa "cachaça" em alguns estados do Norte e Nordeste, e é utilizada por lá.

Voltando à fraternidade, ela é composta pela fina-flor dos freqüentadores. Seus organizadores cobram mensalidade dos seus *sócios* para promover confraternizações no bar. Camisetas foram confeccionadas com o mapa do bairro de Irajá e o nome *Manduricis* abaixo do mapa, elas são usadas durante os eventos importantes, como decisões de campeonatos e o dia de São Jorge. Estas camisetas demarcam seletividade d de quem a usa. Por ser considerado um *sócio honorário*, tive a honra de ganhar um camiseta.

Como uma maçonaria, há critérios para ser aceito na *fraternidade*, ninguém se convida para fazer parte dela, a pessoa precisa ter a honra de ser convidada, entretanto, como todo clube há os sócios honorários que mesmo não sendo freqüentadores assíduos gozam do prestígio e respeito, assim recebem este título honorífico que permite que o

agraciado desfrute das regalias que todos os outros sócios têm direito. Como meu trabalho possibilitou visibilidade para ***área***, em especial, para o bar do Pery, fui laureado com o título de sócio honorário com direito, entre outras coisas, há uma camiseta dos *Manduricis* que usei algumas vezes que estive em campo.

Todos os que circulam pelo bar conhecem as normas de convivência e boa conduta, sabem também quais são as sanções para aqueles que as infringem, pois elas são pedagogicamente repetidas nas conversas. Estas sanções têm uma gradação que vai de um ***gelo***[75], chegando ao caso extremo de banimento. As aplicações destas sanções podem variar de acordo com a gravidade ou com quem as comete e um fator decisivo é o respeito e *consideração* que o infrator tem perante o grupo, uma pessoa com baixo *status* no grupo pode "queimar" etapas e ser excluído da convivência, o que é diferente com aqueles que são *considerados*. Durante meu trabalho de campo eu acompanhei o processo de desgaste de um dos membros do grupo, que culminou com o seu banimento da fraternidade, o que significa sua morte social e os membros que permanecem falaram por um período curto no acontecido e em três semanas quando contavam este episódio, mais uma vez pedagogicamente, o nome do Selmo não era mais pronunciado. Vamos aos fatos. Certo dia, eu notei que o Selmo não aparecia no bar e perguntei por ele, percebi que perguntar por ele causou certo constrangimento, assim na primeira oportunidade que tive conversei reservadamente com algumas pessoas do grupo e depois com o Pery e soube o motivo de sua ausência. Selmo estava reclamando por achar que o dinheiro que era arrecadado pelos membros da confraria não estava sendo empregado corretamente, além de achar que Pery estaria levando para casa as sobras de carne e outros alimentos comprados. No início eram

[75] Tratar com indiferença, ignorar a presença de alguém.

apenas insinuações ditas *à boca miúda*, ou seja, reservadamente, mas como as pessoas que ouviam não davam crédito, procuravam apaziguar dizendo que não acreditavam que *Pery fosse se sujar com tão pouco*. Eu cheguei a ouvir uma destas reclamações quando estava caminhando em direção ao bar, Selmo estava indo para sua casa e fomos conversando, a certa altura da conversa, ele me disse

> *Eu não vou mais dar a minha parte para, não... eu não sei o está sendo feito do dinheiro, não sei se a quantidade de carne está correta, ninguém dá satisfação de nada.*

Eu, naquele momento, achei estranho o comentário, pois, Pery fazia questão de mostrar as notas fiscais, o que era advertido, pois estes senhores achavam fazer uma conferência dos valores gastos seria uma quebra de confiança, o que colocaria em xeque o elo de lealdade e confiança que mantinha o grupo unido. Diziam eles

> *Porra Pery, eu não peço nota fiscal de nada para minha mulher em casa, vou querer pedir a vocês?* Mise-en-plis.

Ou

> *Pery quer fazer gracinha, está mostrando a nota para mim... mostra para o Agnelo que é contador, ele é que gosta de saber dessas coisas.* Gilson

O que foi respondido pelo Agnelo

> *Ih compadre, eu não estou a trabalho* (risos)

Nesta brincadeira quase todos os nomes dos presentes foram citados e estes respondiam com uma brincadeira e falavam outro nome. Somente dois nomes não foram citados, o meu, talvez pelo fato da minha posição ser apenas honorífica e o nome de Selmo. Este ***gelo*** era uma demonstração de que a relação entre o grupo e Selmo estava se deteriorando mais do que eu imaginava. Em outra ocasião, o boicote coletivo ficou mais evidente, suas perguntas já não eram mais respondidas, eu, meio sem jeito, procurava respondê-lo, mas antes que eu abrisse a boca, alguém interrompia me chamava fazendo alguma pergunta qualquer, a intenção era exatamente provocar constrangido, afinal já havia sido decretada a sua morte social.

Selmo foi advertido várias vezes, seu *status* perante o grupo lhe concedia estas prerrogativas. Estas advertências seguem uma gradação que se inicia com um ***gelo*** e vão de um ***toque*** até a ***fuleira***, pois

> *Vários mecanismos são utilizados para observação e manutenção das normas (...). Um deles é dar **um toque**, que consiste em chamar discretamente a atenção daquele que **vacilou**[76] sem **esculachá-lo**, e aquele que dá este **toque** é somente quem é **considerado**, pois ele é quem pode falar sem que seja entendido como uma grave ofensa. Outro mecanismo utilizado para a observação e manutenção destas normas é **mandar fuleira**: contar um "caso" semelhante àquele que se quer chamar a atenção, sem citar nomes, com o*

[76] Cometeu a infração.

> ***vacilão***[77]*, mas presente sem torná-lo alvo de chacota, o que seria problemático, pois seria torná-lo um* ***otário****, categoria baixíssima na escala de valores entre grupos masculinos* (Souza: 2003).

Ele foi advertido várias vezes, mas em momento algum foi ***esculachado***, se levou em consideração o fato de ele ter sido, entre outras coisas, um dos idealizadores do grupo, ou seja a *consideração* que seus confrades tinham por ele pesou, caso contrário, por muito menos ele já teria sido expulso da fraternidade. Selmo cometeu uma falta grave colocou em xeque a relação de lealdade do grupo, ingrediente fundamental para a coesão daqueles homens. Por isso, Selmo caiu na vala comum daqueles que tiveram seu comportamento reprovado pelo grupo e teve a pior das sanções foi considerado morto para o grupo, porém, nos últimos dias do meu trabalho de campo Selmo estava se reaproximando do grupo, levado por Mise-en-plis. Eu percebia que chegava com uma postura totalmente diferente daquela antes da sua saída. Ele chegava meio cabisbaixo, falava pouco. Seu constrangimento era maior na hora que tinha início a comensalidade, ninguém compartilhava a cerveja com ele que tinha que pagar e bebia sua própria cerveja, o único que bebia com ele era Mise-en-plis, na hora que a comida era servida, Mise-en-plis pegava um pedaço e dava para o amigo. Era visível o mal-estar, mas ele não tinha alternativa, lá era o único local possível para conseguir o que todos aqueles homens tanto almejam: reconhecimento como um homem de verdade perante os únicos capazes disto, seus ex-confrades. Tanto isso é verdade que, embora ele tenha freqüentado outros bares, onde o encontrei algumas vezes reclamando das injustiças sofridas pelo seus ex-camaradas,

[77] Cabe lembrar vacilão é quem comete insistentemente a mesma infração mesmo depois de ter recebido alguns ***toques***.

ele acabou voltando para o bar do Pery, se submetendo a constrangimentos para ser aceito de novo.

O que aconteceu com o Selmo foi uma situação extrema, raramente se chega tão longe. Normalmente as coisas são resolvidas sem que ninguém seja excluído, pois as regras de convivência costumam ser respeitadas e o que aqueles homens procuram no bar do Pery é um lugar de descanso depois de uma semana de trabalho duro,

> *Aqui, Rolf, é meu lazer. É onde eu encontro minha rapaziada para jogar conversa, jogar uma sinuquinha... contar umas mentiras e ouvir outras. É minha terapia.*

Entretanto, o que estes homens encontram na realidade, talvez não seja tão relaxante como poderíamos imaginar à primeira vista. O lazer para estes homens não é uma *área mole* (Sansone, 1996: 210-211), onde as diferenças que encontramos em nossa sociedade são temporariamente suspensas, muito pelo contrário, os gestos e palavras e em especial a jocosidade devem ser compreendidas no seu contexto, pois elas podem camuflar os antagonismos que fazem parte da nossa sociedade, pois os pertencimentos de classe, gênero, étnico/racial e etc. continuam presentes nas interações entre estes homens que reproduzem as contradições que vemos na sociedade como um todo.

A todo o momento estes homens brincam, se provocam e se medem continuamente, sempre testando a capacidade de dar a resposta correta. Quando eles estão no meio da arena, eu tinha a impressão de estar vendo uma roda de partido alto, pois, a cada palavra proferida, havia uma resposta, uma frase de efeito, o trecho de uma música, uma piada, ou mesmo uma rima que demonstrava a rapidez do raciocínio através da

destreza verbal. São feitas também comparações com situações do passado, tempo que estes senhores idealizam como melhor que o presente. Cada palavra e gesto é milimetricamente pensado, ainda que possam parecer espontâneos. Algumas palavras devem ser utilizadas com cuidado, pois elas podem "se voltar contra" quem a usou inadvertidamente, como, por exemplo, os verbos *tomar* e *sentar*, pois segundo a explicação nativa *um homem não toma, muito menos senta...* O pronome interrogativo *como* também requer certos cuidados. Durante uma conversa, eu havia compreendido o que Agnaldo falou eu, inadvertidamente, perguntei *como?* O que prontamente foi respondido *pau de gomo!* Todos riram e me chamaram a atenção, pois para se conversar com o Agnaldo era preciso estar a tento. E a contínua desatenção é o suficiente para se tornar um *comédia*, o que equivale a ser um otário, adjetivo fatal para um homem.

6.4 - A honra do lugar, a honra dos homens

Quando cheguei ao bar, em uma manhã de uma quarta-feira, como de costume, fui falar com o Pery, que estranhou eu estar por ali tão cedo. Gosto de conversar com ele para ficar sabendo das novidades e o que aconteceu durante os dias em que estive ausente. Como neste horário o bar está iniciando as suas atividades, praticamente ninguém por lá. É nesta hora que Pery faz a arrumação das prateleiras, as vitrines com os petiscos, lavar o chão e o banheiro, etc. Me chamou a atenção foi um grupo de cinco homens sentados ao lado da mesa de sinuca, todos de bermudas e alguns sem camisa, estranhei ver aquele grupo ali aparentando estar sem ter o que fazer, mas não cheguei a perguntar nada ao Pery. Depois de bater um papo com o ele, fui falar com Paulo que estava, como sempre, na banca de bicho. Cumprimentamo-nos e logo que começamos a conversar ele

imediatamente começou a explicar o que aqueles homens faziam ali sentados, àquela hora, em frente ao bar, aparentemente, sem ter o que fazer. Sua intenção era deixar claro que eles não eram vagabundos, ele me dizia com um tom debochado o motivo daquele grupo estar ali: estaria em greve, por isso, ninguém foi trabalhar hoje. Ao perceber minha expressão de estranheza e incredulidade pelas natureza informal das relações de trabalho, Paulo esclareceu o que estava acontecendo. Aqueles homens eram motoristas, trocadores e despachantes de Vans que não estavam trabalhando naquele momento porque estava havendo um *blitz* feita pela polícia militar e Companhia de Engenharia de Tráfego do Rio de Janeiro (*CET/Rio*):

> *Eles estão aí porque não estão podendo trabalhar hoje, estão arrochando lá em Madureira! O pessoal da CET/Rio e a PM estão dando* ***dura***[78] *nas Kombis e Vans. Todo mundo sabe que isso é o maior circo, os donos das Kombis e Vans são tudo PM. Aí os caras ficam assim, de bobeira, sem poder trabalhar.*
>
> *Se eles fossem vagabundos não estavam nem esquentando a cabeça, mas como tudo é pai de família, ficam sem saber o que fazer da vida.*

Paulo fez questão de me esclarecer que eles não eram desocupados, não era um grupo de vagabundos, mas sim, trabalhadores oprimidos pelas forças públicas. Isso me remeteu às observações de Elliot Liebow em seu livro clássico *Tally's Corner: A Study of Negro Streetcorner Men* (Liebow, 2000), que nos adverte que devemos ter cuidado com as

[78] Blitz ou qualquer abordagem feita pela polícia.

aparências. Liebow analisando uma situação semelhante em uma esquina de Washington DC, diz que ao olharmos para um grupo de homens parados conversando em uma esquina, em um bar, ou qualquer outra *casa de homens*, somos levados a crer que se trata de um grupo de vagabundos, reforçando os estereótipos que estigmatizam os homens negros e pobres: preguiçosos, beberrões e irresponsáveis. Contudo, o fato destes homens estarem parados *de bobeira* na esquina não significa ócio ou preguiça. Devemos conhecê-los melhor para saber o que realmente estes homens estão realmente fazendo, quais as relações que eles estabelecem com o mercado de trabalho, etc., e isso se aplica ao bar do Pery. O que poderia parecer apenas um bando de desocupados, era na realidade um grupo de trabalhadores que não estava trabalhando naquele momento por que aguardava a situação normalizar para poder voltar as suas atividades, já ele estava impedido de trabalhar por causa da repressão de agentes do Estado. Diferentemente de Paulo, o aranha, é ex-morador da Claudionor e freqüentador do bar, enquanto os motoristas **(*) Melhorar**, trocadores e fiscais das Vans são apenas fregueses. Sua permanência no bar dura apenas o tempo dos intervalos das viagens ou o tempo em que eles almoçam lá, eles não participam de nenhuma confraternização.

O ponto de *Vans* fica na calçada do bar é atividades econômicas que mantém uma relação de simbiose com aquele espaço, junto com a banca de *jogo do bicho*, a presença destas atividades por si só garantem proteção para o bar e seus clientes, já que os proprietários e gerentes destas atividades são, segundo voz corrente, policiais e banqueiros de bicho. O *aranha*[79] utiliza o banheiro do bar, almoça e, ao final do expediente, guarda a mesa, a cadeira e o material para *escrever o bicho* - as apostas – (canetas, blocos de

[79] Também conhecido apontador de bicho, é aquele/a quem faz as apostas no bicho.

anotação e carimbos) nas dependências do bar, este uso não tem nenhum custo e a presença da banca de *jogo do bicho* traz segurança para o bar. Há também algumas máquinas de vídeo pôquer de propriedade, segundo dizem, do banqueiro de bicho daquela região que, ao final do dia, também são guardadas no interior do bar, serviço que Pery faz todos os dias quando fecha o seu estabelecimento. Ele recebe um percentual pelas apostas realizadas no vídeo pôquer. Embora não eu pudesse aferir a quantia movimentada com as apostas, uma vez conversando com o Pery sobre o assunto ele me disse que:

> *O negócio é bom, sempre entra um dinheirinho. Às vezes o movimento está fraco, mas tem sempre alguém fazendo uma aposta.*

A atividade do de apostas do *jogo do bicho* traz outra vantagem, além da econômica com as máquinas de vídeo-poquer, pois a simples presença de uma banca de jogo inibe atividades criminosas contra o estabelecimento que a abriga, como nos conta Paulo, um dos apontadores do jogo do bicho:

> *Uma vez eu vi que dois caras que estavam com um jeito sinistro olhando muito para dentro do bar. Eu nunca tinha visto os caras por aqui antes e fiquei cabreiro, percebi que eles iam meter* (assaltar) *o bar, mas ficaram bolados comigo e vieram me perguntar se eu conhecia o dono do bar, eu disse que sim e que ele era sócio lá dos* ***caras***[80]*. Eles se olharam, pediram desculpas e saíram fora.*

[80] Referência ao banqueiro do jogo do bicho da região de Irajá, seus nomes raramente são falados.

Entretanto, a relação com o ponto de Vans é mais complexas, pois esta atividade é coordenada, segundo voz corrente, por grupos paramilitares, o que pode trazer alguns perigos para quem está próximo, pois estes grupos costumam disputar de forma violenta estes pontos, como aconteceu uma vez por lá, quando durante uma discussão sobre a "licitação" para a "concessão" da exploração de uma rota, houve uma acirrada discussão entre o antigo "concessionário" que explorava aquela rota há alguns anos e não concordava em vendê-la ou transferi-la para uma pessoal que se identificava como policial que insistia em comprá-la. Após desta discussão o vencedor da "licitação" ganhou a "concessão" após apresentar o seguinte argumento para o antigo "concessionário": *Sai agora para sair andando!* Após apresentar sua proposta, ele se seus amigos sacaram suas armar. Mediante a irrecusável proposta, o antigo dono foi embora cabisbaixo. Este tom irônico foi o mesmo com que me contaram esta história, o que mostra que os clientes do Pery estão atentos ao que se passa no em torno do bar, mas como sabem que não têm como interferir, procuram apenas levar suas vidas.

Por mais paradoxal que possa parecer, embora estas atividades sejam dirigidas por pessoas, que segundo dizem, estão envolvidas com atividades criminosas, eles significam um tipo de segurança que o Estado não parece ser capaz de oferecer e talvez se o fizesse, talvez não fosse interessante para o Pery, pois com uma presença mais ostensiva de agentes da lei, estas atividades não poderiam ser exercidas ali, diminuindo sua margem de lucro. Os clientes compreendem isto e não se incomodam com a presença destas atividades, pois com este tipo de segurança que se estende para os moradores de toda a ***área***, eles acreditam que o bar se torna um muro de contenção para alguns delitos e principalmente pelo mudo que têm da proximidade com a *favela*.

Os freqüentadores do bar também fazem a sua parte para que a ***área*** seja respeitada, afinal cabe principalmente a eles cuidar da imagem do local onde moram e qualquer tentativa de macular a imagem da ***área***, atinge diretamente a estes homens deve ter uma resposta à altura. Um freguês estava brincando com um amigo que era conhecido de um morador da Rua Claudionor que não era freqüentador, mas passou por ali para falar com os amigos. Certa altura ele falou que naquela rua só morava corno, o que fez com todos os freqüentadores parassem no ato a conversa e olhassem para os dois, mesmo os que não moravam na rua. Eu percebi que o morador ficou sem graça e procurou mudar de assunto, mas outro continuou com a brincadeira, o que irritou mais ainda aos senhores do bar. Como as ofensas continuaram, Gil levantou-se ruidosamente saiu do bar e foi embora, indo em direção a sua rua. E o morador falou para o amigo que aquela brincadeira não estava agradando, por isso, que aquele senhor tinha ido embora. O freguês riu e falou em voz alta na direção que Gil estava indo: *Só mora corno na Rua Claudionor Ribeiro mesmo!* Ao ouvir isso, Gil voltou imediatamente, eu vi logo que aquela brincadeira não acabaria bem, afinal Gil é um senhor, que apesar de estar bem de saúde, está com mais de 70 anos e o freguês devia ter algo em torno de 35, 40 anos. Ao se aproximar, Gil perguntou: *Onde que você disse que tem corno?* E antes que ele falasse qualquer coisa, Gil desferiu um soco seguido por uma rasteira que o freguês caiu desmaiado, gerando um grande tumulto. Todos diziam que era bem feito, que ele pediu aquilo, etc. As coisas aconteceram tão rapidamente que eu imagino que o freguês, que depois eu soube se chamar Carlinhos, quando acordou, demorou um pouco para entender o que havia acontecido, principalmente um ataque vindo de um senhor com aquela idade. Eu fiquei surpreendido com a destreza e rapidez com que Gil desferiu o golpe. Este episódio foi comentado por várias semanas, Gil foi elogiado por ter defendido a honra de todos, entretanto, o mérito da façanha se estendia a todos o grupo,

pois o dever de defendê-la é coletivo. Qualquer ofensa deve ter pronta resposta e uma resposta violência, embora seja o último recurso, ela é sempre uma possibilidade. Nas palavras de Mise-en-plis:

> *Bem feito para o otário, pô queria esculachar a área!* ***A gente é coroa, mas não está morto!*** Ênfase minha.

6.5 - Espaço de Temperança

A imagem pública dos freqüentadores se estende ao local onde moram e que freqüentam, ou seja, se o bar do Pery *virar bagunça*, isto significa que seus freqüentadores não foram capazes de manter a ordem no local, por isso que bêbados e vagabundos não são bem vindos. Os pedintes, embora tratados com respeito, não são encorajados a voltar a pedir, quando estes recebem alguma ajuda, são advertidos que não voltem, pois ali só tem trabalhadores que não têm condições de ajudar a ninguém. A presença de desocupados é vistas como potencialmente perigosa, pois segundo eles, lugar onde tem desocupado é um local moralmente poluído , a idéia é que a ausência de trabalho leva à delinqüência e ao vício, assim, pessoas desocupadas encontram um clima hostil a sua presença. Os bêbados contumazes são os mais repudiados, os que bebem e ficam quietos são mais tolerados, os que não se comportam conforme as normas locais são rechaçados veementemente, mas a boa imagem do lugar não depende exclusivamente de seus freqüentadores.

O bar do Pery pode ser considerado um espaço de temperança onde se aprende e se ensina bons modos, por isso, não são permitidos comportamentos inconvenientes, afinal o bar *"não é lugar caótico para libertação dos comportamentos* (Almeida, 1995:185). Embora possa parecer paradoxal, o bar não é lugar para se embriagar, os bêbados contumazes são excluídos dos círculos de amizade e passam a beber sozinhos. Aquele que se embriaga além de se mostrar um fraco, eles demonstram ter perdido o

controle de si a tal ponto que pode ser emasculado. Como se costuma se repetir por lá sobre estas pessoas, *Cu de bêbado não tem dono!*, ou seja, chegar a este estado é tão degradante que faz com se corra o risco de ser penetrado por outro homem. O que se exige de um homem é que ele conheça bem seus limites, sabendo, quando deve parar de beber. Sobre isso Gilson certa vez me disse:

> *Alguns de nós, às vezes, bebe um pouquinho a mais, aí o pessoal começa a comentar: 'fulano bebeu um pouquinho', aí ele vê que é hora de ir embora*.

Continua Agnelo:

> *Pô, Rolf, a gente pode até beber um pouco demais, mas a gente automaticamente sente que não está legal e acha o caminho de casa... Lugar de ficar doidão é em casa. O cara tem que saber beber... Já pensou? O cara fica doidão, começa a falar palavrão alto, fazer merda...*
>
> *Não sabe beber bebe mijo* Complementa Gil.

Saber beber é uma *arte* que se aprende desde muito cedo e se aprimora cm tempo:

> *Eu bebo desde moleque. Eu acho que eu bebo desde meus treze, catorze anos. Meu primeiro porre foi nessa idade mais ou menos, mas eu sempre soube beber. Podia ficar bebão, mas não ficava pagando mico, ia logo para casa, minha coroa falava muito,*

> *coitada, mas meu pai dizia: 'Deixa o garoto, é melhor ele passar mal em casa do que ficar caído na rua.'* Agnaldo.

Não saber beber é falta grave, aqueles que estão constantemente embriagados, além de serem excluídos da convivência do grupo, são alvo de desprezo, são alvo de chacota e servem de exemplo como aqueles que *"não sabem beber"*, Exemplo de uma masculinidade subalterna (Connell, 1995). Em geral, este desprezo só é demonstrado quando estes cruzam as fronteiras que os separam dos demais, caso contrário, eles são no máximo alvo de alguma piada e nada mais, entretanto, cruzar esta fronteira pode gerar situações tensas como uma que presenciei em uma tarde. Estávamos conversando e de repente ouvi uma discussão, alguém me disse:

> *Pô, é o Galego, esse cara é abusado, sempre que ele bebe arruma dor de cabeça. Estava demorando ele fazer uma merda.*

Continuei assistindo a discussão, quando Paulo veio explicar o que estava acontecendo: Galego, que estava visivelmente embriagado, pegou na garrafa de cerveja de Seu Roberto e encheu o copo, o que é considerado ofensa grave! Não se toca na bebida de ninguém, a não ser que se tenha muita intimidade, mesmo assim, é *finesse* pedir permissão antes. Esta atitude foi reprovada por todos os que estavam no bar e o desfecho foi dramático. Seu Roberto, que era policial civil aposentado, viu que naquele exato momento estava passando uma viatura da polícia militar, chamou os policiais e identificando-se, explicando o que havia acontecido, os policiais foram lá e prontamente recolheram o *infrator*. Os policiais demonstraram estar igualmente indignados com o que foi considerado um abuso por parte do Galego, um deles dizia:

Quer dizer que você é saliente? Gosta de beber de graça, né? Vou te levar para dar umas voltas para você pensar melhor na vida e aprender boas maneiras.

E falou para todos no bar:

Avisa aí que o moço vai demorar a voltar, ele vai dar um passeio com a gente e só vai voltar tarde.

Confesso que senti pena do rapaz, pois me pareceu que ao perceber o tamanho do problema em que se meteu, o choque de adrenalina curou sua bebedeira, fazendo com que ele ficasse sóbrio quase instantaneamente. Ele tentava se explicar, dizendo que estava brincando, mas o policial ignorava seus apelos e como ele era muito branco seus braços ficaram marcados pela chave de braço que o policial lhe aplicou para imobilizá-lo. Eu soube dias depois que ele foi deixado pelos policiais na Pavuna, bairro distante 8 km de Irajá, de onde ele teve que voltar a pé, por não ter dinheiro para poder pagar a passagem de ônibus. Depois deste episódio, ele ficou algum tempo sem aparecer no bar, mas acabou voltando, se embriagar de novo e mais uma vez arrumando confusão, mas desta vez, sem maiores conseqüências. Creio que seria apenas uma questão de tempo ele entrar em outra confusão, o que não seria espanto para ninguém no bar.

Embora se embriagar seja motivo de reprovação, os que bebem e ficam violentos e causam transtornos são alvos de maior desprezo. Antes é bom que tenhamos em mente que estar embriagado não é um critério absoluto, a diferença entre estar inebriado e bêbado não é algo fácil de se distinguir no bar do Pery. Estar bêbado não seria não conseguir andar sem cambalear ou falar com dificuldade, eu já vi alguns senhores

nestas condições e nem, por isso, foram considerados bêbados, podendo participar ativamente das conversas. Dois casos são contatos de forma propedêutica quando surge um assunto sobre o "saber beber".

Um deles diz respeito ao um antigo freqüentador do bar que após beber demais confundiu uma das máquinas de vídeo pôquer que ficava próximo ao banheiro com um mictório e urinou nela, isso, obviamente, gerou grande constrangimento e discussões, mas como este antigo freqüentador era *considerado*, este constrangimento foi contornado e hoje esta história é contada entre sorrisos, mas sempre se enfatizando que ele, somente ele, gozou desde benefício e que isto não poderia se repetir. O outro foi um antigo freqüentador que também bebeu demais, e passal mal, vomitando no salão do bar, isto não teria maiores conseqüências, até que sua esposa chegou ao bar para ajudar seu marido quando soube que ele havia se sentido mal, mas quando ela chegou ao bar para socorrê-lo, foi agredida verbal, o que foi severamente reprovado pelo freqüentadores, gerando discussões entre o homem embriagado e os freqüentadores mais exaltados. A conseqüência disto foi o banimento deste freqüentador que nunca mais entrou no bar e sempre que ele passava próximo ao bar é apontado como "*aquele que vacilou com a esposa*". Segundo eles, um homem que age dessa forma corre o risco de ser traído por uma justa causa pela esposa, neste caso a traição da esposa seria um ato justificado.

A violência contra a mulher é reprovada pelo freqüentadores. Para estes senhores, além de ser uma ato de covardia, ela pode acarretar situações semelhantes a que eu ouvi em um trabalho anterior (Souza, 2003). Lá eu ouvi um membro do grupo falar com tom de reclamação que se um marido agredir a esposa, ele corre o risco de ter que prestar esclarecimentos Delegacia de Mulheres ou mesmo ir preso imediatamente ou ser traído

pela esposa como forma de represália. No bar do Pery surgiu uma terceira possibilidade, conforme, mais uma vez, contato uma história que foi contato contada por Agnaldo mostrava que as mulheres podem ser ardilosas na sua represálias femininas:

> *O cara gostava de beber e ficar brabo, ele chegou a arrumar umas confusões aqui, mas tomou uma dura do Pery e se enquadrou. Quando ele ia para casa a gente ficava sabendo que ele arrumava confusão lá na* ***área*** *que ele mora, os vizinhos já não agüentavam mais. Aí o vacilão fez a merda que faltava, tentou dar umas porradas na mulher... Deu o maior azar. Ele tentou das umas porradas nela quando ela estava limpando um peixe, estava com uma faca amolada na mão. Se a filha mais velha não estivesse em casa naquela hora, ele tinha tomado de* ***bicuda***[81]*. A mulher ficou igual a siri na lata. Falou que nem o pai dela tinha levantado a mão para ela e não admitia que ninguém fizesse isso com ela. Mas o cara não sabia que a pior parte veio depois* (Gargalhadas).
>
> *Quando passou a bebedeira ele pediu* ***arrego*** *e tal, mas a mulher não falou nada. Quando o cara chegava do trabalho, a mulher dava o rango e tal e depois ela ia para a cama dormir. Quando o cara se deitava, ela levantava e ia para cozinha e colocava uma panela cheia d'água no fogo. Pô, o cara ficava* ***boladão***[82]*. Ele ia falar com que ela*

[81] Faca.

[82] Preocupado, tenso.

> *que nunca mais ia fazer aquilo de novo. A mulher dizia calmamente que não tinha nada a ver, que ele podia ir dormir, que ela ia só fazer um café. Claro que o cara não conseguia mais dormir... Isso durou uma semana* (gargalhadas). *Ai chegou uma hora que o cara não agüentou e apagou. Quando ele abriu os olhos, viu a mulher olhando para ele... Ele disse que quase teve um treco do coração. Aí ela deu-lhe outro esporro dizendo que se ele levantasse a mão para ela mais uma vez, seria a última. Ela ia jogar água fervendo no ouvido dele e ia para o Talavera Bruce*[83] *tranqüila por que já estava com os filhos criados, mas não aturar mais aquilo.*
>
> *Só sei que depois disso, o cara nunca mais ficou doidão, fica alegre, mas agora sai, sai mansinho.* (Gargalhadas)

Eu percebi que isto aconteceu com alguém que fazia parte do grupo, mas por mais que eu tenha insistido, não me foi revelado o nome do protagonista desta história. De qualquer forma eu ouvi esta história pelo menos umas duas vezes, era uma forma de transmitir regras de comportamento através de uma pedagogia masculina.

[83] Unidade prisional feminina.

7 - Por que o espaço de lazer agonístico é importante para estes homens?

Afinal, por que o bar é tão importante para estes homens e o que ele nos ensina sobre a masculinidade?

Vários autores já ressaltaram a importância do espaço público para a sociabilidade masculina , estes autores mostram que só é possível ser um homem de verdade nestes locais, logo, um homem para ser reconhecido como tal, tem que estar expostos ao escrutínio de seu grupo, que a todo o momento avalia seus membros, recompensando os que desempenham adequadamente seu *papel de homem*, sancionando os que falham. Este *papel de homem* tem que corresponder ao padrão hegemônico local. Ela é local por que, como vimos, a masculinidade deve ser compreendida no contexto que ela de desempenhada, onde veremos as várias formas de ser homem que podem ser tanto diversas, quanto contraditórias entre si. Algumas destas masculinidades encontramos no bar do Pery. As interações estabelecidas entre estes homens, apesar do clima de camaradagem, são de caráter agonístico, pois a todo o momento eles estão em competição pelo prestígio conferido pela masculinidade hegemônica, assim, a sociabilidade que se desenvolve no bar do Pery é muito mais que uma reunião de confrades, é o local onde estes afirmam e celebram a masculinidade pelos/para os senhores da ***área***.

No bar do Pery é lugar de intensa interação, onde as ações são sempre intensas. Lá se ri e se fala muito e alto, gesticula-se. Os camaradas estão sempre brincando uns com os outros, mas somente estes eles, estas amabilidades só se compartilham com os iguais sociais. A jocosidade existente entre ele é uma nas interações entre estes senhores é uma forma de atenuar as tensões ou potenciais conflitos, já que, como sabemos, a jocosidade é uma *combinação singular entre cordialidade e antagonismo* (Radcliffe-Brown, 1989: 134)

que serve para que os vínculos de convivência sejam mantidos, mesmo durante as disputas. E embora as posturas corporais também demonstrem certo nível de agressividade, mostrando que há a possibilidade de isso de transforma em atos concretos, entretanto, eu nunca ouvi nenhuma história sobre agressões físicas entre estes senhores, pois para eles o mais importante é saber *quebrar no argumento*, ou seja, fazer uso da destreza verbal e vencer o oponente apenas com a retórica. Por mais paradoxal que possa parecer, estas posturas e disputas servem de identidade e coesão do grupo, não é opcional, ela é coercitiva, este grupo forma *uma escola de moralidade* (...), *isto é, uma máquina de fabricar o espírito de disciplina, a ligação com o grupo, o respeito ao outro, assim como a si mesmo, e a autonomia da vontade* (Wacquant, 2002:32).

A destreza verbal é apreciada continuamente demonstrada em torno de alguns motes que exaltam a masculinidade hegemônica local, são valores que podem ser conflitantes com outros ideais de masculinidade. As conversas, ao contrario do que se supõe, não gira em torno de mulheres e/ou futebol, mas sobre uma gama maior de assuntos como o mundo do trabalho, a saúde, historias do passado ou sobre assuntos cotidianos como política – entendida aqui como *peripécias* dos parlamentares veiculados pela mídia – e criminalidade, quando também veiculados na TV ou quando acontece alguma atividade criminosa com destaque na região ou na ***área***. As bravatas sexuais não faladas com certa moderação, talvez pelo fato de estes homens se conhecerem há muito anos e a idade fazem haja certa moderação nas histórias contadas. Mais o que estas conversas têm em comum com outras conversas entre homens é que – entendida aqui como *peripécias* dos parlamentares veiculados pela mídia, entretanto

> *como qualquer discurso que se pretenda hegemônico e dominante é essencialmente narcísico: eles falam de si para si. Em outras palavras, os homens do* [bar] *falam sobre homens para outros homens e mesmo quando falam sobre mulheres, eles são os principais protagonistas das histórias e casos* (Souza, 2003: 121).

E nestas conversas são transmitidos os valores necessários para que todos saibam quais são os limites que cada um deve respeitar e, fundamentalmente, como deve se comportar um *homem de verdade*. Estes valores formam um patrimônio que é transmito e partilhado entre os homens que compõem aquele grupo. Para eles estas aparentemente despretensiosas e simplórias conversas e disputas são a base de um repertório considerado fundamental para formação e manutenção do prestígio masculinos. São seus patrimônios com os quais se vangloriam e exaltam sua posição no grupo e na construção da identidade e histórias locais e isto faz destes homens referências masculinas locais. Pois, para estes homens, isto é seu maior patrimônio, como costuma lembra Gil com certa freqüência, *eu não tenho dinheiro, nem tive estudo, mas vou deixar para o meu filho o que recebi do meu pai, um nome que todo mundo respeita.*

O vernáculo chulo é usado abundantemente no bar, como era de se esperar, mas seu uso requer muito cuidado, não pode ser falado de qualquer maneira, a qualquer momento, muito menos com qualquer um. Os palavrões devem ser utilizados para ilustrar ou enfatizar uma frase ou assunto, não podem ser utilizados para xingamento, porque apesar do caráter agonístico, há regras rígidas para manutenção da coesão do grupo, assim o respeito é fundamental, é uma das regras pétreas deste agonismo/peleja cotidiano. Além disso, aquele espaço é a varanda dos senhores. A preocupação com o uso de palavrões se

estende a outras pessoas que não fazem parte do grupo. Ele é evitado, por exemplo, quando uma mulher ou criança está muito próxima. Determinados palavrões por serem considerados *pesados* são evitados e quando ditos, são ditos em tom mais baixo. Igualmente os gestos chulos. Embora seja usual tocar as genitálias, não é de bom tom brandir a genitália em direção a outra pessoa, principalmente para outro homem. O que faz com que um gesto ou palavra seja considerado obsceno, como os critério de limpeza e higiene, é sutil e só podem ser compreendidas no seu contexto, caso contrário, mais uma vez, podemos cair em análises moralistas que em nada contribuiriam para compreensão do seu significado para estes homens.

O lazer para estes homens não é uma *área mole* (Sansone, 1996: 210-211), um espaço de alienação, onde as diferenças sociais são suspensas. Os valores da sociedade como um todo estão presente, lá são afirmados ou contrapostos os valores hegemônicos de nossa sociedade, entretanto, eles são interpretados do ponto de vistas destes homens, assim, mais uma vez, valores que em outro contexto seriam desvantajosos, para os senhores da ***área***, eles tem outros significados. Se no seu cotidiano estes homens ocupam posições subalternas, ali, e talvez somente ali, eles são os senhores da sua ***área*** e disso eles não abrem mão e não negociam, por isso, no bar do Pery e na ***área*** eles são portadores da masculinidade hegemônica local, um exemplo disso é a questão racial. Se na Rua Claudionor Ribeiro as tensões raciais foram mais evidenciadas na rua, onde eram demarcados os espaços de negros e brancos, é totalmente diferente no bar, onde a maioria é negra, os valores viris são negros, isto não quer dizer que eles esqueçam a sua posição subalternidade étnico/racial e de classe e talvez por isso mesmo eles sejam tão valorizados e exaltados por eles. Os discursos raciais diferem de um discurso militante, pelo fato dele

se apropriar de mitos racistas e ressignificá-los positivamente, como os mitos em torno da masculinidade negra, no bar do Pery ele é transformado em valor positivo.

Com estes homens eu compreendi o que significa para eles o valor da amizade, da lealdade, do respeito e da *consideração*. São valores centrais para que um homem seja reconhecido como honrado, assim, o bar do Pery pode ser compreendido como uma escola de moralidade, onde os mais respeitados ensinam aos outros como é ser um *homem de verdade* através de um método bastante peculiar. Se na *alectoromaquia* os animais se tornam metáforas das disputas entre homens (Geertz, 1989) e na tauromaquia os homens demonstram seu valor se expondo ao perigo lutando contra um animal, o touro (Almeida, 1995 e Leiris, 2001), no bar os homens lutam entre si, e isto eu chamo de *falomaquia*, a luta entre homens, portadores do falo, em um duplo sentido: metáfora do poder (*falo*) conferido pelo prestígio da masculinidade hegemônica local e o próprio pênis, símbolo *par excellence* da masculinidade. Esta luta é contínua e é o que dá sentido a freqüência ao bar, é assim que estes homens conseguem o que tanto almejam: respeito e *consideração* dos seus pares, porém, estes homens não têm escolha, P há que correr riscos, pior é estar de fora, isto significaria estar fora do circulo legítimo da masculinidade, o que pode que dizer que não fazer parte destes círculos corre-se o risco de se transformar em um zumbi.

8 - Referências bibliográficas

ALVES, Andrea Moraes. Fazendo antropologia no baile: uma discussão sob observação participante. In VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina (Org.). Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

ALVITO, Marcos. As cores de Acari: uma favela carioca. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

ANDERSON, Elijah. Streetwise. Race, Class, and Change in an Urban Community. Chicago: The University of Chicago Press. 1990.

ARILHA, Margareth et alii. Homens e masculinidades: outras palavras. Editora 34, São Paulo. 1998.

AZEVEDO, Aloísio. O Cortiço. São Paulo: Martin Claret, 2004.

BARTH, Fredrik. Grupos Étnicos e suas Fronteiras, *in* POUTIGNAT, Philippe & Jocelyne Streiff-Fenart. Teorias da etnicidade. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

BERNARDES, Lysia M. C. & Soares, Maria Therezinha de Segadas. Rio de Janeiro. Cidade e Região. Rio de Janeiro: Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural da Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1987.

BHABHA, Homi. O Local da Cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BOCAYUVA, Helena. Erotismo à brasileira. O excesso sexual na obra de Gilberto Freyre. Rio de Janeiro: Garamound, 2001.

BOURDIEU Pierre. A dominação masculina. Ed. Bertrand Brasil: Rio de Janeiro. 1999.

BOURDIEU, Pierre. Efeitos do lugar. In Bourdieu, Pierre (coord.). A Miséria do Mundo. Petrópolis. Vozes. 1997.

BROOKSHAW, David. Raça e cor na literatura brasileira. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983.

BURDICK, John. Why is the Black Evangelical Movement Growing in Brazil?. Journal of Latin American Studies, 37, pp 311-332, 2005. doi:10.1017/S0022216X05009028

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira. 2003.

CAILLOIS, Roger. Os Jogos e os Homens: A Máscara e a Vertigem. Lisboa: Cotovia, 1990.

CARDOSO, Ruth. *In* Prefácio de MAGNANI, Jorge Guilherme C.. Festa no Pedaço. Cultura popular e lazer na cidade. 2ª ed. São Paulo: EDUNESP/Hucitec, 1998.

CARNEIRO, Edison. Folguedos Tradicionais. 2ª ed. Rio de Janeiro: Funarte. 1982

CARNEIRO, Sandra Maria C. de Sá. Balão no Céu, alegria na terra. Cadernos de Folclore 35, FUNARTE. Rio Janeiro: 1986.

CARVALHO, José Jorge de. Images of Black Man in Brazilian Popular Culture. Série Antropologia nº 201, Brasília, 1996.

CARVALHO, José Murilo de. Os bestializados. O Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras. 1991.

CARVALHO, Sheila Abadia Rocha e Tatiane Cosentino Rodrigues. Raça e Gênero na Formação da Nação Brasileira. Anais do 16º Congressos de Leitura do Brasil. Campinas. 2007.

CECCHETTO Fátima. Violência e Estilos de Masculinidade no Rio de Janeiro. 1ª ed. Rio de Janeiro: FGV Editora. 2004.

CERTEAU Michel de, Giard, Luce & Mayol, Pierre. A invenção do cotidiano. 2. Morar, cozinhar. Petrópolis, RJ. Editora Vozes. 1997.

COSTA, Fernando Braga da. Homens Invisíveis: relatos de uma humilhação social.

DAMATTA, Roberto. A casa e a rua. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco. 1997.

_____. O que faz o brasil, Brasil?. Rio de Janeiro: Ed. Rocco. 1984.

DUARTE, Luiz Fernando. Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1986.

DUNEIER, Mitchell. Slim's Table: Race, Respectability, and Masculinity. Chicago: The University of Chicago Press, 1992.

ELIAS, Cosme. O samba do Irajá e outros sambas. Um estudo da obra de Nei Lopes. Rio de Janeiro: Pallas, 2005.

ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. Os Estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das Relações de Poder a partir de uma Pequena Comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2000.

EVANS-PRITCHARD, E. E. Os Nuer. Uma Descrição do Modo de Subsistência e das Instituições Políticas De Um Povo Nilota. 2ª Edição. São Paulo: Perspectiva: 1993.

FACINA, Adriana. Santos e canalhas. Uma análise antropológica da obra de Nelson Rodrigues. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2004.

FANON, Frantz. Peles Negras, Mascaras Brancas. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERNANDES, Nelson da Nóbrega. O Rapto Ideológico da Categoria Subúrbio: Rio Janeiro (1858-1945). PPGG – IGEO – UFRJ: 1995 (Dissertação de Mestrado).

FIGUEIREDO, Ângela. Relato na 1ª pessoa, vantagens de desvantagens de ser um ethnic insider. Mimeo, s/d.

FONSECA, Claudia. Família, Fofoca e Honra: A Etnografia de Violência e Relações de Gênero em Grupos Populares. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 2000.

_____. Cavalo amarrado também pasta: honra e humor em grupo popular brasileiro. Revista Brasileira de Ciências Sociais, número 15, ano 6. Fevereiro de 1991.

FOOTE-WHITE, William. Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área pobre e degradada. Rio de Janeiro: Zahar, 2005 [1943].

FREYRE, Gilberto. Casa Grande e Senzala. Editora Record, Rio de Janeiro, 1998.

FRIEDMAN, David M. Uma Mente Própria. A história cultural do pênis. Rio de Janeiro: Objetiva. 2001.

GANS, Herbert J. The Urban Villagers: group and class in the life of italian-americans. Nova York: The Free Press. 1982.

GARCIA, Antonia dos Santos. Desigualdades raciais e segregação urbana em antigas capitais: Salvador, cidade d'Oxum e Rio de Janeiro, cidade de Ogum. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Garamond Ltda, 2009.

GEERTZ, Clifford. O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa. 2ª ed. Petrópolis: Vozes. 1999.

_____. A Interpretação das culturas, Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GIDDENS, Anthony. A transformação da intimidade. São Paulo: Ed. Unesp, 1994.

GILMORE, David. Hacerse hombre. Concepcione culturales de la masculinidad. Buenos Aires: Paidós. 1994.

GOFFMAN, Erving. Representação do eu na vida cotidiana. Rio de Janeiro: Vozes. 1999.

GRAZIELA, Laura F. Gomes. Novela e sociedade no Brasil. Niterói: EDUFF. 1998.

GILMAN, Sander. Freud, Raça e Sexos. São Paulo: Imago, 1994.

GUEDES, Simoni Lahud. O trabalho de campo antropológico em bairros de trabalhadores: das etnografias "clássicas" às novas estratégias de pesquisa. Texto apresentado na Mesa

Redonda "Etnografias: Horizontes en la Construcción de Conocimiento". Na V Jornadas de Investigación em Antropología Social. Universidad de Buenos Aires, 20 de novembro de 2008.

_____. Redes de parentesco e consideração entre trabalhadores urbanos: tecendo relações a partir de quintais. Cadernos do CRH (UFBA), Salvador, Bahia, n. 29, p. 189-208, 1998.

_____. Jogo de corpo: Um Estudo de Construção Social de Trabalhadores. 1. ed. NITERÓI: EDUFF, 1997.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio. Classes, Raças e Democracia. Classes, raças e democracia. São Paulo: Editora 34, 2002.

GUTMANN, Matthew. Traficando con hombres: la antropología de la masculinidad. In Revista La ventana. México: U. de Guadalajara. 1998.

_____. Los hijos de Lewis: la sensibilidad antropológica y el caso de los pobres machos. Alteridades, 1994 4 (7): Págs. 9-19.

_____. The meanings of macho. Being a man in México City. University of Califórnia Press: Los Angeles. 1996.

HALL, Stuart. Da diáspora: identidade e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG / Brasília: UNESCO. 2003.

HANCHARD, Michael George. Orfeu e o poder. Movimento negro no Rio e São Paulo (1945 – 1988). Rio de Janeiro: EdUerj, 2001.

HERDT, Gilbert (editor). Third Sex, Third Gender: Beyond Sexual Dimorphism in Culture and History. New York: Zone (MIT), 1993.

HERTZ, Robert. A preeminência da mão direita: um estudo sobre as polaridades religiosas. Revista Religião e Sociedade, v. 6, 1980, p. 99-128.

HUTCHINSON, Earl Ofari. The Assassination of the Black Male Image. New York: Touchstone Book, 1996.

JACOBS, Jane. Morte e vida de grandes cidades. Martins Fontes Editora. 2ª ed. 2003.

KIMMEL, Michael. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v.4, n. 9, p.103-117, 1998.

LAQUEUR, Thomas. Inventando o sexo. Corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2001.

LEEDS, Anthony & Leeds, Elizabeth. A sociologia do Brasil urbano. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

LEIBOW, Elliot. Tally's Corner: A Study of Negro Streetcorner Men. Boston: Little, Brown, 2000.

LEITÃO, Wilma Marques. Rivalidade cultivada, conflito e unidade social num bairro carioca. Rio de Janeiro: Comum, v.9 - nº 22 - p.173 a 197. Jan/jun 2004.

LEITÃO, Wilma Marques. Ilha de Paquetá: cotidiano e história social de um bairro carioca. PPA/UFRJ: 2003 (Tese de doutorado).

LEIRIS, Michel. Espelho da Tauromaquia. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

LINS, Paulo & SILVA, Maria de Lourdes da. Bandidos e Evangélicos: extremos que se tocam. Religião e Sociedade, Rio Janeiro. 1990.

LOBATO, Moteiro. A barca de Gleyre. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1944.

LOPES, Nei. O Negro no Rio Janeiro e sua Tradição Musical: Partido-Alto, Calango e outras cantorias. Rio de Janeiro: Pallas: 1992.

MAGNANI, Jorge Guilherme C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. São Paulo: RBCS Vol. 17 nº 49 Junho. 2002.

_____. Festa no Pedaço. Cultura popular e lazer na cidade. 2ª ed. São Paulo: EDUNESP/Hucitec, 1998.

_____ & Lillian de Lucca Torres (org.). Na metrópole textos de antropologia urbana. São Paulo, EDUSP/FAPESP, 1996.

_____. Discurso e representação ou De como os baloma de Kiriwana podem reencarnar-se nas atuais pesquisas. In: CARDOSO, Ruth (Org.) A aventura Antropológica. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. (p.127-140).

MAIO, Marcos Chor. O Projeto Unesco e a agenda das ciências sociais no Brasil dos anos 40 e 50. Rev. bras. Ci. Soc., São Paulo, v. 14, n. 41, Oct. 1999.

MAUSS, Marcel. Ensaios de sociologia. São Paulo: Perspectiva, 1999.

MIRANDÉ, Alfredo. Hombres y machos. Masculinity and Latino Culture. Colorado: Westview Press. 1997.

MORRIS, Fredric. A geografia social do Rio de Janeiro. In RBG, ano 35 (1). Rio de Janeiro: IBGE, 1973.

MOURTINHO, Laura. Razão, "cor" e desejo: afetivo-sexuais. Campinas: Unesp. 2004

NIEMEYER, Ana Maria de e Emilia Pietrafesa de Godoi (org.) Além dos Territórios – para um dialogo entre a etnologia indígena, os estudos rurais e os estudos urbanos. Mercados das Letras. Campinas: 1998.

NOGUEIRA, Oracy. Tanto preto quanto branco: estudos de relações raciais. São Paulo: T. A. Queiroz. 1979.

NOLASCO, Sócrates. De Tarzan a Homer Simpson. Banalização da Violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais. Rio de Janeiro: Rocco. 2001.

_____. O Mito da Masculinidade. Rio de Janeiro: Rocco. 1993.

OLAVO Bilac *in* A Festa da Penha citado in SOIHET, Rachel, A subversão pelo riso. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

OLIVEIRA, Pedro Paulo. A construção social da masculinidade. Belo Horizonte: Editora UFMG/Rio de Janeiro: Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro. 2004.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. O Oficio do Antropólogo. 2ª ed. Revista para o autor. São Paulo. 2000.

ORTIZ, Renato, Silvia Helena Simões Borelli e José Mário Orti. Telenovela - História e Produção. 2ª. São Paulo: Editora Brasiliense. 1989.

ORTNER, Sherry B. Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura? *In*: ROSALDO, Michelle; LAMPHERE, Louise (orgs.). A mulher, a cultura e a sociedade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 95-120.

OSÓRIO, Andréa. A Geografia Corporal dos Espaços Abertos: reflexões sobre o corpocarioca [on-line] In: OS URBANITAS - Revista de Antropologia Urbana Ano 2, vol.2, n.1. Disponível em http://www.osurbanitas.org/osurbanitas2/nomedoarquivo.html. Internet, 2005. Capturado em 31/10/2009.

PEIRANO, Mariza. A favor da etnografia. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

_____. A alteridade em contexto: a Antropologia como Ciência Social no Brasil. Série Antropologia, nº 255. Brasília: Universidade de Brasília. 1999.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. Cacique de Ramos, Uma História que deu Samba, Rio de Janeiro: E-papers Serv. Editoriais, 2003.

PERLONGHER, Nestor. O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo, 2ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

PEREIRA, Amauri Mendes. Trajetória e Perspectivas do Movimento Negro Brasileiro. Rio de Janeiro. ALERJ – Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro. 2005

PINTO, L. A. Costa. O Negro no Rio de Janeiro. Relações de raças numa Sociedade em mudança. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora de UFRJ. 1998.

PITT- RIVERS, J. A. Los Hombres de la Sierra. Ensayo Antropologico sobre un Pueblo de Andalucia. Barcelona, Grigalbo. 1971

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. Secretario Municipal de Urbanismo. Instituto Pereira Passos. Coleção estudos da cidade - Notas Técnicas nºs 6 e 7: Jacarepaguá e Irajá. Publicado em Rio Estudos nº 97, março de 2003.

_____. A distribuição de renda no Rio de Janeiro. Rio Estudo nº 10, Secretaria Municipal de Urbanismo. Instituto Pereira Passos, Diretoria de Informações.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. Estrutura e Função nas Sociedades Primitivas**.** Lisboa: Edições 70, 1989

RAMÍREZ, Rafael. Dime capitán: Reflexiones sobre la masculinidad. Río Piedras: Ediciónes Huracán. 1999.

RAMOS, Roberto. Grã-Finos na Globo Cultura e Merchandising nas Novelas. Rio de Janeiro: Editora Vozes. 1986.

RIVERO Patrícia e Rute Imanishi. Segregação Territorial e Violência no Município do Rio de Janeiro. Os dados apresentados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA): Rio de Janeiro. 2007.

ROCHA, Oswaldo P. A era das demolições: Cidade do Rio de Janeiro (1870-1920). Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1995.

ROLNIK, Raquel. Territórios negros nas cidades brasileiras - Etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Estudos Afro-asiáticos nº. 17, 1989.

ROTONDI, Gabriela. Pobreza y masculinidad: El urbano marginal. Buenos Aires: Espacio Editorial, 2000.

SAID, Edward W. Orientalismo, o Oriente como invenção do Ocidente. Sao Paulo: Companhia das Letras. 2006.

SANSONE, Livio. As relações raciais em Casa Grande e Senzala revisitadas à luz do processo de internacionalização e globalização. *In* MAIO, M. Chor & SANTOS, R. Ventura (orgs.), Raça, ciência e sociedade. Rio de Janeiro: Fiocruz. 1996.

SANTOS, Carlos Nelson F. dos (org), VOGEL, Arno e MELLO, Marco Antonio da Silva de. Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivos em um centro de bairro. 3a ed. São Paulo: Projeto FINEP/IBAM, 1985.

SARTI, Cynthia Andersen. A Família Como Espelho - Um estudo sobre a moral dos pobres - 2ª ed. São Paulo: Cortez. 2003.

SCHWARCZ, Lilia M. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930. São Paulo: Cia. das Letras. 1993.

SILVA, Luiz Antonio Machado da. O significado do botequim. *In* HOGAN, Daniel J. KOWARICK, Lucio SILVA, Luiz Antonio Machado da et al. Cidade: usos e abusos. São Paulo: Brasiliense. 1978.

SILVA, Joselina da. Renascença, lugar de negros no plural: construções identitárias em um clube social de negros no Rio de Janeiro. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais. Rio de Janeiro, 2000.

SIMMEL, G. A natureza sociológica do conflito. In: E. Morais (Org.). Simmel: sociologia. São Paulo: Editora Ática, 1983.

SKIDMORE, T. Preto no branco. Raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

SOUZA, Rolf Ribeiro de. A Confraria da Esquina: o que os homens de verdade falam em torno de uma carne queimando. Etnografia de um churrasco de esquina no subúrbio carioca. Rio de Janeiro: Editora Bruxedo, 2003.

_____. Os riscos de ser um homem negro no subúrbio do Rio de Janeiro. Trabalho aceito no II Congresso Latino-americano de Gênero e Religião a ser realizado na Escola Superior de Teologia – São Leopoldo/RGS em 16 a 18 de agosto de 2006.

_____. O Mito da Imunidade do Heterossexual Masculino Negro – II Seminário O Impacto do HIV/AIDS na População Afrodescendente – Projeto Arayê/ABIA – Junho de 1998.

SOVIK, LIV. Aqui ninguém é branco: Hegemonia branca e media no Brasil. In: Ware Vron

(organizadora): Branquidade: identidade branca e multiculturalismo. Rio de Janeiro:

Garamond, 2004.

TAVARES, Julio César. Olhar etnográfico e a pesquisa em comunicação: o trabalho de campo, as clínicas evocativas. Niterói: Contracampo: Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFF:, v. 5, pp.67/87, 2000.

THIAGO DE MELLO, Pedro Paulo. Pendura essa: A complexa etiqueta na relação de reciprocidade em um botequim do Rio de Janeiro. Niterói: Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Ciência Política (PPGACP) da Universidade Federal Fluminense (UFF), como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: Antropologia Social. 2003

VALLADARES, Lícia. Passa-se uma casa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1978.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. Senhores de si. Uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa: Fim do Século. 1995.

VELHO, Gilberto. A Utopia Urbana: um Estudo de Antropologia Social. Rio de Janeiro: Zahar. 1975.

WACQUANT, Loïc. Corpo e Alma Notas Etnográficas de um Aprendiz de Boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 2002.

YOUNG, Robert. O Desejo colonial, hibridismo em teoria, cultura e raça, São Paulo: Perspectiva. 2005.

ZALUAR, Alba. A máquina e a revolta. São Paulo: Brasiliense, 1985.